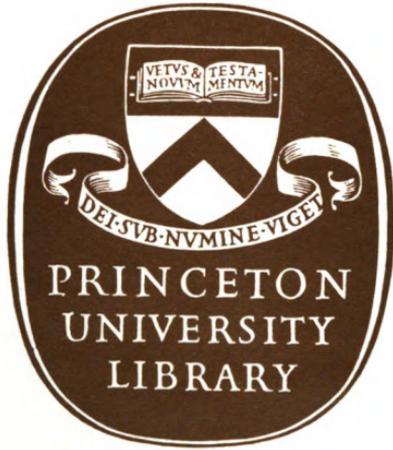




32101 076367539



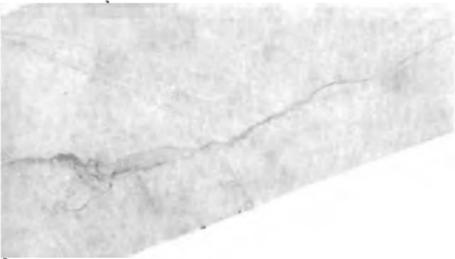


14

CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA.

Typ. de B. de Mattos.
Rua da Paz 3.



FICHADO

CURSO DE LITTERATURA

X
PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

PROFESSADO

POR

FRANCISCO GONCALVES DOS REIS.

NO

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

PROVINCIA DO MARANHÃO

DEDICADO PELO AUCTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO

O DR. PEDRO NUNES LEAL.

*Wilson de Azevedo
de Azevedo, 18, 188.*

TOMO PRIMEIRO,

MARANHÃO.

MDCCLXVI.

(RECAP)

PQ9011

.R447

1866

v.1

Ô Auctor reserva-se o privilegio da sua obra,
que não poderá ser reimpressa sem o seu con-
sentimento.



INTRODUÇÃO.

O espaço de mais de tres seculos que abrange este primeiro volume do Curso de Litteratura, que sahe actualmente á luz, é sem duvida o periodo litterario menos importante no que se refere ao merito intrinseco dos auctores, mas o mais certamente no que respeita á formação e aperfeiçoamento da lingua, que todo o litterato deve conhecer a fundo. É o menos importante quanto ao primeiro ponto, porque apenas conta dois poetas dignos deste nome, Bernardim Ribeiro e Gil Vicente, e tres prosadores distinctos por seu talento, el-rei D. Duarte, Azurára e Bernardim Ribeiro: o mais quanto ao segundo, porque a lingua

~~ANNEX A~~

93000 14880
1129/Annex
R1237416

que nascêra em fins do XII ou princípios do XIII, se desenvolveo e polio durante elle a ponto de ser o idioma culto em que Camões que com Ferreira começa o segundo periodo litterario, compoz os seus Luziadas, e João de Barros que é tambem o primeiro prosador do mesmo, escreveo as suas Decadas da Asia, ou Historia dos feitos dos Portuguezes na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente.

Nas sete prelecções que se seguem á primeira que serve de discurso preliminar, tratei largamente desta questão da formação e aperfeiçoamento da lingua, mas ahi só mencionei alguns documentos do tempo d'el-rei D. Affonso Henriques, como a canção que se attribue a este principe, a de Egas Moniz Coelho, e a que começa no «Figueyral figueyredo,» sem transcrevel-os, porque em nada esclarecião a questão, sendo que tanto podem provar em favor do Galego, como do Portuguez mal distincto d'elle que então se fallava, pois este só no seculo seguinte começou a differençar-se bem do Castelhana. Como porem pode haver quem delles queira ter conhecimento, aqui os transcrevo de M. Ferdinand Denis que os traz nas notas juntas ao seu «Resumo da Historia Litteraria de Portugal e do Brazil.»

Eis um trecho da canção de D. Affonso Henriques
à sua mulher, composta segundo se diz em 1121:—

Tinhera bos, non tinhera bos
Tal a tal ca monte ?
Tinharedesme, não tinharedesme
De la vinherades, de ca filharedes
Cá amabia tudo em soma.

Canção de Egas Moniz Coelho que vivia no reinado
de D. Affonso Henriques morto em 1185:—

Fincaredes bos em bora
Tam coitada
Que ei boyme por Ahifóra
De longada
Sai-se o vulto de meu corpo.
Mas ei non
Cá os çoccos vos fica morto
O coração.
Se pensades que ei me vô
No lo pensedes
Que em vos chantado estó
A nom me vedes
Mei jazido et mei amar
Em vos acara
Grenhas tendes d'espelhar
A lusia Cara

VIII

Nom farom estes meus olhos
Tal abesso
Que esgravissem os meus dolos
Da compeço
Mas se ei for pera mondego
Pois lá vó
Carulhas me façom cego
Como ei só
Se das penas do amorio
Que ei retouço
Me figerem tornar frio
Como ei ouço
Amademe se queredes
Come lusco
Se nom torvo me acharedes
A mui fusco
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde
Nom asmeys vos de queymardes
Isto que arde
Hora nom leixedes nom
Ca sois garrida
E se nom Cristeleison
Per inha vida.

**Fragmento de Canção anonyma, a que se attribue
a data de 1112:—**

IX

No figueyral figueyredo
A no figueyral entrey
Seis ninas encontrára
Seis ninas encontrey
Pera ellas andára
Pera elles andey.
Lhorando as aschára
Lhorando as achei
Logo lhes pescudára
Logo lhes pescudey
Quem as maltratára
Y a tom mala ley.

Estas reliquias de documentos cuja authenticidade é mais que duvidosa, e das quaes a primeira e a ultima me parecem ainda Galego puro, tem apenas o valor de meras curiosidades litterarias, compostas em lingua que não se pode bem determinar qual seja, si o Castelhana, si o Portuguez, cujo primeiro monumento escripto incontestavel é e será o Cancioneiro d'el-rei D. Diniz, em quanto não apparecer outro que o preceda em antiguidade, apresentando os mesmos caracteres de verdade.

A taes fragmentos accrescentarei todavia um que merece mais attenção pela sua forma portugueza, que os anteriores. Consta elle de quatro oitavas de um poe-

ma sobre a occupação da Hespanha pelos Arabes, cujo manuscripto, deteriorado pela humidade, se encontrou no castello de Louzan, quando este foi em 1187 tomado por el-rei D. Sancho I.

Eil-o:—

O Rouço da cava impria de tal sanha
 A Juliam et horpas a saa grey daninhos,
 Que em sembra có os netos de agar fornezinhos
 Huã atimaron prasmada fazanha
 Ca muza, et zariph com basta campanha
 De juso da sina do Miramolino
 Co falça infançon, et prestes maligno
 De cepta aduxerom ao solar de Espanha.

E perque era força, adarve, et foçado
 Da Betica Almina, e o seo Casteval
 O Conde per encha, e pro comunal
 Em terra os encreos poyarom a saagrado
 Et Gibraltar, maguer que adordado
 Et có compridouro per saa defenson
 Pelo susodeto sem algo de afom
 Presto foy d'elles entrado et filhado.

Et os ende filhados leaes á verdade
 Os hostes sedentos do sangue de onjudos
 Metero á cutelo après de rendudos.

XI

Sem esguardarem á seixo nem idade
Et tendo atimada a tal crueldade
O templo e orada de deos profonarom
Voltando em mesquita hu logo adorarom
Sa besta mafoma a medés maldade.

O gazu, et assalto que os da alevosia
Tramarom, per voltos de algós sayons.
Co'os dous almirantes da hoste mandoms
Quedarom com farta soberba et folia.
Et algesiras que o medés temia
Per ter a maleza cruenta sabuda
Mandou mandadeyro como era teuda
Ao rouzom do rey que en Toledo sia.

É pena que deste poema encontrado no castello de Louzan, obra já de algum vulto, e anterior ao Cancioneiro citado, apenas fossem legiveis as quatro estancias que aqui dou; pois por elle, si se achasse completo, se poderia fazer idéa da verdadeira época em que começou a formar-se o nosso idioma, ou em que elle entrou a distinguir-se do Castelhana, que se falava a principio nos dominios do conde D. Henrique, pae do fundador da monarchia portugueza. Dou mais peso á este fragmento, que aos precedentes, porque nelle já é constante a forma portugueza do artigo e

outras partes da oração. Mas ainda assim nunca a formação da lingua podia remontar alem do seculo XII, ou do reinado de D. Affonso Henriques, visto como no anno de 1093 é que se fundou de parte da monarchia leoneza o condado portugalense, origem do actual reino de Portugal. É pois este fragmento de data evidentemente posterior á dos tres primeiros citados.

Seja porem como fôr, o que é incontestavel é que o Portuguez, o mais moderno de todos os idiomas que procedem do Latim, se formou, polio, e tornou lingua culta no espaço de quatro seculos incompletos, como se evidencêa de sua litteratura que logo no principio do segundo periodo litterário começou a dar brado na Europa nas obras dos dois aucfores mencionados que forão os mais notaveis do seu seculo, e dos quaes o primeiro não tem superior na poesia épica.

O Portuguez é tambem de todos os modernos idiomas derivados do Latim, o que mais se assemelha á este na estructura das vozes e na indole, como demonstro na prelecção segunda, e o attestão algumas passagens compostas por curiosos, as quaes tanto se podem ler na lingua mãe como na derivada, e

de que aqui produzo um exemplo, extrahido de Manoel Severim de Faria no seu elogio á lingua portugueza. Eil-o:—

O quam gloriosas memorias publico considerando quanto vales, nobilissima lingua. Cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflamas ! quam altas victorias procuras. Quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa et de metro tantas elegancias latinas.

Esta analogia tão perfeita com o Latim, na qual leva o Portuguez vantagem a todos os idiomas da mesma filiação, provem, quanto a mim, de se haver elle, por isso mesmo que é o mais moderno dos seus analogos, polido e aperfeiçoado, já quando, desde a invasão dos barbaros que destruirão o imperio romano, se entrou a fazer um estudo serio do Latim em toda a Europa e por conseguinte em Portugal, ou depois do restabelecimento das lettras na Italia, ao passo que o Italiano, e ainda o Hespanhol, erão antes disso linguas cultas, não podendo o Francez offerecer argumento em contrario, porque foi refeito do antigo Romance, ou lingua romana, que precedeo á sua forma-

ção. Coincide esta minha opinião com o facto incontestavel de se haver o Portuguez que era á principio uma verdadeira algaravia, aproximado tanto mais do Latim, quanto mais se polio.

Analyso neste periodo alguns auctores de merito litterario mui somenos contra o plano que concebi, ou porque só nelles se podem bem conhecer as diversas modificações, pelas quaes foi passando o Portuguez que devia fixar-se no seguinte periodo com o apparecimento dos Luziadas de Camões, e cujo primeiro balbuciar e crescente desenvolvimento importa não perder de vista, ou porque com seus escriptos, bem que mediocres, derão algum passo nas vias do progresso artistico. D. Diniz por exemplo foi não só o nosso primeiro poeta, mas o nosso primeiro escriptor, e por conseguinte só nelle se pode bem avaliar o que era a poesia e lingua portugueza do seu tempo; Sá de Miranda, poeta e prosador, foi o introductor dos metros toscanos, e de diversos generos de poesia, bem como da comedia classica, e como tal só elle nos pode dar idea dos primeiros acanhados passos da arte nascente; Garcia de Resende, chronista, escreveu em uma época em que a lingua passou por notavel modificação, a qual só na sua prosa rasteira comparada

com a poetica de Bernardim Ribeiro, seu contemporaneo, se pode bem apreciar.

Nos periodos subsequentes porem, ou depois que a lingua se fixou, e a arte foi levada ao seu auge, circumscrevo, como é de razão, a minha analyse ás verdadeiras producções do genio, ou ao que escrevê-rão de melhor os principaes poetas e prosadores, cuja licção é a mais proveitosa, ou para bem dizer a unica em que se pode aprender a formar o gosto. Analysar indistinctamente as obras dos escriptores de qualquer lingua seria trabalho, sobre superior ás forças de um só homem, sem utilidade real para a mocidade estudiosa, á qual só se deve apontar o melhor caminho a seguir. Assim todos os que o tentárão, não teem feito mais que dar-nos resumos superficialissimos, em que pouco ou nada ha que aprender; porque o exame que podia ser proveitoso, concentrado nas melhores obras de algumas dezenas de auctores escolhidos, torna-se summamente ligeiro e infructifero, estendido a todas e quaesquer de centenas e centenas delles.

Não quero com isto dizer que seja completo o meu trabalho debaixo do ponto de vista em que o concebi; não, não nutro semelhante vaidade; o que apresento é apenas um imperfeito ensaio cuja idea me foi sus-

citada pela leitura das obras de alguns modernos litteratos francezes; ensaio que pode ser melhorado pelos que depois de mim trilharem a mesma estrada. A questão é unicamente de methodo no inspirar amor ao estudo das bellas lettras, sem cujo conhecimento não pode haver solida educação civil e scientifica. Pode ser que eu esteja enganado, mas parece-me que o methodo seguido até hoje nos dois paizes de lingua portugueza não é o mais apropriado ao fim que se tem em vista.

Em razão das prelecções sobre a lingua que com o discurso preliminar occupão toda a primeira secção ou oitenta e seis paginas, não poude este volume a que aliás acresce a introducção actual, comprehender mais de um periodo litterario ou de um livro, pois para isso seria necessario que fosse a perto de seiscentas paginas; mas o segundo que já se acha no prelo, e não será precedido de introducção alguma de vulto; constará de dois periodos litterarios, ou de dois livros, e pela ventura dos mais interessantes desta obra.

Nos extractos dos auctores deste periodo sigo á risca a orthographia de que usárão, porque é ella o mais seguro indicativo da pronuncia do Portuguez

XVII

no tempo em que florecêrão, sendo certo que a lingua soffreo graves alterações nesta que foi evidentemente acastelhanada nas épocas mais visinhas de sua formação, como devia ser. Nos dos auctores mais antigos as vogaes dobradas como, *aa*, *oo*, são signal de syllaba longa, e o til tão frequente por cima da vogal o é de sòm nasal, que nem sempre vai convenientemente no tado por falta de vogaes com o til.

Esta pronuncia acastelhanada conservou-se na lingua ainda em tempos posteriores áquellas épocas, como o attesta, alem de outros indicios orthographicos, a terminação dos nomes e terceiras pessoas dos verbos em, *om*, que só do ultimo quartel do seculo XV em diante se converteo em, *ão*. As mesmas obras dos poetas portuguezes da primeira metade do seculo XVI estão tambem cheias de poesias em Castelhana, o que prova que esta lingua era então mui conhecida e estimada em Portugal. O sr. Varnhagem que viajou pela Hespanha e esteve na Galiza diz no seu Florelegio da Poesia Brazileira que o accento do Brazil acastelhanou-se muito, logo desde o principio. Eis as suas palavras:

«Antes de passarmos adiante, diremos em poucas palavras a nossa opinião acerca do accento do Brazil,

XVIII

que não obstante variar em algumas entoações e caçoetes segundo as provincias, tem sempre certo *amanheirado*, differente do *accento* de Portugal, pelo qual as duas nações se conhecem logo reciprocamente. . . . Alguma observação a este respeito nos chegou a convencer, que as differenças principaes que se notão na pronunção brasileira, procedem de que a lingua portugueza no Brazil, desde o principio se *acastellhannou* muito.»

A observação porem refere-se sem duvida ao *accento* dos brasileiros do sul, e principalmente de S. Paulo que foi a provincia do Brazil que primeiro se povoou, porque no Norte, e com especialidade no Maranhão, ultimamente povoado, o *accento* é *aportuguezado*; pois, para servir-me do proprio exemplo que traz mais adiante o auctor citado, dizemos, *u bobu*, como os Portuguezes, e não, *ô bobô*, como os Paulistas.

Accrescentarei agora algumas palavras sobre a origem deste livro que me constitúe auctor de mais uma obra que estava longe de propôr-me, e que por direita razão dedico ao meu amigo o Sr. Dr. Pedro Nunes Leal, pois a não ser elle que instantemente me convidou a ler na cadeira de litteratura, creada no Instituto de Humanidades de que é mui digno direc-

tor, vencendo a minha repugnancia a fazel-o, nunca teria certamente existido. Assim si algum merito tiver esta obra que offereço ao Publico mais confiado em sua benevolencia, que no cabedal das proprias luzes, a elle principalmente deve ser attribuido, que me animou a emprehender um trabalho provavelmente superior ás minhas debeis forças, mas que tenho me esforçado por desempenhar com a melhor vontade, se não com a sufficiencia desejavel.

Do livro cahe naturalmente o discurso sobre o estabelecimento de instrucção que é em ultima analyse a causa efficente delle, por ser aquelle onde se dá o curso por mim professado, o qual, alem da litteratura portugueza e brazileira que actualmente se publica, deve comprehender tambem a antiga, biblica e classica, que reservei para depois da primeira.

O Instituto de Humanidades, cujo progresso tem sido constante desde a época de sua fundação, é hoje um dos melhores estabelecimentos de educação do Brazil em tudo o que respeita o regimen economico e disciplinar, e o unico de empreza particular que mantem uma cadeira de litteratura, tanto para seus alumnos, como para aquelles que querem assistir ás respectivas prelecções, pois não consta até agora que

haja outro no imperio que o faça. Iniciado em todos os melhoramentos da educação da mocidade nos paizes mais cultos da Europa, e inteiramente dedicado ao fim que se propoz, o seu illustrado e infatigavel director não olha para realisa-los aqui á sacrificios actuaes que podem ser compensados no futuro com o credito crescente da instituição que se acha em bom pé de prosperidade.

Distingue-se ainda este estabelecimento por comprehender no seu plano geral de estudos, que é completo para a instrucção primaria e secundaria aperfeiçoada, que nelle se recebe de professores escolhidos, uma cadeira de grammatica geral applicada á lingua portugueza, cujo estudo é mui pouco cultivado no Brazil, que havendo dado tão largos passos nas vias do progresso intellectual, como o attesta a sua nascente e já brilhante litteratura, tem-se nisto descuidado de collocar a par de Portugal, onde se faz um estudo muito mais serio e refletido da lingua que fallamos, e devemos saber com perfeição.

O conhecimento aperfeiçoado da lingua deve acompanhar todos os outros, que nunca podem ser cabaes sem elle; e admira que o nosso governo tão solícito em promover entre nós todo e qualquer genero de conhe-

cimentos humanos, se tenha descuidado deste que é um preliminar indispensavel para os mais. O Maranhão felizmente que á nenhuma outra provincia do imperio cede em bons desejos de caminhar para diante nas vias do progresso intellectual, conta dois estabelecimentos disciplinares para o estudo especial da lingua, um no lyceo, outro no Instituto de Humanidades, completado pelo actual curso de litteratura.

Não obstante ser o Maranhão uma provincia de segunda ordem, e inferior a muitos respeito á outras do imperio, seria muito para desejar, no interesse do progresso das lettras, que as suas irmãs a imitassem no amor ao estudo da lingua materna e litteratura que della dimana: o melhor, e com especialidade em materia de progresso intellectual, deve ser sempre adoptado em qualquer parte que se encontre, sem que d'ahi venha o menor desar a quem o adopta.

Um estabelecimento de instrucção com tantas condições vantajosas para a educação da mocidade como o Instituto de Humanidades, fundado pelos esforços de um só homem, e sem a menor protecção do governo, n'uma provincia que não conta aliás com os recursos das de primeira ordem do imperio, prova com toda a evidencia quanto se podia fazer no Brazil em benefi-

cio do progresso intellectual, si o ensino fosse mais bem dirigido e regulado, partindo o impulso dos supremos poderes do estado.

LIVRO I.

SECÇÃO PRIMEIRA.

Discurso preliminar, que comprehende a definição, divisão, objecto e fim da litteratura, bem como o melhor methodo de a ensinar e aprender em cursos, em que se comece a analyse pelos poetas que em quasi todas as litteraturas precedêrão aos prosadores—Introducção sobre a lingua em sete licções ou discursos, que comprehendem a origem, formação, polimento, fixação, florescimento, decadencia, restauração, ou todas as alternativas de progresso e decadencia da lingua portugueza desde a época de sua formação em fins do seculo XII ou principios do XIII até meiodos do seculo IX, ou até nossos dias, acompanhando sempre as da litteratura, e da existencia politica da nação, com a enumeração dos principaes poetas e prosadores, que a polirão, fixarão, abrilhantarão, corrompêrão, restaurarão, e um juizo succinto sobre os mesmos.

LICÇÃO I.

Bem ou mal collocado nesta cadeira, terei, senhores, de occupar a vossa attenção com uma serie de prelecções sobre litteratura, assumpto tão importante como elevado, porque respeita essencialmente á cultura da intelligencia, ou ao que ha mais nobre no homem, e o assemelha á divindade. A tarefa de que me encarreguei por convite do illustrado director do *Instituto de Humanidades*, o sr. dr. Pedro Nunes Leal,

para desenvolvimento dos alumnos mais adiantados do estabelecimento, é sem duvida superior ao fraco cabedal de luzes de que posso dispôr; mas intimamente convencido de que ensinar é aprender, farei os possíveis esforços para dar cumprimento ao que de mim se exige, appellando para vossa benevolencia, que me desculpará os erros para attender unicamente aos bons desejos de que me acho possuido. Peço pois a vossa benevola attenção por alguns momentos.



A litteratura como o está indicando a palavra latina *littera* donde vem, é a expressão dos conceitos, sentimentos e paixões do espirito humano, por meio da palavra escripta. Mr. de Bonald, *litterato* distincto, a define mais concisamente por este modo: «*A litteratura é a expressão da sociedade.*» Mr. de Lamartine, *litterato* não menos distincto que o primeiro, a define por est'outro modo: «*A litteratura é a expressão memoravel do homem transmittida ao homem por meio da palavra escripta.*»

Estas definições, posto que diversas nas palavras, estão nada obstante de acordo na essencia, por isso que todas, e cada uma dellas, comprehendem todo o definido, e só o definido.

A palavra litteratura pois tomada em sentido lato abrange todos os conhecimentos humanos, porque tudo quanto o homem cogita e inventa, escreve e publica

em relação ao mundo intellectual, cahe sob o dominio da litteratura, e é objecto de estudo para o litterato. Debaixo deste amplo ponto de vista a litteratura é uma verdadeira iniciação em todas as artes e sciencias, e a profissão do litterato um dos sacerdocios mais augustos, de que possa ser investido o homem para pro-veito do homem.

Já vêdes que vastissimo é o campo á percorrer para os que se propoem o estudo das lettras, porque não tem elle outros limites, senão o que resta inventar, conhecer e aprofundar no mundo intellectual.

Muitos litteratos porem, e com especialidade dos que teem tratado ex-professo da materia, concordão em distinguir a litteratura das sciencias e da erudição propriamente dita, limitando-a unicamente ao estudo d'aquelle ramo de conhecimentos nossos, a que se dá o nome de humanidades ou bellas lettras, isto é, ao estudo da poesia, da eloquencia, da historia.

Ainda tomada a palavra neste sentido restricto, são preliminares indispensaveis ou antes parte integrante da litteratura:—a gramatica geral ou estudo comparado das linguas, a philosophia ou sciencia dos principios, a historia, a critica, a rhetorica, a geographia, a arithmetica, a geometria, e noções elementares de todos os outros conhecimentos.

Assenta a necessidade desta distincção na limitação de nossas faculdades e na curta duração da vida do homem, o qual distrahido por mil occupações diversas, não tem tempo para adquirir todos os conhecimentos,

que são do dominio da litteratura, mas unicamente aquelles, que estão em relação mais immediata com a humanidade. Assim poucos são os homens privilegiados, que entre o grande numero de litteratos antigos e modernos, se teem effectivamente distinguido pela universalidade de seus conhecimentos.

Limittado a um campo menos vasto, e por consequente muito mais facil de percorrer em todos os sentidos, muito mais possivel tambem se torna o estudo serio, aprofundado e proficuo da litteratura, no meio das diversas occupações sociaes que absorvem grande parte da vida do homem. Eis a vantagem da distincção a que me refiro. Tempo virá certamente em que os conhecimentos humanos se generalisem por tal forma com o progresso da civilisação, que o litterato seja erudito, e o erudito litterato.

A litteratura em ultima analyse é a expressão do bello intellectual por meio da palavra escripta, assim como a virtude é a expressão do bello moral por meio da pratica.

O fim da litteratura é instruir deleitando, ou tornar por um trabalho tão proveitoso como agradável o homem melhor, e mais habil á preencher os seus deveres para com Deus, para com a sociedade, e para consigo mesmo, pondo-lhe constantemente diante dos olhos o prototypo do bello, do grandioso, do sublime, do justo, do honesto.

Para os que as estudão com proveito, são as letras uma util occupação na mocidade, um poderoso

recurso na virilidade, uma doce consolação na velhice; acompanhão-nos por toda a parte em quanto vivos, fazem-nos depois de mortos viver na memoria dos outros homens; não se perdem como os bens da fortuna, nem como a consideração proveniente dos cargos publicos ou da posição social; o que possúe cabedal de letras pode dizer com o sabio da antiguidade: *Omnia mea mecum porto*, o que é meu trago comigo.

Dividem alguns a litteratura em litteratura classica e litteratura romantica.

A litteratura classica é filha do acurado estudo, e da bem entendida imitação dos grandes modelos da litteratura grega e romana.

A litteratura romantica é filha da inspiração christã, e do espirito cavalleiroso e aventureiro que dominou na idade media desde o reinado de Carlos Magno até o tempo das cruzadas inclusive.

A palavra classica tem a sua origem na exposição que se faz nas classes escollares dos escriptores da antiguidade, que por seu subido merito litterario e incontestavel auctoridade podem servir de modelos.

A palavra romantica tem a sua origem na lingua *romance* ou *romana*, que substituiu o Latim em alguns paizes da Europa, dominados outr'ora pelos Romanos, ou na lingua em que os trovadores da idade media escreverão as suas composições.

Esta divisão porem tem o inconveniente de excluir a litteratura biblica, aliás importantissima por sua

elevação, magestade e belleza, para todos os que se dedicão ao estudo das humanidades.

Assim é muito mais conforme ás leis da bôa critica dividir a litteratura em litteratura biblica, litteratura classica, e litteratura romantica, porque cada uma dellas apresenta feições caracteriscas, que lhe são proprias, ou um certo cunho particular, por onde se distingue das outras.

A litteratura deve comprehender essencialmente o estudo da historia litteraria, e o das producções do genio em diversas épocas, ou obras dos grandes modelos em poesia, em eloquencia, em historia, e ainda em sciencias, porque sem um estudo minucioso e acurado que nos identifique com os modelos que se nos offerecem, embebendo-nos, para assim dizer, em seu espirito, nunca chegaremos á fazer solidos progressos em bellas lettras.

O defeito de muitos que teem escripto sobre litteratura, e com especialidade em Portuguez, consiste em se terem limitado quasi exclusivamente á primeira parte, sem se fazerem cargo de explicar convenientemente a segunda, a mais importante sem duvida para os que se propõem este genero de estudos, os quaes, privados da exposição della, ficão como á entrada do templo das artes e sciencias, cuja fachada e vestibulo admirão, sem poder penetrar-lhe o santuario.

Os Francezes modernos, e nomeadamente Mr. Villemain, teem comprehendido melhor a necessidade de fazer um estudo sério e aprofundado desta segunda

parte, dando-nos a analyse das producções do genio em cursos especiaes, onde tudo quanto respeita á litteratura de diversos povos é tratado e exposto com o preciso desenvolvimento. Já o sabio professor inglez Hugo Blair no seu curso de rhetorica e bellas lettras tinha disto feito um ensaio digno de muito louvor.

O melhor meio pois de aprender a litteratura não é fazê-lo por compendios ou resumos de historia litteraria, que apenas nos apresentam um juizo succinto sobre o merito em geral de cada auctor com a data do seu nascimento, ou da época em que florecêo, e a enumeração das obras que compoz; é sim ouvir prelecções de litteratura, dadas em cursos publicos, onde se exponhão as bellezas e defeitos dos modelos que se offerecem ao nosso estudo, acompanhando-se a analyse de cada um delles com a noticia dos factos mais notaveis de sua vida.

Por este meio a impressão que recebe o alumno, firma-se muito melhor em seu espirito, e o desejo de consultar e estudar os escriptos dos modelos analysados torna-se nelle muito mais vehemente.

Este systema adoptado quasi geralmente na Europa tem produzido mui bom resultado:

Para dar passos seguros em litteratura cumpre ainda fazer um estudo serio da lingua, e demais a mais comparado com o das suas analogas derivadas da mesma origem, ou do Latim, porque a lingua é o instrumento de que nos servimos para transmittir os nossos pensamentos, e si este instrumento não fôr bem co-

nhecido em seu complicado mechanismo, nunca chegaremos a fazer delle conveniente emprego.

O conhecimento da lingua mãe é igualmente indispensavel, porque nunca poderemos saber com perfeição a lingua derivada, si não tivermos conhecimento da fonte, donde ella deriva, e participa ou mais ou menos na formação das vozes, na indole, e feições caracteristicas.

São linguas derivadas do Latim, e por conseguinte analogas entre si:—o Portuguez, o Hespanhol, o Italiano, o Francez, a antiga lingua romance ou romana. A lingua valaquia é tambem lingua derivada do Latim; mas os Valaquios achão-se ainda tão pouco adiantados em civilisação, que a sua litteratura apenas pode ser apreciada como uma curiosidade.

Não me demorarei sobre este assumpto, porque terei de occupar-me com elle em outro discurso.

Na apreciação dos modelos propostos para estudo devem por via de regra ter a primazia os poetas, não só pelo natural atractivo da poesia, que convida a estudal-os, e suavisa o trabalho dos que aprendem, como por sua precedencia na ordem chronologica de qualquer litteratura, conforme o attesta a historia. Em quasi todãs as linguas, ou antes em todas ellas, os poetas precederão aos prosadores, quer historiadores, quer oradores, quer philosophos, quer de outro genero; e em quasi todas as litteraturas forão os poetas os que mais concorrerão para o aperfeiçoamento da respectiva lingua. Adstrictos á regras que não podem

ser violadas, como a do metro, a da harmonia imitativa, a da consonancia sustentada, veem-se elles obrigados a apanhar e incluir o pensamento, si assim me posso exprimir, em certos conceitos breves; e no que respeita ao estylo, a procurar não só o termo proprio, mas ainda a expressão mais concisa, animada, ou pittoresca. A mesma difficuldade a vencer é parte para que cheguem não poucas vezes á perfeição summa, seja na força do enunciado, seja no colorido da expressão.

É incontestavel a prioridade dos poetas sobre os prosadores.

O primeiro e o maior poeta da antiguidade, Homero, que floreceo depois da guerra de Troia, e mais de 900 annos antes de Jesus Christo, precedeo seculos ao pae da historia, ou ao primeiro historiador profano, Herodoto, que veio ao mundo 484 annos antes de Jesus Christo.

O maior poeta dos tempos modernos, Dante, que floreceo no seculo XIV pelos fins da idade media, precedeo á Villani e mais historiadores e prosadores italianos.

Nas mesmas litteraturas, que não possuem grandes poetas epicos, como a franceza e a hespanhola, ou ainda naquellas, onde o apparecimento dos grandes épicos coincide com o dos grandes historiadores, como a portugueza e a latina, um sem numero de poetas de outro genero, muitas vezes anonymos, tem sempre precedido aos prosadores na ordem chronologica. São,

por exemplo, absolutamente desconhecidos os auctores de certas canções populares chamadas romances, as quaes são, na litteratura moderna, anteriores á todos os documentos em prosa. O que acontece entre os modernos, acontecia tambem entre os antigos com alguns de seus cantos populares. Linguas ha que não chegarão á sua ultima perfeição, e de que só nos restão composições em verso, como o Provençal, ou lingua romance do meio dia da França,

Ha só uma unica excepção conhecida a esta regra geral; e essa excepção, si tal se pode considerar, é Moisés, historiador, legislador, e propheta, que precedeo aos grandes poetas hebraicos Isaías, Job e David. Mas Moysés foi um homem inspirado, e escolhido por Deus para libertar o povo hebreo do captiveiro do Egypto, e leval-o á terra da promissão. Assim não deve um tal exemplo entrar em linha de conta, porque onde apparece o dedo de Deus, cessão todos os argumentos e discursos humanos.

Demais uma epopea, como a Iliada de Homero, como a Divina Comedia de Dante, é uma especie de obra encyclopedica, que comprehende, como bem disse Mr. Villemain, toda poesia, toda historia, toda sciencia do seculo em que viveo o poeta que a compoz.

Já mais de 400 annos antes do primeiro historiador, tinha Homero traçado a pintura fiel e animada dos costumes, instituições, historia, conhecimentos e civilização dos gregos, e o que é pela ventura mais, tinha desbastado, polido, e fixado a lingua, em que só mui-

to depois delle devia escrever Herodoto a sua historia.

Assim para o mundo intellectual, Homero que vive na memoria ha cerca de 3000 annos como si existisse de hontem, não foi um homem, não; mas um prodigio de genio como nenhum outro, ou antes a mesma poesia encarnada no homem.

Deixando porem de parte este exemplo antigo, atehamo'-nos ao outro que mais se aproxima de nossos dias, e pode como tal ser por nós mais bem avaliado:

Quando Dante compoz a sua Divina Comedia, quadro tambem fiel e vivo dos costumes, historia e sciencia do seu seculo, a lingua que se fallava na Italia era uma lingua inculta, que tinha muitos pontos de semelhança com o Provençal, onde mais tarde bebo Petrarca a inspiração para algumas de suas admiraveis canções: a lingua dos sabios, a lingua culta, em que oravão e escrevião tanto Italianos, como Francêzes, como Hespanhoes, era a lingua latina, ainda dominante para a eloquencia, para a historia, para a diplomacia, para a sciencia. Abrasado em sancto amor da patria, o grande poeta florentino tomou esse rude idioma vulgar da boca do povo, desbastou-o, polio-o, fixou-o, elevando-o desde logo nas paginas do seu immortal poema á nobre cathegoria de lingua culta.

Por este só factó, ainda sem fallar na admiravel poesia de sua engenhosa creação, é Dante um verdadeiro prodigio, um genio igual a Homero.

Com justo fundamento pois dão os mais dos profes-

sionaes o primeiro logar aos poetas como á nossos primeiros mestres, quando se trata da exposição e analyse de auctores da mesma época.

Tencionava eu quando me encarreguei desta cadeira, occupar-me com a litteratura antiga antes da nossa; reflectindo porem que isso não era materia para um só curso lectivo, mudei inteiramente de resolução. Assim tratarei no actual da litteratura portugueza e de nossa nascente litteratura, de que a primeira é parte principal, dando antes da analyse critica dos respectivos modelos algumas prelecções sobre a origem, formação e aperfeiçoamento da lingua Portugueza, como preliminar para aquella indispensavel.

Ponho aqui termo ao meu discurso.

LICÇÃO II.

Vou, senhores, como me propuz, occupar a vossa illustrada attenção com a origem, formação, e aperçoamento da lingua portugueza, ou com questões ethnographicas, grammaticaes, e philologicas, que alguns podem reputar de pouco momento, mas que são de altissima importancia neste caso, porque sem perfeito conhecimento da lingua que respeita á litteratura que estudamos, nunca poderemos fazer nesta solidos progressos. Passo pois a tratar da materia sem mais preambulo:

Para todos os que teem feito estudo comparado da lingua latina com as linguas suas derivadas, é facto incontestavel que o Portuguez vem do Latim, assim como o Hespanhol, o Italiano, o Francez, o Provençal, e a lingua romance do norte da França, porque todos esses idiomas, analogos entre si, se aproximão mais ou menos da lingua mãe, ou fonte donde derivão

no material das vozes, e na indole, que os caracteriza. De todos elles porém o que mais se chega a origem commum é o Portuguez, tanto na estrutura de suas vozes adoptadas do Latim com poucas excepções, e apenas aportunuezadas com leve alteração, como em muitas de suas construcções e maneiras de dizer analogas ás construcções e maneiras de dizer dos Latinos. Assim a derivação latina do ultimo é, por sua maior analogia com a lingua mãe, mais directa, que a de nenhum outro idioma seu analogo.

O nosso grande épico, Camões, um dos mestres mais auctorizados da lingua, porque foi um dos que melhor a soube manejar, assim se exprime no seu immortal poema a respeito do Portuguez:

- E na lingua, na qual quando imagina,
- Com pouca corrupção crê que é a Latina.»

Nem podião os referidos idiomas ter outra filiação, attentas as circumstancias especiaes e locaes que precederão á sua formação. Appellemos para a historia, e disso nos convenceremós.

É sabido que o Latim foi lingua dominante na mor parte da Europa Romana, e com especialidade na Italia, nas Gallias, na Hespanha. O poderoso meio de que se servião os Romanos para propagar a sua lingua, era a sua administração civil, militar, e judicial, que os punha constantemente em contacto com os povos semi-barbaros que conquistavão, e assimilavão-se mais tarde pelos laços da mesma civilisação. O

permanente aquartelamento das legiões romanas entre os vencidos para contel-os na obediencia, a organização municipal dos Romanos, que concentrava toda policia e civilização nas cidades, abandonando á escravos a cultura dos campos, a distribuição da justiça feita pelos pretores nas juntas ou assembléas das provincias a que erão reduzidas as conquistas, os discursos, actos e documentos officiaes escriptos em Latim, todo esse conjuncto de circumstancias tendentes ao mesmo fim, era uma causa efficiente assás poderosa para dar curso e voga á lingua dos vencedores entre os povos submittidos, que com o andar do tempo vi-nhão á adoptal-a, quando a sua civilização não era igual ou superior á dos Romanos, como o era a dos Gregos. Assim se generalizou a lingua latina em quasi toda a Europa Romana.

O Latim foi, como o attestão todos os documentos que chegarão até nós, lingua dominante na Hespanha por mais de dez seculos, espaço de tempo sufficiente para se elle generalisar na peninsula, expellindo o antigo celtico que ahi se fallava. O Hespanhol moderno que substituiu o Latim, e delle se formou, não conta tão longa duração. E note-se que o generalisar-se uma lingua já formada é cousa menos difficil, que o formar-se uma nova.

Já durante a lucta entre Cesar e Pompeo, ou menos de meio seculo antes da era christã, toda a Hespanha, donde os Romanos havião expulsado os Carthaginezes que substituirão os Phenicios, se achava sujeita

ás leis de Roma, e os soldados Hespanhoes servirão nos exercitos da republica, onde se distinguirão por seu valor e disciplina.

No tempo dos imperadores romanos, e com especialidade do reinado de Claudio em diante, começarão as lettras latinas a florescer na Hespanha com muito esplendor. Não poucos dos escriptores latinos mais notaveis dessa época ahi tiverão nascimento. Seneca, Lucano, Lucio Floro, e Marcial forão hespanhoes. O mesmo Quintiliano segundo o testemunho de Ausonio e S. Jeronymo foi tambem hespanhol.

A Hespanha deo á Roma um de seus maiores e melhores imperadores, o imperador Ulpio Trajano, que adoptou á Elio Adriano, seu parente, que lhe succedeo no imperio, e com quanto nascesse em Roma, pertencia todavia á uma familia hespanhola.

Para que a Hespanha se distinguisse por tantos escriptores illustres, correndo parellas em civilisação com a Italia, era necessario que já nesse tempo a lingua latina estivesse generalisada na peninsula; isto é, que a gente bem educada se exprimisse em Latim culto, e o povo baixo fallasse o romano rustico, como acontecia na propria Italia. O antigo celtico já se achava então provavelmente circumscripto á rara população dos campos, onde pelas causas que apontámos, difficilmente penetrava a civilisação romana.

Outra causa efficiente, pela ventura ainda mais poderosa que a primeira, para a propagação e o dominio do Latim na Hespanha, foi a influencia do christianismo

que nos séculos IV e V de nossa éra já florescia por toda a península. A predica e a catechese não podião deixar de levar então o conhecimento do Latim á mesma população dos campos. Por tal meio o dominio desta lingua devia tornar-se completo em todo o territorio hespanhol.

Nada, senhores, é tão efficaz para propagar e perpetuar o uso de uma lingua, como a Religião, que identificando-se com o espirito pelos meios os mais poderosos, constitue a base de toda a crença, e moral publica. Disto podia eu apresentar-vos muitos e diversos exemplos, mas prefiro limitar-me aos conhecidos. O Latim que deixou de ser lingua commum ha cousa de sete ou oito seculos, é ha mais de mil e oitocentos annos a lingua sagrada da Igreja Catholica, e a lingua official da Curia Romana. O Sanscrik, muito mais antigo que o Latim, e donde se presume que este deriva, attenta a estreita analogia que se dá entre ambos os idiomas, muitos seculos ha que deixou de ser lingua commum, mas é ainda hoje a lingua sagrada dos Brámenes, que a estudão, como nós o Latim.

Na época citada já a religião christã se achava tão arraigada, e resplandecia tanto na Hespanha, que os bispos ahi celebravão frequentes concilios sobre as cousas da Igreja, e o clero hespanhol não cedia em illustração ao de Africa, ou de Carthago, que era então o que mais se distinguia por sua instrucção e talento.

No ultimo dos dois mencionados seculos, ou no V

deo-se a invasão dos Visigodos, que adoptarão com o andar do tempo a religião e a lingua dos vencidos, ou do povo civilizado, e forão a principal causa da corrupção do Latim na Hespanha, seja introduzindo nelle copia de termos barbaros, seja empregando mal os casos ou ainda não usando delles, porque este povo rude não podia em sua ignorancia accommodar-se ás formas e combinações scientificas da bella lingua de Cicero e Virgilio.

No seculo VII de nossa era publicou-se n'um concilio de bispos o celebre *Forum Judicum*, ou collecção de leis dos Visigodos, escriptas em Latim. Este concilio foi o XVI celebrado em Hespanha, o que presuppõe a existencia de outros quinze celebrados antes delle.

O *Forum Judicum* é um verdadeiro monumento de illustração, si o compararmos com a barbara legislação dos outros povos da idade media naquella época, e prova que toda a sciencia residia então no clero, e só nelle. Desde que a civilização christã substituiu a romana no seculo III de nossa era, nenhum dos povos da Europa se mostrou tão adiantado nella como o Hespanhol, que já, segundo vimos, muito se distinguira nas letras latinas.

No principio do seculo VIII verificou-se a invasão dos Arabes na Peninsula, os quaes podendo naquelle tempo passar por um povo civilizado nunca conseguirão substituir pela sua lingua, não digo já o Latim culto, que se refugiára nos mosteiros com a civilisa-

ção christã, mas nem se quer o barbaro, cujo uso era mantido entre os vencidos, seja pela diversidade da crença religiosa, seja pela constante e gloriosa luta; que estes encetarão logo com os invasores até expulsal-os por fim de todo o solo hespanhol no seculo XV de nossa éra.

Mas si os Arabes no seu longo e disputado dominio de oito seculos não conseguirão substituir o Latim pelo Arabigo, porque o christianismo a isso oppunha insuperavel barreira, não é menos certo que concorrerão quasi tanto como os Godos para a corrupção da lingua latina na Hespanha, porque nella forão então introduzidos muitos termos arabes, que passarão depois em grande copia para o Hespanhol moderno, e em muito menos quantidade para o Portuguez.

Do Latim assim barbarisado e corrupto por duas invasões successivas de povos de indoles, crenças e linguas diversas, formou-se o Castelhana ou Hespanhol moderno no seculo XI de nossa éra, e o Portuguez um seculo ou cinco quartos de seculo mais tarde, sendo que já do seculo XIII temos documento escripto em lingua portugueza.

O monumento de lingua hespanhola mais antigo que chegou até nós, é o romance do Cid, ou famoso capitão Rui Dias de Bivar, que viveo no seculo XI. Este romance porém, escripto em Hespanhol já intelligivel para os Hespanhoes de hoje, é evidentemente de data posterior, ou do seculo XIII. O cancionero do mesmo Cid, escripto já em Hespanhol muito mais cor-

recto que o do romance, é ainda de data posterior a este, ou provavelmente do seculo XIV ou XV. O *Forum Judicum* só foi traduzido em Castelhana no seculo XIII sob o titulo de *Fuero Jusgo*.

Que o portuguez, lingua mui diversa do Hespanhol na estructura das vozes, na indole, e pronuncia, não é, segundo pretendêrão alguns sem o menor fundamento, um dialecto deste, é cousa assás evidente para todos os que, tendo conhecimento de uma e outra lingua, fazem dellas estudo comparado.

Dialecto do Hespanhol, é por exemplo o Gallego que em tudo se lhe assemelha, sem excluir a pronuncia. O Portuguez não, porque vem directamente da corrupção do Latim com muito menos mistura de Arabigo, que o Hespanhol que até os sons guturaes arabes conservou; e formou-se sem o intermediario da lingua *romance* ou *romana* que degenerou no Francez moderno, e, como querem alguns, precedeo tambem o Castelhana na Hespanha.

Para se conhecer que o elemento latino domina na formação do Portuguez com raras excepções, basta tomar ao acaso alguns vocabulos portuguezes e comparal-os com os vocabulos latinos, donde derivão, e se formão.

Os nomes substantivos portuguezes forão, por exemplo, tomados em sua immensa maioria dos ablativos, accusativos, e nominativos dos substantivos latinos da mesma significação, ou pura e simplesmente, ou com substituição, suppressão, ou addição de lettras. As-

sim, dos ablativos ou nominativos dos substantivos latinos, *hora, musa, fama*, formárão-se pura e simplesmente os substantivos portuguezes, hora, musa, fama;—dos ablativos dos substantivos latinos, *servus, templum, verbum*, ainda pura e simplesmente, os substantivos portuguezes, servo, templo, verbo;—dos ablativos dos substantivos latinos, *charitas, pietas, tempestas*, formárão-se com substituição de letras, os substantivos portuguezes, charidade, piedade, tempestade;—dos nominativos dos substantivos latinos, *color, dolor*, com subtracção de letras, os substantivos portuguezes, côr, dôr;—do nominativo do substantivo latino, *stupor*, formou-se com addição de letra o substantivo portuguez, estupor;—dos accusativos dos substantivos latinos, *oratio, actio, mentio*, formárão-se com supressão e substituição de letras, pois que no nosso diphtongo, ão, devemos attender unicamente ao som, os substantivos portuguezes, oração, acção, menção;—dos nominativos dos substantivos latinos, *lux, cruæ, nux*, com substituição de letras, os substantivos portuguezes, luz, cruz, noz,—dos ablativos dos substantivos latinos, *cursus, impetus, fremitus*, ainda com substituição de letras, os substantivos portuguezes, curso, impeto, fremito;—dos ablativos dos substantivos latinos, *numen, lumen, bitumen*, formárão-se com supressão de letras, os substantivos portuguezes, nume, lume, bitume;—dos accusativos dos substantivos latinos, *nubes, origo, ordo*, com substituição ou supressão de letras, os substan-

tivos portuguezes, nuvem, origem, ordem;—dos ablativos dos substantivos latinos, *facies*, *planities*, *fides*, *sedes*, com suppressão de letras os substantivos portuguezes, face, planice, fé, sé;—dos ablativos dos substantivos latinos, *caseus*, *despectus*, formárão-se com substituição e addição de letras, os substantivos portuguezes, queijo, desprezo; e assim os demais innumeraveis substantivos portuguezes de origem latina.

Podia eu estender este exame comparado aos adjectivos, aos verbos, e ás partes da oração invariaveis; e verieis que as differenças a notar, em relação á constante e intima analogia entre os dois idiomas, são tão insignificantes, que não fazem com que o Portuguez desdiga um só momento de sua pura origem latina; entendo porem que não devo cançar a vossa attenção com cousas que se achão ao alcance de todos os que teem estudado seriamente o Latim.

Nasceo pois o Portuguez directamente do Latim, e com maior parecença com a lingua mãe por sua perfeita analogia, que nenhum outro dos idiomas cultos da mesma filiação. Ha pedaços extensos em portuguez, compostos por alguns curiosos, e formando sentido perfeito, que tanto se podem lêr em Latim, como em Portuguez, e de que para evitar prolixidade não produzimos aqui exemplo.

Assim collocarei os idiomas cultos derivados do Latim por esta ordem de filiação analogica:—em primeiro lugar, o Portuguez; em segundo, o Italiano; em terceiro, o Hespanhol; em quarto, o Francez:

Com ser tão evidente a todos os respeitos a origem latina do Portuguez, houve com tudo quem a impugnassem para dar á nossa lingua uma origem celtica. O que prova tão somente que não ha opinião alguma por mais extravagante e absurda que seja, que não tenha seus sectarios. Forão os mais notaveis desta singular opinião, Antonio Ribeiro dos Santos, poeta de reconhecido merito, e Frei Francisco de S. Luiz, philologo acreditado por seus escriptos sobre a lingua.

Uma tal opinião porem não tem fundamento algum plausivel, e nem se quer vale a pena de ser refutada, porque, para um só termo de origem celtica duvidosa, o Portuguez apresenta mais de um cento de termos de origem latina incontestavel. Oppõe-se ella de mais a mais ao consenso unanime dos doutos, tanto na Europa como na America, os quaes todos á uma voz concordão em dar ao Portuguez e idiomas seus analogos uma filiação latina irrecusavel, deduzida do estudo comparado das linguas. E com effeito dizer contra a evidencia, que se está mettendo pelos olhos, que o Portuguez vem do Celtico, só porque contem alguns termos dessa antiga lingua fallada na peninsula, é o mesmo que suppor que o Hespanhol vem do Arabigo, porque contem muitos termos arabes, posto que em quantidade diminutissima comparativamente a dos termos latinos, que constituem o principal elemento de sua formação.

A erronea opinião dos dois philologos acima citados foi no emtanto plena e cabalmente refutada por

dois modernos litteratos portuguezes de celebridade europea, o visconde João Baptista Leitão de Almeida Garret, poeta e prosador de primeira ordem não ha muito fallecido, e o Sr. Alexandre Herculano, o maior historiador de Portugal na presente época, dos quaes o primeiro o fez no seu «Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza.» e o segundo na sua «Introducção á Historia de Portugal.»

Devo ainda citar com muito louvor dois modernos philologos e litteratos portuguezes de subido merito, que refutarão plena e cabalmente a mesma erronea opinião, o Sr. Leoni, e o Sr. José Silvestre Ribeiro; o primeiro, em um minucioso trabalho comparado que nada deixa a desejar sobre a derivação latina da lingua portugueza; o segundo, nos seus «Primeiros Traços d'Uma Resenha da Litteratura Portugueza.»

Podia eu trazer-vos ainda para aqui os grandes nomes de João de Barros, de Luiz de Camões, do Padre Antonio Vieira, e outros classicos portuguezes, que indirectamente refutarão tambem essa opinião singular, dando á lingua portugueza incontestavel origem latina, e ficarião de certo estupefactos, si se pudessem erguer hoje de seus tumulos para ouvir semelhante absurdo sobre a formação do idioma que tanto a fundo conhecião, e tão magistralmente manejavão. Não desejo porem cançar mais a vossa attenção com assumpto já tão debatido; e circumscrevo-me a mencionar só os principaes auctores que tratarão especialmente da questão.

Faço hoje aqui ponto, para continuar a occuparme com a mesma materia na seguinte sessão.

LICÇÃO III.

A lingua portugueza, senhores, formou-se, segundo se vio na sessão precedente, da corrupção do Latim, assim como a lingua hespanhola sua irmã, e depois desta; si um seculo ou cinco quartos de seculo mais tarde, é cousa que se não pode bem determinar por falta de dados, que nos guiem em semelhante indagação. Neste ponto tudo é duvida, tudo é noite. O mesmo que aqui adianto, o infiro de documentos posteriores, e da época da fundação da monarchia portugueza, a qual precedeo a da formação da lingua, como o attesta a historia.

No anno de 1093 de nossa éra, o conde D. Henrique, francez de origem, tomava posse das terras de Portugal que lhe forão doadas por seu sogro, D. Afonso VI, rei de Leão e Castella, como dote de sua filha, D. Tareja, ou Thereza, mulher do conde. Constatava esta doação dos territorios do Porto, entre Dou-

ro e Minho, Beira, Traz dos Montes, e da parte da Galiza que se prolongava até o castello de Lobeira, com faculdade de poder o conde estender suas conquistas para o Algarve. Por morte do conde em 1112, sendo de menor idade seu filho e herdeiro D. Affonso Henriques, governou Portugal D. Thereza, tomando o titulo de rainha. Em 1139 foi D. Affonso Henriques alevantado o 1.º rei portuguez no famoso campo de batalha de Ourique, onde venceu á cinco reis Mouros contra elle reunidos.

A lingua que se fallava nas terras da doação do conde era sem duvida o Castelhana e o Galego, dialecto deste, visto como umas forão desmembradas de Leão ou Castella e outras de Galiza, e só depois dilatado o territorio portuguez até o Algarve inclusive por conquistas dos reis successores do conde, feitas sobre os Mouros.

Os documentos que nos restão do primeiro reinado, como a canção de Egas Moniz Coelho que vivia no tempo de D. Affonso Henriques, morto em 1185, a canção de D. Affonso Henriques, a qual se attribue a data de 1121, e outra que começa. «No figueiral figueiredo,» a que se assigna a de 1112, mas que é evidentemente de data posterior, pouco ou nada importão á questão da formação da lingua, porque tanto podem provar em favor do Galego, como do Portuguez que então se fallava, mal distincto do Castelhana. Os dois idiomas não se achavão ainda bem discriminados; e taes documentos são apenas apreciaveis como um.

especimen da mudança que principiava a operar-se na lingua vulgar do novo Estado fundado pelo conde D. Henrique.

O primeiro monumento incontestavel que possuímos de lingua portugueza, é o Cancioneiro d'el-rei D. Diniz, que começou a reinar em 1279. A linguagem deste documento de fins do seculo XIII é sim rude e tosca, como o pode ser um misto de latim barbaro com termos godos, arabes, e catalães, mas já é portugueza em sua forma e indole a ponto de não poder ser desconhecida, e bem distincta do Hespanhol que então se fallava; do que nos podemos convencer, comparando-a com a do primeiro monumento de lingua hespanhola do mesmo seculo, ou romance do Cid por mim citado no precedente discurso.

D. Diniz, rei poeta e versado no conhecimento da lingua e dos auctores latinos, mereceo o nome de sabio aos seus contemporaneos, e o foi de certo, porque tanta sciencia em um rei era um verdadeiro prodigio naquelles tempos de crassa ignorancia. D. Diniz não só cultivou, mas tambem animou as letras, fundando em 1290 a universidade de Lisboa, que pouco depois passou a ser de Coimbra, e ordenando que algumas obras estrangeiras fossem traduzidas em lingua vulgar. Foi elle talvez o primeiro que previo o que podia vir a ser o portuguez, compondo o seu Cancioneiro em vulgar, e convidando com o seu exemplo outros a imital-o. Quando appareceo o Cancioneiro deste sabio rei, o Latim era ainda a lingua em que geralmente se escrevia.

Do seculo XIV não me chegou ás mãos documento algum, por onde possa eu avaliar as modificações por que foi passando o portuguez até o seculo posterior, si bem que exista desse seculo o Nobiliario de D. Pedro Affonso, conde de Barcellos, filho natural d'el-rei D. Diniz, cuja impressão foi feita em 1640.

Do seculo XV temos para ajuizar do desenvolvimento da lingua tres preciosos documentos, o «Leal Conselheiro d'el-rei D. Duarte,» a «Chronica dos Reis Portuguezes por Fernão Lopes,» e a «Chronica de Guiné por Gomes Eannes de Azurára.»

Antes porem de os apreciar devo referir um facto que muito concorreo para o aperfeiçoamento do Portuguez, dando-lhe carta de alforria na expressão do Visconde Almeida Garrett. Até fins do seculo XIV todos os actos e instrumentos publicos erão ainda escriptos em Latim. D. João I, o regenerador da monarchia portugueza, o rei mais popular que teve Portugal, foi o primeiro que ordenou em 1400 que taes actos e instrumentos fossem escriptos em vulgar. Esta sabia medida, que tornou o portuguez lingua official e forense, deo um grande e efficaz impulso ao seu desenvolvimento.

A linguagem do «Leal Conselheiro» d'el-rei D. Duarte, que começou a reinar no anno de 1433, já é um Portuguez muito mais correcto e limado que o do Cancioneiro d'el-rei D. Diniz, onde ainda se deparão fezes godas e mouriscas; um portuguez em summa que já pode ser facilmente entendido pelos Portugue-

zes e Brasileiros de hoje com excepção de alguns termos obsoletos.

D. Duarte, rei philosopho, contemporaneo do celebre Cosme de Medicis duque de Florença, foi um dos príncipes mais illustrados da Europa n'aquelle tempo, e irmão do infante D. Henrique que sob seus auspicios deo principio aos descobrimentos feitos pelos Portuguezes em Africa, e dos quaes se originou depois a passagem do Cabo de Bôa Esperança e o descobrimento da India. O seu «Leal Conselheiro» attesta muita e variada instrucção em todo genero de conhecimentos.

A linguagem da Chronica dos Reis por Fernão Lopes, o pae da Historia Portugueza, é um portuguez não menos correcto e depurado, que o do «Leal Conselheiro.» Por este documento que começou a ser escripto no reinado d'el-rei D. Fernando, acclamado rei em 1367, e cujo unico titulo de gloria foi haver animado o primeiro historiador portuguez, pode se inferir que o Portuguez só entrou á aperfeiçoar-se de meiodos do seculo XIV, ou antes do ultimo periodo desse seculo em diante. Até então o Galego era idioma mais perfeito que o Portuguez, porque o portuguez Vasco de Lobeira, que uns fazem contemporaneo d'el-rei D. Diniz, e outros posterior, mas que foi provavelmente do primeiro periodo do seculo XIV, preferio escrever em Galego a sua historia ou romance de «Amadis de Gaula.» Ainda em principios do seculo XV escrevia o portuguez Macias os seus versos em Galego.

A linguagem da Chronica de Guiné por Gomes Eannes de Azurára, o primeiro historiador dos descobrimentos dos Portuguezes em Africa, e dos feitos do infante D. Henrique, é um Portuguez ainda pela ventura mais correcto e depurado, que o dos dois precedentes documentos. Azurára que escreveo no reinado de D. Affonso V, filho e successor de D. Duarte, mereceo á justo titulo ser elogiado por João de Barros como um escriptor de merito.

A lingua começava então a adquirir o necessario polimento, porque o Portuguez de todos esses documentos já é um Portuguez puro com todos os seus principaes idiotismos, orações do participio na ordem inversa, infinitivos pessoaes, e inversões frequentes. As terminações agalegadas dos verbos em, *ades, ade, edes, ede ides, ide*, do tempo d'el-rei D. Diniz, já se achão nelles aportuguezadas, em, *ais, ai, eis, ei, is, i*, com alguma leve differença apenas da orthographia que seguimos hoje.

A apreciação dos escriptos do seculo XV, ou se attenda ao torneio da phrase, ou á estructura do periodo, revella da parte de seus auctores um grande e apurado estudo da lingua latina.

Derão-se no fim deste seculo acontecimentos de ordem tal, que, elevando a seu auge a gloria de Portugal e Hespanha, mudárão inteiramente a face do mundo. Em 1487 no reinado d'el-rei D. João II passou Bartholomeu Dias alem do Cabo da Boa Esperança. Em 1493 descobrio Christovão Colombo a America.

Em 1498 descobriu Vasco da Gama a India já no feliz reinado d'el-rei D. Manoel, um dos maiores reis que teve Portugal. Em 1500 descobriu Pedro Alvarés Cabral o Brazil.

Depois destes descobrimentos as conquistas e o commercio de Portugal tomárão proporções gigantescas; as suas armadas senhoreárão os mares; e as Quinas Portuguezas forão levadas á China e ao Japão. Veneza que fazia então o commercio do Levante pelo Mediterraneo, decahio de seu antigo esplendor e grandeza, porque os portuguezes abrirão novo e mais largo caminho para o Oriente. Portugal foi por muito tempo, não obstante o seu acanhado territorio na Peninsula, um dos Estados mais florecentes e poderosos da Europa. A litteratura floreceo com a nação, e a lingua enriqueceo-se de copia de novos termos, ou de novos signaes de ideas.

Nos documentos da primeira parte do seculo XVI nota-se o grande e rapido desenvolvimento que teve a lingua em muito pouco tempo. Destes os que se apresentam á nossa apreciação como principaes, são:

A Chronica d'el-rei D. João II por Garcia de Rezende.

As obras de Gil Vicente.

A Menina e Moça de Bernardim Ribeiro.

As obras de Francisco Sá de Miranda.

A linguagem destes escriptos já é um Portuguez culto, e superior a todos os respeitos á dos escriptos do seculo anterior, nos quaes ainda se nota rudeza de forma, e pobreza de expressão.

Garcia de Rezende, o chronista de D. João II e seu moço da camara e privado, si não apresenta na sua prosa o numero e a harmonia da de João de Barros, já tem menos aspereza, que os que o precedêrão na ordem chronologica.

Gil Vicente, o fundador do theatro Portuguez, tem muita naturalidade, abundancia e saí nos seus autos e tragicomedias. É a justo titulo que lhe dão o nome de Plauto Portuguez.

Bernardim Ribeiro, o primeiro romancista Portuguez, já tem mais numero e harmonia em sua prosa, que Garcia de Rezende, e nos seus versos muita naturalidade e melancholia. É sobre tudo admiravel na expressão do sentimento, qualidade em que ninguém o excede a não ser o grande épico portuguez.

Sá de Miranda, que fez uma revolução na poesia portugueza, introduzindo nella o verso hendecasyllabo, ou verso branco italiano, apresenta nas suas comedias o modelo de uma prosa mui castigada, e nos seus versos mais gosto e variedade, que os que o procedêrão. É um sabio e profundo moralista, cujas obras denuncião grande estudo da philosophia moral.

A lingua já tinha então adquirido o necessario polimento, e accommodava-se já á todo o genero de assumptos. As terminações em, *on*, dos nomes e verbos, usadas ainda no tempo de Fernão Lopes, d'el-rei D. Duarte e Azurára, forão convertidas em, *ão*, nasal, longo ou breve. A alteração na orthographia

que se nota nos escriptores da primeira parte desse seculo, accusa tambem alteração na pronuncia.

Cumprer fazer aqui uma observação; e é que o Portuguez, filho do Latim barbaro, tanto mais se aproxima do Latim culto, quanto mais caminha para a sua perfeição.

Mas foi justamente nas obras dos escriptores da segunda parte do seculo XVI que o Portuguez adquirio toda a sua perfeição, e chegou ao seu maior auge de esplendor, como lingua culta.

Mencionarei aqui apenas os principaes: Antonio Ferreira, auctor da primeira tragedia regular que appareceo na Europa, e de diversas poesias lyricas e didaticas; João de Barros, o Tito Livio Portuguez, auctor das Decadas da Asia, que comprehendem os feitos dos Portuguezes na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente; Luiz de Camões, o Homero Portuguez, auctor dos «Luziadas», e de muitas poesias lyricas de todo genero.

Grandes por certo forão os serviços que prestarão, à lingua os dois primeiros, enriquecendo-a por diversas formas, e injustiça fôra desconhecel-o.

Ferreira, grande imitador dos classicos gregos e latinos, e profundo conhecedor do coração humano, introduzio nella muitos modos de dizer concisos, energeticos, e até graciosos que em vão procuraríamos nos escriptores que o precedêrão.

João de Barros, homem versado em todo genero de litteratura, e cujo estylo animado, pittoresco, e

por vezes grandioso, é parte para que ainda hoje o leiamos com prazer e interesse, foi o primeiro escriptor que deo á prosa portugueza numero, harmonia e magestade, ou a forma mais conveniente. Para chegar a este resultado grande e profundo conhecedor devia elle ser do idioma, que tão eloquentemente manejava.

Mas nenhum delles prestou tantos serviços á lingua como Camões, o maior genio do seu seculo, e um dos maiores dos tempos modernos, porque nenhum lhe deo como elle tanta riqueza de expressão, tanta elegancia, elevação, magestade, flexibilidade e graça. A lingua portugueza é nas mãos de Camões um instrumento perfeito, que se adapta á todos os tons. Nenhum dos poetas, que o precederão, a manejou tão bem como elle; nenhum dos que lhe succederão, melhor que elle. Nêem podia deixar de ser assim, porque o seu immortal poema é uma encyclopedia, como a de Homero e como a de Dantê, a qual comprehende toda poesia, toda historia, toda sciencia do seculo em que elle vivêo.

Camões foi quem fixou o Portuguez pela força de seu genio, assim como Homero fixou o Grego, e Dante o Italiano. Tanto é assim, que o Portuguez dos seus «Luziadas» publicados ha cousa de tres seculos, é ainda o mesmo Portuguez culto em que hoje nos exprimimos com excepção apenas dos termos poeticos.

Resta accrescentar que a lingua que vedes definitivamente fixada pelo maior poeta portuguez, acompanhou sempre o progresso da litteratura, que nunca

floreceo tanto como no seculo XVI, pois além dos que ficão citados muitos forão os poetas e prosadores, que a enriquecêrão com seus escriptos na segunda metade desse seculo. As lettras acompanharão pelo seu turno o engrandecimento da nação portugueza, que era então senhõra de todo o commercio do Oriente, e possuidõra de vastos territorios e importantes cidades em Africa e Asia, bem como do Brazil que começava a povoar-se. A Religião Catholica Romana tinha sido levada pelos missionarios portuguezes não só a Africa e a America, mas até as mais remotas partes da Azia e Oceania; e a litteratura florescia tambem com a religião, porque os missionarios aprendião as linguas orientaes no intuito de propagar a fé. Portugal havia em summa attingido o maior auge de sua gloria politica e litteraria; e o seculo XVI foi com razão chamado a sua idade de ouro.

Em breve porém começará elle a decahir de tamanho esplendor, e as lettras com elle, pela fraqueza dos successores dos dous grandes reis D. João II e D. Manoel I. O periodo que se seguiu ao de tanta gloria, preludiado pela desastrosa jornada de Africa, na qual o inexperiente e infeliz rei D. Sabastião sepultou comsigo a flor da nobreza do reino, foi até um dos mais afflictivos para a nação portugueza, que se vio sujeita ao dominio estrangeiro, e perdeu quasi todas as suas conquistas. Não se antecipem porem os factos.

Devo pôr aqui termo ao meu discurso, para continuar com a mesma materia nas prelecções seguintes.

LICÇÃO IV.

As linguas que fallamos, senhores, são como todas as cousas humanas sujeitas á vicissitudes de progresso e decadencia. Formão-se, desenvolvem-se, aperfeiçoão-se, fixão-se, e florecem por mais ou menos tempo; vem depois a decadencia; alterão-se, abastardão-se, corrompem-se, e deixão de ser linguas communs, ou vivas, como aconteceu com o Sanskrit, com o Latim, com o Provençal, e outros muitos idiomas menos conhecidos.

Vimos no precedente discurso, como a lingua portugueza começou a formar-se no principio provavelmente do seculo XIII, pois que o primeiro monumento que della possuimos, é de fins desse seculo; como se desenvolveo no seculo XV com os escriptos d'el-rei D. Duarte, de Fernão Lopes, e Gomes Eannes de Azurára; como se polio na primeira parte do seculo XVI com os escriptos de Garcia de Rezende,

de Bernardim Ribeiro, de Gil Vicente, e Sá de Miranda; como chegou á sua perfeição, e fixou-se definitivamente na segunda parte do mesmo seculo com os escriptos de Antonio Ferreira, de João de Barros, e sobretudo do grande épico portuguez, Luiz de Camões, cujos Luziadas forão impressos pela primeira vez em 1571 no reinado d'el-rei D. Sebastião; e como finalmente tanto ella como a litteratura acompanhárão em sua phase de progresso o engrandecimento da nação, que no referido seculo attingio o apogeo de sua gloria politica e litteraria, conquistando a melhor parte do littoral da India, e produzindo os grandes modelos citados.

Fixada por taes, e tão abalisados mestres do fallar culto, ou antes pelo ultimo que lhe imprimio o indelevel cunho do genio n'aquella sua obra immortal, a lingua portugueza floreceo com grande esplendor, tanto no resto do seculo XVI, como em quasi todo o seculo XVII fecundo em grandes escriptores, taes como Frei Bernardo de Brito que compoz a Monarchia Luzitana, a Chronica de Cister e os Elogios dos reis de Portugal; Frei Luiz de Souza que compoz a Chronica de S. Domingos, a Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres e os Annaes d'el-rei D. João III: Jacintho Freire que compoz a Vida de João de Castro; o Padre Antonio Vieira que compoz Sermões, Cartas e diversas obras; e outros muitos auctores, tanto poetas como prosadores, a quem cabe o segundo lugar depois desses, mas que não deixão de haver com seus escriptos prestado serviço ás boas lettras.

Mas desde o meiado do seculo XVII a lingua começou a decahir d'aquella pureza e magestade classica, a que fôra levada por nossos avós, e que seguramente não tornará mais á readquirir, porque as linguas e as lettras elevão-se, e declinão com os povos, em que florecem, ou florecêrão. Cada phase litteraria tem a sua época subordinada á de cada phase social.

Ainda no decurso do seculo XVI houve alguns litteratos portuguezes que escrevêrão obras notaveis na lingua latina, e entre outros Thomaz de Faria que traduzio os Luziadas de Camões em versos latinos; Paiva de Andrade que compoz um poema épico em Latim intitulado *Chauleis*, ou a Chauleida; o bispo D. Jeronimo Ozorio que escreveo tambem em Latim a Vida d'el-rei D. Manoel.

Cito-vos estes auctores, não porque devão pertencer a litteratura portugueza, visto como de portuguezes só teem elles a nacionalidade; mas para demonstrar-vos o grande e apurado estudo que então se fazia da lingua Latina, na qual se compunhão tantas obras que hoje se não leem, mas que nesse tempo achavão leitores, e não deixão aliás de ter mérito aos olhos do litterato.

Devo aqui mencionar um facto que, no meu entender, tem toda relação com a questão de que se trata, ou com as vicissitudes, porque tem passado a lingua portugueza.

Depois da morte do cardeal rei D. Henrique, passou a corôa de Portugal em 1580 a Felippe II rei de

Hespanha, o maior potentado então da Europa, o qual expellindo do reino visinho pela força das armas ao pretendente mais nacional, D. Antonio prior do Crato, que chegou a ser acclamado rei em diversos pontos delle, antes conquistou, que herdou a monarchia portugueza.

O dominio hespanhol que, pesando por 60 annos sobre Portugal, e absorbendo-lhe todos os recursos de que podia dispôr, lhe fez perder com os antigos brios as suas importantes conquistas da Asia; e lhe ia tambem fazendo perder o Brazil, exerceo fatal influencia na lingua e litteratura portugueza, que disso muito se sentirão, porque sem independencia nacional não podia haver para os portuguezes liberdade de pensar e escrever.

O pensamento que já havia sido agrilhado em Portugal pelo tribunal da inquisição que o fanatismo ou a fraqueza d'el-rei D. João III introduzira no reino em 1536, o foi dobradamente de 1580 em diante, quer pelo despotismo sacerdotal, quer pelo jugo estrangeiro. Assim os grandes escriptores do seculo XVII que vos nomeei, são todos ecclesiasticos, porque nesses calamitosos tempos o saber se asyloou na igreja, que lhe era a unica salva guarda, e primão mais pelos dotes do estylo, belleza da dicção e pureza da linguagem, que pelo arrojado das idéas e liberdade no escrever.

Portuguezes houve então que, renegando a propria lingua, escreverão em Castelhana para agradar aos dominadores, que lhes opprimião a patria. Destes o

mais notavel por sua erudição foi Manoel de Faria e Souza que compoz em Castelhana a sua Historia de Portugal, e os seus Commentarios aos Luziadas de Camões.

Numeio-vos este auctor que, supposto seja portuguez, deve todavia pertencer á litteratura da lingua em que escreveo, unicamente para mostrar-vos o extremo de degradação á que o dominio hespanhol havia reduzido os Portuguezes. Assim barateavão o talento e o saber alguns grandes escriptores da antiga Roma, não, escrevendo em lingua estranha, porque a lingua do objecto de seu culto era a sua mesma delles, mas elogiando á monstros que de homens só tinham a figura, como Tiberio, como Caligula, como Nero.

No entanto ainda em tempos de independencia nacional já tinham dado exemplo deste máo gosto de escrever em Castelhana Gil Vicente, e Sá de Miranda, compondo muitas de suas obras nessa lingua. Estes porém o fazião por aberração de espirito, ou para mostrar-se eruditos, e não por servilismo, como Faria e Souza, quando os grandes escriptores que succederão aos dois citados, tinham já dado absolutamente de mão ás composições em Castelhana.

Á dupla pressão que exercião sobre os espiritos o tribunal da inquisição, e a tyrannia suspeitosa dos Felippes de Hespanha, accresceo ainda outra pressão sui generis, que não foi menos fatal ás lettras; quero fallar da influencia dos Jesuitas na educação da mocidade por mais de dois seculos. Estes padres que fô-

rão igualmente introduzidos em Portugal por el-rei D. João III em 1540, e prestarão á principio grandes serviços, propagando a fé catholica no Oriente, e civilisando os Indios na America, logo que se virão poderosos e acreditados, monopolisárão o ensino, agorentando-o, sophismando-o, adulterando-o.

Todas essas tres poderosas causas reunidas erão mais que sufficientes para operar a decadencia, a que nos referimos, e que não tardou a sentir-se na poesia, na eloquencia, na historia, e até nas sciencias.

Voltando porém aos escriptores do seculo XVIII, mencionarei, como fiz com os prosadores, unicamente os principaes poetas; e são elles:—Vasco Mouzinho de Quevedo e Gabriel Pereira de Castro, ambos poetas épicos. O primeiro compoz o poema intitulado «Afonso Africano:» o segundo, o intitulado «Ulissea.»

Com quanto ambos estes poemas sejam mui regulares, e escriptos ordinariamente em bellos e harmoniosos versos, são com tudo mediocres comparados com os Luziadas, já porque seus auctores não tinham o genio de Camões, já porque nessa época se havia introduzido em Portugal com o dominio hespanhol o máo gosto que corrompeo a litteratura. Assim os prosadores do seculo XVII são indubitavelmente superiores aos poetas, ao revez do que se observa em outras épocas.

Desde que João de Barros deo numero e elegancia á nossa prosa, ou restabeleceo estas qualidades da antiga linguagem em que tão bem escreverão D:

Duarte e Azarára, e que de ordinario não possuirão os prosadores da primeira parte do seculo XVI, ainda ninguem se exprimio em Portuguez mais corrente, limado e puro, que Frei Luiz de Souza; ainda ninguem conheceo melhor o segredo das transposições harmoniosas, nem escreveu em Portuguez mais castigado e cheio, que Jacintho Freire; ainda ninguem fallou Portuguez mais culto e elegante, nem fez pinturas mais vivas e animadas, que o Padre Antonio Vieira, o Cicero, ou antes o Boussuet portuguez por sua eloquencia e lampejos oratorios.

Este ultimo auctor avantajou-se até no arrojado do pensamento á todos os que o precedêrão no seu seculo, mas foi certamente porque compoz a maior parte de suas obras em tempos já mais felizes, ou em que havia já mais liberdade de escrever, por ter cessado uma das causas da pressão exercida sobre os espiritos, o dominio estrangeiro.

Em 1640, ou sessenta annos depois da usurpação de Felipe II, uma revolução nacional, saccudindo o jugo de Hespanha, collocou no throno de Portugal o duque de Brangança com o nome de D. João IV, o qual soube consolidar-se nelle, escudando-se no apoio da nação, que se levantou como um só homem para sustentar a sua independencia.

Neste glorioso reinado foi tambem o norte do Brazil reconquistado das mãos dos Hollandezes, mais pelos esforços de seus proprios habitantes, que pelos socorros da mãe patria que, á braços com o grande

poder de Hespanha, mal lhe podia então dispensar auxilio.

Mas si foi restabelecida a monarchia portugueza, não o foi com ella o bom gosto, porque o gongorismo castelhano e o marinismo italiano, invadirão todos os dominios da litteratura já decabida de seu antigo esplendor pelas causas apontadas, e a abastardarão ainda mais pelo falseamento da linguagem, que se converteo em giria retumbante e enigmatica, na primeira parte do seculo seguinte.

O estylo turgido, requintado e alambicado de que Gongora e Marini havião sido os principaes coryphêos, foi imitado e até excedido pelos poetas portuguezes, que nada ficarão restando á seus modelos em exaggeração bombastica e quinta essencia de ouropel e falsos brilhantes.

Dos dois principaes poetas citados o mais eivado deste vicio foi Gabriel Pereira de Castro, que pelo seu exemplo muito concorreo para a preversão do gosto em Portugal, porque os seus discipulos requintarão em extravagancia, e tornarão-se quasi inintelligiveis á força de alambicar o estylo, como veremos quando tratarmos delles.

Vasco Mouzinho de Quevedo foi muito mais parco no emprego destes falsos brilhantes, que desfigurando o estylo, corrompem a expressão do pensamento; por isso a leitura do seu poema fatiga muitos menos o espirito, que a do primeiro, supposto não seja elle tão regular em sua urdidura e desenvolvimento.

Deste defeito não forão isentos os mesmos grandes prosadores; pois si exceptuarmos á Frei Luiz de Souza e Frei Bernardo de Brito, a quem nunca falhou o bom senso em materia de estylo, Jacintho Freire degenera muitas vezes em declamador affectado, e o Padre Antonio Vieira é cheio de antitheses, argucias e trocadi-lhos de palavras.

Façaes fôrão as consequencias deste máo gosto para a lingua portugueza, que sobre haver então adoptado diversos termos, phrases e até proverbios castelhanos sem evidente necessidade, foi desnaturada e desvirtuada em seu emprego, porque em vez de ser instrumento para transmittir o pensamento de homem á homem, só o era para exprimir conceitos falsos, exagerados e ridiculos, abastardando-se em seus modos de dizer por um estylo inteiramente opposto á boa razão.

O mal era irremediavel, porque o exemplo partia de homens de reconhecido merito e grande auctoridade na republica das lettras, que o vulgo dos escriptores tinha por oraculos, e seguia ás cegas em tudo e por tudo. Quem não admiraria o grandioso e o optimo em Gabriel Pereira de Castro, em Jacintho Freire, e sobretudo em Vieira? Mas, como os escriptores que depois os imitárão, não possuíão o talento e as virtudes de seus modelos, em vez de lhes copiarem o bom e o bello, copiavão-lhes unicamente o máo e o defeituoso. Assim o estylo se foi de dia para dia prevertendo cada vez mais até á completa decadencia das lettras nos tempos immediatamente posteriores, e com

o estylo por tal forma viciado decahio tambem de sua antiga magestade a bella lingua de Camões, não obstante o aperfeiçoamento recebido dos grandes prosadores citados.

Quando virmos o verdadeiro talento desviar-se do bom caminho para enredar-se nas sendas do máo gosto, á alguma poderosa causa devemos attribuil-o; e as que então influirão em Portugal na decadencia das letras não podião ser mais efficazes, porque tolião toda liberdade de pensar e escrever, ainda mesmo em assumptos puramente litterarios.

As producções do genio requerem campo e ar livre, do contrario não vingão. Os grandes poetas, os grandes oradores, os grandes historiadores, florecêrão de ordinario ou em tempos de liberdade, ou em época immediatamente posterior á esta, quando ainda a tyrannia de qualquer genero que fosse, necessitava de artificio para consolidar-se, e não ousava pôr pês á expressão do pensamento, ao menos directamente.

Rarissimas são as excepções que se podem oppôr á esta regra geral. No antigo imperio romano apenas se encontra um Tacito no meio da immensa turba de escriptores servis e degenerados, depois que o despotismo feroz e brutal dos successores de Augusto occasionou a decadencia da litteratura e lingua latina, peando o pensamento. Ainda assim, si não fossem os bons tempos de Nerva e Trajano, que derão largas ao engenho, não sei se contariamos á Tacito no numero dos grandes historiadores.

Embora pois tivesse cessado o dominio hespanhol, como havião de florecer as lettras em Portugal com o tribunal da inquisição que suffocava os engenhos no nascedouro, e com a educação jesuitica que os prevertia, e amesquinhava! A decadencia, e decadencia em supremo gráo, era consequencia infallivel de um tão precario estado de cousas para as bellas artes e para as sciencias, que só medrão com o bafejo da liberdade.

Assim a época que se seguio, foi uma época toda de decadencia; porque as lettras declinavão com a nação, que já não era a mesma do tempo dos Gammás, dos Albuquerque, dos Pachecos e Castros, cujos netos havião é verdade sacudido o jugo estrangeiro, depois de mais de meio seculo de dura prova; mas curvavão ainda infelizmente as cervizes diante do mais intoleravel despotismo sacerdotal, de que ha memoria nos fastos dos povos cultos, porque pretendia nada menos que circumscrever a nobre faculdade de pensar com que Deus dotou o homem, nos estreitos limites de suas curtissimas e interesseiras vistas.

Os grandes reis, D. João II e D. Manoel I, havião ha muito desaparecido da scena; e seus fracos successores, bem longe de proteger as lettras, tinhão ao contrario renunciado o melhor do seu poder nas mãos dos inquisidores e dos jesuitas, que os dominavão, e erão inimigos jurados de todas as que não permittião:

Tudo pois se amesquinhou e abastardou com a nação, que de sua antiga gloria apenas conservava a lembrança; pois os Portuguezes já não erão os dominadores dos mares e os senhores do Oriente, onde havião sido substituidos pelos Hollandezes, que o fôrão depois pelos Inglezes. A litteratura patria che-gou ao extremo da degradação, donde só mais tarde havia de ser reerguida pela mão poderosa de um grande estadista que removeo as causas do atraso, senão no todo, pelo menos em grande parte.

Este periodo de decadencia total, bem como o da restauração das lettras no feliz reinado d'el-rei D. José I, serão objecto de outro discurso, porque nos não cabem já nos limites deste. Então virão os factos materiaes confirmar quanto levo dito sobre as causas do atraso da litteratura portugueza; e vereis, si em tempo em que o menor vôo do pensamento era punido com o carcere ou com a fogueira, se podia escrever cousa digna de ser lida e apreciada, ou ser escriptor de nome, como o fôrão os que florecê-rão no seculo que precedeo á decadencia, e si a lingua corrompida com a litteratura não se havia de sentir da falta de pennas habeis, que lhe dessem o lustre e primor requeridos em materia de estylo. Por hoje aqui faço ponto, contando com a vossa benevo-lia attenção para a seguinte prelecção:

LICÇÃO V.

Senhores:—A decadência da litteratura portugueza, a que me referi na precedente sessão, durou desde meiado do seculo decimo setimo até meiado do decimo oitavo, ou o espaço de um seculo pouco mais ou menos. Esta época de degradação intellectual foi fatal á lingua e letras patrias.

Uma revolução nacional havia é verdade, como dissemos, mudado a face das cousas no que respeita ao regimen politico; sacudindo o jugo hespanhol, e elevando ao throno um rei portuguez; mas com a autonomia não tinha Portugal recobrado a liberdade de pensar e escrever, porque continuava a subsistir o jugo da inquisição e o sophistico e agorentado ensino jesuitico, que exercião sobre os espiritos uma pressão ainda mais intensa, que a do dominio estrangeiro.

Assim o homem de talento, que não podia dar largas ao pensamento, nem divagar pelo mundo das

idéas, atinha-se á expressão ou ás palavras, cujo natural emprego forçava requintando o estylo, ou rebicando conceitos triviaes por modos mais ou menos engenhosos até a extravagancia. Um estylo figurado em que dominão á todo proposito as hyperboles e metaphoras descommunaes e mal cabidas, as antitheses reproduzidas até a saciedade, com um cortejo de argucias e trocadilhos de palavras, ou em que nada se diz simples e naturalmente, eis o estylo então em voga!

Assim como o despotismo déra outr'ora nascimento ao apologo, que é um invento filho da escravidão, assim deo nessa época origem á esta linguagem enigmatica, producto da compressão do pensamento, tanto em Portugal, como na Hespanha, onde subsistião as mesmas causas de degradação intellectual, porque ahí tambem preponderavão a inquisição e os Jesuitas.

Quasi todas as producções dos poetas portuguezes desse tempo são poesias pelo mesmo gosto das que se leem na «Fenix Renascida», no «Poliphemo», sonetos inintelligiveis, silvas, acrosticos e outros monstros, que Antonio Diniz da Cruz diz com muita graça no «Hyssope» serem *originários do paiz das bagatellas*.

Celebrisárão-se neste genero extravagante D. Violante do Céu, freira que por sua longa idade atravessou todo o seculo XVIII e não foi destituida de talento, Francisco de Vasconcellos, auctor do Poliphemo, Frei Jeronymo Vahia, e outros. Mas no meio de to-

da essa turba de verzejadores não apparece um só poeta de nome.

Em prosa as cartas da sensível e infeliz Marianna, outra freira, que mereceo por sua paixão o nome de moderna Eloisa, são dos poucos escriptos isentos desse estylo guindado, e dignas de ler-se pela verdade e delicadeza com que exprimem o sentimento. Perdeo-se o original dellas, mas achão-se traduzidas em Francez.

O reinado de D. João V, que comprehendeo quasi toda primeira metade do seculo XVIII, foi um tempo de falsa devoção e hypocrizia pela educação jesuitica e pressão inquisitorial que pesavão sobre os espiritos, e porque o rei que era apaixonado de pompas religiosas e queria imitar no fausto a Luiz XIV, gastava um dinheiro louco na construcção de templos e magnificos presentes á Curia Romana.

Em 1720 fundou-se a Academia de Historia Portugueza, que pouca ou nenhuma utilidade produzio, porque os volumosos trabalhos dos academicos, escriptos em estylo guindado e sob aquella dupla pressão, dormião, e dormem ainda hoje no pó das estantes. Assim esse esforço, que então se fez em favor das letras, foi quasi absolutamente infructifero, por que nenhuma influencia teve no espirito publico.

O unico prosador de algum vulto que se cita neste reinado, é o conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes que, manejando a espada de general e a penna de escriptor, compoz a historia da restauração

da monarchia portugueza, em que ha a admirar a pureza da linguagem, se bem que o estylo seja ainda vicioso, e fatigüe o leitor, que todavia encontra compensação ao canção no interesse historico da obra.

Este auctor, que era um homem muito erudito, traduzio tambem em verso portuguez a Arte Poetica de Boileau de quem era amigo, e compoz, alem de outras obras em verso, um poema heroico intitulado a Henriqueida, que ninguem hoje lê, a não ser para conciliar o somno.

Em 1745 queimou o tribunal da inquisição, sob o pretexto de judaismo, supposto crime que não poucas victimas levou á fogueira naquelle tempo, ao distincto dramaturgo, Antonio José, brasileiro de nascimento, e digno successor de Gil Vicente pelo talento e sal comico, que se notão em suas composições dramaticas, com quanto possão ser taxadas de irregulares, porque nellas brilha mais a natureza, que a arte.

D. João V, rei devoto, voluptuoso, e fraco, não tinha a força necessaria para se oppôr ás execuções do sanguinario tribunal que opprimia Portugal, porque o poder ecclesiastico tinha-se tornado então superior ao poder real. Estes terriveis exemplos dados contra os homens de letras erão mais que sufficientes para afogar o genio no nascedouro, porque ninguem queria ter a mesma sorte do infeliz Antonio José. Nunca o engenho soffreo torturas iguaes ás que experimentou no dominio da inquisição em Hespanha e Portugal.

O homem que teve poder bastante para acabar com as sanguinolentas crueldades exercidas em nome de um Deus de paz e clemencia, abolindo mais tarde o supplicio do fogo, foi Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, o grande ministro de D. José I, que começou a reinar em 1750. Este homem dotado de uma alta capacidade, e grande força de vontade, foi um dos maiores estadistas do seu seculo e superior em nossa opinião a Richelieu, a quem o comparão os Francezes.

Uma calamidade espantosa veio ainda aterrar mais os espiritos dominados pela pressão inquisitorial, a ponto de não poderem fazer o menor esforço para libertar-se de tão ferrenho jugo; quero fallar do horroroso terremoto de 1755, que destruiu quasi toda a cidade de Lisboa, arrasando-a até os fundamentos com grande perda de vidas, fortunas e preciosidades artisticas.

Perderão-se então muitos escriptos importantes, e á essa perda attribue-se a raridade das obras dos classicos, a qual ainda se experimentava muito tempo depois da catastrophe.

O genio poderoso de Pombal nunca sobresahio tanto como na reedificação de Lisboa, operada com incrível rapidez e sollicitude. O regimem por elle empregado era sem duvida um regimem de terror e sangue; pois chegarão-se á contar de uma só vez pendentes de forcas na capital destruida até duzentos cadaveres de ladrões, que, aproveitando-se da desgraça

publica, vinhão roubar o que a terra não tinha subvertido, nem o fogo consumido; mas Lisboa foi reedificada em poucos annos, e surgiu como por encanto de suas ruinas mais regular e bella. Tudo se dobrava diante da vontade de ferro deste homem.

Grandes fôrão os serviços por elle prestados á nação portugueza, seja melhorando a legislação, seja animando o commercio, a industria e as artes, tanto na metropole como nas colonias, seja cerceando o poder da inquisição, seja expulsando os Jesuitas, que constituíam um estado no estado, seja finalmente protegendo as lettras, que começárão a florescer no reinado de D. José I.

Fundou-se no seu tempo a academia dos Arcades, ou Arcadia, que regenerou a poesia portugueza, expellindo dos dominios da litteratura o máo gosto, que até então a havia invadido e contaminado.

Fôrão poetas mais notaveis dessa época, Pedro Antonio Correia Garção, que primou por suas odes horacianas; Antonio Diniz da Cruz e Silva, que primou por suas odes pindaricas, e seu poema heroi-comico, Hyssope; Frei José de Santa Rita Durão, brasileiro de nascimento, que compoz um poema epico, intitulado Caramurú, e que, a par de defeitos, contém grandes bellezas; José Bazilio da Gama, tambem brasileiro de nascimento, que compoz um poema intitulado Uruguay, um dos melhores do seu genero, e cujo principal defeito é não lhe ter o auctor dado maior desenvolvimento.

O gongorismo e o marinismo, que derão nascimento aos monstros profligados pelo Hyssope, forão substituidos pelo gosto classico o mais depurado, e a poesia portugueza elevou-se então bem alto, exprimindo na lyra de Garção todos os donaires e graças do estylo horaciano, e na de Diniz toda a grandiloquencia e impetuosidade do pindarico. As scenas e producções da America, bem como os usos e costumes de seus aborigenes, forão admiravelmente descriptos pelos dois brasileiros, que acabo de citar.

A poesia pois recuperou o seu vôo altisono com todas as graças e magestade, que lhe são proprias, e forão explorados certos generos, como o das odes e o dos poemas heroi-comicos com um talento e gosto como até hi o não havião sido.

É tal era o poderoso influxo de Pombal, que a academia dos Arcades, fundada sob seus auspícios poude fazer as suas primeiras sessões em 1756, ou um anno depois do horrivel terremoto, que destruiu Lisboa! Mas este grande homem, que tantos serviços prestou a Portugal, poz uma nodoa indelevel no seu titulo de protector das lettras, perseguindo á um dos socios mais distinctos dessa corporação, Pedro Antonio Correia Garção, que morreo em uma prisão por ousar fazer leve opposição a seus invariaveis préceitos, ou antes pelo não haver continuado a elogiar, como o dá a entender o proprio Garção em uma nota.

Si a poesia se levantou á grande altura durante a longa administração de Pombal, que protegeo as let-

tras, promovendo a associação dos Arcades, e reformou sabiamente a universidade de Coimbra em 1772, dando-lhe admiraveis estatutos, e chamando para leccionar nella os melhores professores nacionaes e estrangeiros, não aconteceu o mesmo com a prosa, que apenas readquirio a sua naturalidade com a introdução do bom gosto, mas que não teve então representante algum notavel, que a fizesse sobressahir. A causa desta falta de prosadores de nome devemos procural-a nas mesmas feições da época, que se descreve.

Como era possivel discutir os factos contemporaneos em presença de um ministro omnipotente, a cujo menor aceno tudo se curvava, e cuja vontade de ferro nivellava todos os espiritos? Quem por exemplo poderia escrever com imparcialidade sobre as sanguinolentas execuções de 1759 por occasião da conspiração dos Tavoras e do duque de Aveiro contra a vida d'el-rei D. José, ou sobre a grande occurrencia da expulsão dos Jesuitas? Não estava ahi o poeta Garção para servir de exemplo á todo o ousado que se quizesse mostrar escriptor independente?

Os grandes escriptores só apparecem quando ha liberdade de pensar e escrever, não no tempo de ministros omnipotentes como era Pombal, que abateo o poder do clero e da nobreza, e a quem os nobres, cuja opposição elle afogou em sangue, chamavão o rei D. Sebastião, porque era mais rei, que o proprio rei. E si a poesia se levantou no seu tempo, é porque tratava de assumptos, que não tinham relação com a vida real,

a não ser mui indirecta. Quanto ao Hyssope de Diniz, que a tinha directa, esse publicou-se impunemente pelo bom prazer do ministro, que gostava de vêr ridicularizado o clero, com quem teve de sustentar tão longa lucta.

Em 1780 já no reinado de D. Maria I, ou pouco depois da retirada do marquez de Pombal, fundou-se a academia real das sciencias de Lisbôa por esforços do duque de Lafões, tio da rainha.

Esta associação prestou mui assignalados serviços ás letras patrias, seja mandando estampar muitas obras importantes, principalmente de classicos, seja publicando as memorias de seus socios escriptas com criterio sobre diversos assumptos, seja dando á luz o seu dictionario, que, apezar de ficar incompleto, pois só contem os nomes da letra A, não deixa de ser mui apreciado pelos doutos.

Neste periodo não só foi depurada a litteratura do máo gosto que a havia corrompido até fins do reinado de D. João V, ou até 1750; mas a lingua que se abastardára no dominio hespanhol, porque não poucos escriptores a abandonárão para escrever no idioma dos dominadores, começou a ser mais bem estudada, e levada á sua pureza pela leitura e imitação dos classicos, cujas obras erão apresentadas como modelo pela academia real das sciencias, que mandava publicar as ineditas, e reimprimir as já publicadas.

Assim a segunda metade do seculo XVIII foi uma

verdadeira época de regeneração para a litteratura e para a lingua, tanto pela reforma dos estudos operada pelo marquez de Pombal, que, alem de melhorar os da universidade de Coimbra, creou o real collegio dos nobres, como pela animação que este ministro deo ás boas lettras, a qual se communicou, como vimos, ainda ao principio do seguinte reinado.

D. Maria I que por morte de seu pae subio ao throno em 1777, era uma senhõra virtuosa e bem intencionada, mas devota e fraca. O principal merito desta piedosa princesa foi conservar as instituições creadas por seu pae, e não consentir que o grande homem, que havia levantado Portugal do abatimento em que jazia, fosse perseguido por seus inimigos.

Este, demittido de todos os seus cargos, foi viver para a sua quinta de Pombal, e conservou-se incolume até a avançada idade de 83 annos entre os numerosos e poderosos parentes e amigos de suas victimas, assim como Sylla entre os Romanos depois de haver abdicado a dictadura. Quando sahia algumas vezes á passeio, grupavão-se os camponezes para vel-o, e dizião entre si: *Ahi vai o grande marquez.*

O espirito fradesco começou logo a dominar nos conselhos da corõa, e a continuação do reinado de D. Maria I foi uma nova época de decadencia para a litteratura e lingua portugueza por novas causas occasionaes, que para isso concorrêrão, e me proponho apreciar em outro discurso, pondo aqui termo a este.

LICÇÃO VI.

Disse o grande épico portuguez, senhores, que um fraco rei faz fraca a forte gente; e disse uma verdade attestada pela historia de todos os tempos e paizes.

Vimos como pouco antes do reinado d'el-rei D. José I o progresso intellectual da nação portugueza era sacrificado á brutal pressão, que exercia sobre os espiritos o barbaro e sanguinario tribunal da inquisição; como os jesuitas monopolisavão o ensino, circumscrevendo-o, e viciando-o em sua origem; como se ingerião nos conselhos da corôa, apoderando-se da consciencia dos principes, e a fatal influencia de um semelhante estado de cousas para a litteratura, que, invadida de todos os lados pelo máo gosto, havia completamente decahido de seu antigo esplendor.

Vimos como depois, Pombal, o grande ministro de José I, abolindo o supplicio do fogo, expulsando os jesuitas do reino, e animando as lettras, havia feito

renascer, com a liberdade de pensar em materia de artes e sciencias, o bom gosto na poesia, bebido no apurado estudo dos classicos gregos e latinos; estendendo-se este benefico influxo, communicado por uma mão poderosa, até o principio do seguinte reinado, no qual foi pelos esforços do duque de Lafões creada a academia real das sciencias, que não poucos ser-
viços prestou á litteratura.

Mas o grande ministro havia desaparecido da scena, e com a sua retirada tinha a politica feito completa mudança. Dona Maria I, com quanto bôa e caritativa, era uma princeza de devoção exaltada, e dominada por escrupulos de consciencia, que lhe incutião seus confessores, á ponto de vir por fim a elouquecer. A regencia do reino tinha por morte do principe D. José passado em 1799 ao principe D. João, que reinou depois sob o nome de D. João VI. A inquisição, é verdade, já não queimava gente, mas ainda punha bastantes péas ao pensamento, como se verá.

As lettras começárão logo a decahir por effeito de uma especie de corrupção nova que se introduzio na lingua, e foi ella o emprego de termos e modos de dizer francezes, sem que valessem os esforços da academia a oppôr um dique á torrente do mal, que invadia rapidamente todos os dominios da litteratura.

Déra-se então um factó, que, agitando toda a Europa, influio mais ou menos nos destinos dos povos; quero fallar da revolução franceza de 1789, que abalou os thronos, e levou a guerra e os exercitos fran-

cezes á quasi todas as partes do continente europeu.

A attenção convergia de todos os pontos para a França, fóco e theatro principal da agitação, enthusiasmo e febre popular; o triumpho das armas francezas era por toda a parte applaudido e victoriado como precursor da nova liberdade; os impressos e livros francezes erão pelo interesse que inspiravão, não lidos, mas devorados pelos leitores; as doutrinas dos philosophos do seculo XVIII, que havião promovido e anunciado a revolução, seduzião todos os espiritos; pensava-se como os francezes, e até á maneira franceza se exprimia o pensamento.

D'ahi a corrupção da lingua não só em Portugal, mas tambem na Italia e na Hespanha, ou entre os povos de raça latina, em cujos idiomas podião ser os termos francezes mais facilmente enxertados, concorrendo ainda para augmental-a as diversas invasões francezas nos respectivos paizes.

Houve então em Portugal, e no Brazil, uma verdadeira innundação de livros francezes, e, o que era peor, de pessimas traducções d'elles, eivadas de gallicismos grosseiros, que passavão depois para a conversação na alta sociedade, e até para o estylo familiar. O estudo dos classicos foi completamente abandonado pelos afrancezados, ou gente do bom tom, que não querião saber de outros livros, que não fossem francezes. Assim se ia de dia em dia corrompendo e abastardando a bella lingua de Camões e de Vieira.

Resistirão porem á torrente invasora dos galliscismos, seja dito com muito louvor, os grandes poetas da época, que, por seu talento, bom gosto e perfeito conhecimento da lingua, sempre se mostrarão superiores á tão absurda innovação, ou isentos da lepra do escrever afrancezado, que se havia apoderado do vulgo dos escriptores, como molestia contagiosa. E fôrão elles: Francisco Manoel do Nascimento, ou Filinto Elysis; Manoel Maria Barbosa du Bocage, ou Elmano; o padre Antonio Pereira de Souza Caldas, brasileiro de nascimento; todos poetas lyricos, e todos de subido merito na republica das lettras.

Mas nenhum de certo prestou então por seus escriptos em verso e prosa tantos serviços á lingua, como Francisco Manoel, o auctor da traducção dos Martyres de Chateaubriand, riquissimo thesouro de estylo poetico pelo primoroso da execução, e incontestavelmente o primeiro lyrico portuguez por suas Odes. O visconde de Almeida Garrett diz com todo o fundamento que Francisco Manoel, por si só, valeo uma academia em peso; e tanto é mais para louvar o zêlo patriotico do grande poeta, que vivia elle n'esse tempo longe da patria, e desterrado em França. Não só era Francisco Manoel um modelo de castiça linguagem portugueza em suas composições, como não cessava tambem de zurzir em chistosas notas os tarelos ignorantes, que chafurdavão no lodaçal do escrever afrancezado, e á que com muita graça dava o nome de Francêlhos, ou Franchinotes.

Bocage, o grande improvisador portuguez, o insigne traductor das *Methamorphoses* de Ovidio, dos *Jardins de Delille*, das *Plantas de Castel*, e do poema de *Rocher*, admiravel nos sonetos, e outras composições lyricas, é, apesar de seus defeitos, que o levavão a exagerar o estylo, outro modelo de linguagem portugueza em seus escriptos, porque nisto nunca lhe desvairou a musa, nem falhou o bom senso.

O padre Souza Caldas, auctor da paraphrase dos *Psalmos de David*, obra que pelo grandioso e aprimorado do estylo não tem superior em lingua viva, bem como de outras poesias lyricas de grande merito, o primeiro poeta lyrico brasileiro, si já nos é dado fazer distincção de litteraturas, e um dos maiores dos tempos modernos, é tambem por seus escriptos outro modelo de linguagem portugueza a mais apurada.

Os dois primeiros poetas, que citei, fôrão ainda perseguidos pela inquisição nos ultimos tempos do seu dominio em Portugal. Francisco Manoel, para escapar aos carceres desta, expatriou-se, e foi residir em França, onde acabou seus longos e cançados dias, escrevendo para manter-se. Bocage geméo nos ferros do barbaro tribunal, e só devéo a sua soltura á alta protecção de alguns fidalgos, a que recorreo. Grande parte de sua excellente traducção das *Metamorphoses* de Ovidio foi feita nos carceres da inquisição. Era assim que esse poder tão absurdo como tyranico, superior ao dos proprios reis, suffocando o genio á nascença, oppunha constante barreira ao progresso intellectual

da nação, de cujo atrazo foi uma das causas efficientes e primordiaes. Antonio José, Francisco Manoel, e Bocage, dão disso irrecusavel testemunho. Introduzido em Portugal no ominoso reinado d'el-rei D. João III, esse padrão de vergonha para o governo portuguez só devia ser abolido pela revolução de 1820.

Em quanto a poesia lyrica se elevava á altura de toda grandeza, magestade e sublimidade biblica na primorosa paraphrase dos Psalmos por Souza Caldas, e a poesia épica corria parelhas no grandiloquo e arrojado do estylo com a dos Lusiadas na soberba traducção dos Martyres por Francisco Manoel, a prosa portugueza se deturpava com gallicismos na mór parte dos escriptos da época, tão esquecidos hoje como seus auctores. O unico grande prosador, que então se apresenta á apreciação, é ainda Francisco Manoel na sua classica traducção de *Rebus Emmanuelis*, ou da vida d'el-rei D. Manoel pelo bispo de Silves, Jeronimo Ozorio.

O mal lançou então raizes profundas, principalmente no Brazil, como demonstrarei em occasião opportuna. A lingua soffreo em sua indole ainda nas obras dos mesmos auctores que podem passar por isentos de neologismo grosseiro, porque nellas domina de ordinario a construcção directa segundo a indole do Francez, quando no bom Portuguez deve predominar a inversa, geralmente adoptada pelos classicos.

Dérão-se depois outros factos, que devião por suas consequencias politicas influir nos destinos da litte-

ratura, e de feito influirão. Por ocasião da primeira invasão franceza em Portugal a familia real portugueza transportou-se para o Brazil em fins de 1807, ficando este sendo a séde da monarchia. O Brazil foi elevado á categoria de reino; e o principe regente por morte de D. Maria I foi acclamado, sob o nome de D. João VI, rei do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, em 1818.

Com a familia real passarão-se tambem para o Brazil na mesma occasião ou depois, não poucos litteratos portuguezes, e ainda brazileiros que vivião na metropole. Os conhecimentos começárão então a diffundir-se no Brazil com mais profusão, especialmente na capital do Rio de Janeiro, onde residia a côrte, si bem que isto se infira mais dos interessantes escriptos, que fôrão depois impressos, que das noticias do tempo, porque não havia ainda liberdade de imprensa, nem jornaes nas provincias. O que é factó averiguado é que o Rio de Janeiro, onde se achavão reunidos habeis professores e muitos litteratos, começou a ser o fóco da instrucção litteraria e scientifica para o resto do Brazil.

A ausencia do rei, o desgosto produzido pela execução do general Gomes Freire e seus infelizes companheiros, e as idéas de liberdade e progresso causarão em Portugal a revolução de 1820, que regenerou a nação portugueza, acabando com o tribunal da inquisição, e adoptando instituições livres para o regimen politico de Portugal, que proclamava uma cons-

tituição. A revolução portugueza foi abraçada com enthusiasmo por todo o Brazil, que já abundava nas mesmas idéas, communicando-se com a rapidez do relampago do Amazonas ao Prata; mas o desgosto occasionado pela partida do rei, para Portugal, as injustas pretensões das côrtes portuguezas, e a existencia do principe herdeiro da corôa entre nós, produzirão tambem logo em 1821 a independencia do Brazil, que, com muito mais recursos que Portugal, tinha direito á sua emancipação politica, e não lhe podia ficar sujeito.

D'esta época em diante, ou com a emancipação politica do Brazil, deve-se estabelecer a linha divisoria entre as duas litteraturas, a portugueza, e a nascente brazileira.

Faço por hoje aqui ponto, reservando o mais para a seguinte prelecção.

LICÇÃO VII.

Temos hoje diante de nós, senhores, o interessantissimo espectáculo de uma nova sociedade politica que se desenvolve, de um povo de raça latina florescendo na America, de uma nação recente, cheia de vida, patriotismo, recursos e esperanças; o espectáculo da Nação Brasileira emancipada, e figurando no cathalogo dos povos cultos, independentes e livres.

De tudo quanto fez Portugal, estado pequeno, é verdade, dos confins occidentaes da Europa, mas que sempre procurou sahir da limitada esphera de seus recursos por acções e emprezas memoraveis, levando n'isto vantagem ás grandes nações europeas, a sua obra mais grandiosa foi sem duvida a povoação e colonisação do Brazil, que lhe deo deste lado do Atlantico um povo irmão, que professa a mesma religião, falla a mesma lingua, e tem os mesmos costumes. Na historia da civilisação moderna, a Nação Brazi-

leira, que já é a segunda potencia da America, e ha-de vir a ser com o rodar dos seculos uma das maiores do mundo, será sempre o primeiro e o maior padrão de gloria do pequeno estado occidental da Europa, a que deve a sua origem.

Novos e vastos horisontes politicos se abrem diante de nós; e com elles começão já tambem a divisar-se ao longe novos horisontes litterarios ainda mal distinctos.

Vimos na precedente sessão a rapidez com que se operou em 1821 a revolução da independencia, que separou o Brazil de Portugal, e o elevou á cathegoria de imperio, ou de estado independente, e as causas occasionaes que concorrêrão para a acceleral-a, como a partida d'el-rei D. João VI para Portugal, as pretensões injustas das côrtes portuguezas, e o permanecer entre nós o primogenito da casa de Bragança, a quem as mesmas côrtes mandavão viajar com o fim de arredal-o do Brazil, que começava a agitar-se.

É innegavel, que o Sr. D. Pedro I, collocando-se á frente da revolução brazileira, não só a facilitou, como a uniformisou, conservando unido em um só corpo social á todo o Brazil em sua vasta extensão, o qual sem o prestigio de seu nome não constituiria de certo hoje uma nação respeitavel, mas ter-se-hia provavelmente dividido em pequenos estados, tão fracos e anarchisados, como os dos Americanos Hespanhoes, que comnosco visinhão. Deo-nos elle ainda a constituição mais liberal de que nunca go-

sou povo algum livre, e tão perduravel por sua perfeição, que já conta bons 40 annos de existencia, ou quasi meio seculo; no mesmo acto de sua abdição em 7 de Abril de 1831 mostrou um verdadeiro coração de rei e de pae, conservando intacto para seu Augusto filho o Senhor D. Pedro II, que actualmente reina, e era então de menor idade, o grande imperio que havia fundado na America; e foi, rei sem reino, na qualidade de simples duque de Bragança, estabelecer outra monarchia constitucional na Europa para sua filha a Senhóra D. Maria II de Portugal, em favor de quem havia cedido seus direitos á corôa portugueza.

Assim alguns erros politicos que commetteo este principe, cuja vida agitadissima foi toda de abnegação e sacrificios, e a quem a historia fará completa justiça, qualificando-o como um dos maiores reis que produziu a casa de Bragança, ficão de muito sobrelevados pelos eminentes e incontestaveis serviços que prestou á causa da liberdade, tanto no Novo, como no Velho Mundo.

O Brazil acaba de erigir um soberbo e grandioso monumento á memoria do Sr. D. Pedro I: era um testemunho de gratidão de nossa parte, a que tinha direito o magnanimo e heroico fundador da grande Monarchia Brasileira.

Os primeiros tempos do novo imperio constituirão uma época mais ou menos agitada por guerras externas e internas, na qual não podião ter cabimento as

letras que não florecem ao estrondo das armas, mas no remanso da paz. No primeiro reinado, e logo depois da gloriosa luta da independencia, teve o Brazil de sustentar, alem das commoções internas porque passou, a primeira guerra contra a Confederação Argentina, a qual acabou pelo reconhecimento da independencia da republica do Uruguay. A menoridade, ou governo da regencia e regentes que a substituirão, foi um tempo de successivos abalos internos, que assaz denunciavão a fraqueza do poder que presidia aos destinos da nação. No começo do segundo reinado, teve ainda o Brazil de passar por commoções internas, e sustentar a segunda guerra contra a Confederação Argentina, de que sahio victorioso. Toda essa quadra de fermentação que percorremos, ou todo esse longo e agitado tirocinio politico, era o tempo em que as instituições se consolidavão, e o grande imperio da America chegava ao vigor de sua adolescencia social. Desde então para cá, ou ha cousa de 12 para 13 annos, goza ¹ o Brazil da mais profunda paz interna e externa, em quanto a Europa, constantemente agitada, arde em guerras sobre guerras, em quanto a America do Norte se acha toda conflagrada pela mais gigantesca e exterminadora guerra civil que virão os tempos modernos, e o Mexico é theatro da invasão estrangeira.

Era tempo de começarem as letras a florecer no

¹ Era isto escripto em Maio de 1864.

Brazil, como de feito começãõ sob o feliz reinado de um principe illustrado, que as estuda e protege. Muitos homens de talento enriquecem actualmente a litteratura com seus escriptos em diversos generos; não experimentamos falta, temos antes abundancia de litteratos; porque o brasileiro é dotado de grande vivacidade de engenho, estuda diversas linguas, e diversas litteraturas, applica-se á todo genero de artes e sciencias, e, não contente com o que pode aprender na patria, vai procurar o saber á Europa com o mesmo ardor e empenho, com que o europeu se transplanta para a America em busca das riquezas materiaes. Tamanho é o desejo e gosto de aprender que se desenvolve em nossa mocidade !

Mas em tanta abundancia de escriptores só apontarei os mais notaveis, e desses em primeiro logar os poetas, como convem. É com visivel acanhamento, senhores, que entro n'esta apreciação, porque em uma litteratura nascente quasi que só tenho de fallar de auctores vivos; mas não ha meio de o evitar.

Antes porém de o fazer, devo dizer que nas composições originaes dos poetas brasileiros predomina o gosto romantico, introduzido especialmente na litteratura pelos grandes poetas europeos do seculo XIX, Byron, Lamartine, Victor Hugo, Almeida Garrett, e o poeta em prosa Chateaubriand, maior pela ventura em suas creações, que todos elles. Predomina ainda nessas composições a côr local, o que é uma grande virtude, não sendo levado a excesso, que só nos faça enxer-

gãr Aborigenes entre um povo de raça latina, qual é o brasileiro.

Já nos poemas *Caramurú* e *Uruguay*, escriptos no seculo XVIII por dois brasileiros de nascimento, frei José de Santa Rita Durão e José Bazilio da Gama, é de notar que predomina a côr local, porque os costumes dos indios, as scenas e paisagens da America, e tudo quanto ahi pôde impressionar os sentidos, é admiravelmente descripto. Essas duas composições, em que não figurão por cousa alguma os deuzes e fabulas da Grecia, já são no seu todo eminentemente brasileiras, e seus inspirados auctores como que já preduliavão e annunciavão a aurora de nossa nascente litteratura.

São poetas mais notaveis da presente época: o Sr. Manoel Odorico Mendes, auctor da classica traducção das obras de Virgilio, e das excellentes traducções da Merope e Trancredo de Voltaire, bem como de algumas poesias lyricas, que correm impressas avulso; o Sr. Antonio Gonçalves Dias, auctor das Poezias Americanas e do poema intitulado os «Tymbiras» ainda incompleto;¹ o Sr. Domingos Gonçalves de Magalhães, auctor do poema épico intitulado a «Confederação dos Tamoyos», da Tragedia Antonio José, dos Suspiros Poeticos, e dos Mystérios; o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, auctor das Brazilianas.

¹ Erão ainda vivos tanto este como o primeiro poeta, quando isto estreviamos.

A poesia original brasileira, que se ostenta adornada com todas as galas da juventude americana, eleva-se ás vezes bem alto nos escriptos dos tres ultimos senhores, e nada deixa a desejar quanto ao fogo sagrado da inspiração, abundancia de phantazia imaginosa, sublime de pensamento, e colorido de estylo, si bem que em alguns delles se possão enxergar defeitos na pureza da dicção, e exaggeração no emprego da côr local.

O Sr. Odorico Mendes é um verdadeiro poeta classico por sua admiravel traducção de Virgilio, superior a quantas se teem feito em portuguez do mesmo poeta, e uma das melhores em lingua viva pela riqueza da linguagem e metrificacão, poesia imitativa, viveza de imagens e perfeição de estylo. As suas bem acabadas traducções da Merope e do Trancredo não lhe são tambem pequeno titulo de gloria. Um dos mais profundos conhecedores actuaes da bella lingua de Camões e de Ferreira, o Sr. Odorico Mendes presta por seus escriptos á litteratura brasileira no seculo XIX quasi o mesmo serviço, que Francisco Manoel do Nascimento prestou á portugueza no seculo XVIII. Propõe-se ainda o eximio poeta a enriquecer as duas litteraturas com a importante traducção que fez da Iliada e Odisséa de Homero, e que será brevemente publicada, segundo nos consta.

O Sr. Gonçalves Dias, que não tem rival entre nós no colorido e perfeição de estylo, é sem duvida, pelo seu elevado e acceso imaginar, o primeiro poeta lyrico

da época; e direi não só no Brazil, mas ainda nos dois paizes de lingua portugueza.

O Sr. Gonçalves de Magalhães, que passa pelo fundador da escola romantica entre nós, é tambem, quanto á inspiração e estylo, um poeta de primeira ordem n'aquellas de suas obras que teem chegado ao nosso conhecimento, que são as acima citadas.

O Sr. Araujo Porto Alegre, a julgarmos por algumas de suas Brazilianas que vimos, é igualmente um poeta de primeira ordem, quanto á inspiração e estylo. Este Sr. vai de mais a mais enriquecer a nossa litteratura com um poema épico, intitulado «Colombo, ou o descobrimento da America.» Bem haja a sua eloquente penna, que assim paga uma divida em que estamos todos os Americanos para com o maior homem do seculo XV.

Julguei dever apenas emittir este juizo succinto acerca dos tres poetas, que escrevêrão obras originaes, não só porque se trata de auctores vivos, como por que na analyse terei de dar o meu juizo circumstanciado sobre as obras de cada um delles, não militando a mesma razão para com o Sr. Odorico Mendes, porque nas traducções só se aprecia o merito da execução, e não o da invenção e distribuição.

São prosadores mais notaveis: o Marquez de Maricá, auctor das Maximas; Frei Francisco de Monte-Alverne, orador sagrado; e João Francisco Lisboa, auctor do Timon, da Biographia do Sr. Odorico Mendes, e da Vida do padre Antonio Vieira; todos elles já fallecidos.

O primeiro é um modelo de estylo conciso e sentencioso, onde ha muito que aprender para os homens de todas as condições; o segundo é um modelo de eloquencia sagrada, em que se notão a cada passo verdadeiros rasgos oratorios e o lampejar do genio da tribuna, não obstante algumas incorrecções; o terceiro, que, pelos trabalhos historicos que nos legou no seu Timon, e outros que ficão citados, já pode passar por modelo do verdadeiro historiador critico e eloquente, o seria de certo completo, si a morte o não viesse interromper no meio de seus estudos litterarios.

Apresentarei ainda, d'entre os auctores que actualmente vivem, o Sr. João Manoel Pereira da Silva, como um escriptor diligente e bem informado no seu «Plutarco Brasileiro,» onde se encontra o que falta nos nossos poetas que só vêem indios e mais indios, o homem civilisado do Brazil, ou brasileiro de origem, ou para elle transplantado, collocado em presença do selvagem, habilitador dos bosques.

Já é tempo de irmos dando de mão á tanta lenda sobre os Aborgienes, para pintarmos tambem os usos e costumes do homem civilisado do Brazil, ou do verdadeiro actual brasileiro. Já João Francisco Lisboa censurava no seu Timon este pendor exclusivo para os indios no meio de uma nação civilisada, e com muita razão, porque estamos no Brazil de 1864, e não no Brazil de 1500, no qual Pedro Alvares Cabral só encontrou selvagens.

Bem desejára apresentar-vos aqui os nossos mais

distinctos oradores na tribuna parlamentar, mas infelizmente não se achão colleccionados os seus discursos, onde a apreciação critica possa esmerilhar bellezas e defeitos. Assim citarei de reminiscencia, como os primeiros em eloquencia politica, os dois mui distinctos parlamentares, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Porei aqui termo ao meu discurso de hoje, dizendo-vos em conclusão que uma nação, que apresenta um poeta como o Sr. Antonio Gonçalves Dias, um orador como Frei Francisco de Monte-Alverne, um sabio e profundo moralista como o Marquez de Maricá, já tem direito a occupar um logar distincto entre os povos cultos do Universo.

LICÇÃO VIII.

Tendo no precedente discurso tratado de nossa nascente litteratura, devo, Senhores, antes de concluir esta minha introduccão sobre a lingua, lançar um rapido volver d'olhos para a litteratura portugueza da mesma época, só quanto baste a estabelecer as differenças essenciaes que se notão entre ella e a nossa; si é que já é possível determiná-las bem, sendo que não ha ainda cousa de meio seculo formavão ambas uma só litteratura, pertencente ao mesmo povo, que se dividio em duas nações distinctas no anno de 1821.

A litteratura brasileira e portugueza são tão parecidas nas feições, ademanes e attitudes, como o podem ser duas irmãs gêmeas que mal se distinguem por alguma diversidade de forma e ar proprio, só perceptíveis para os que as estudão com muito cuidado. Procurarei entretanto tornar salientes essas quasi in-

sensíveis diferenças, que só com o tempo devem adquirir maiores proporções.

Em quanto o Brazil, á sombra de suas instituições livres, caminhava á largos passos para o estado florentemente em que hoje o vemos, e que promette ir em crescente progresso com a longa paz que gozamos; Portugal, que tambem passou por graves commoções e guerras internas, consolidava por fim sua liberdade constitucional nos ultimos annos do illustrado reinado da Senhora D. Maria II.

Com a consolidação da liberdade politica, e sem a mordaca da inquisição que por tanto tempo a entorpecera, a litteratura portugueza começou logo a florescer com muito vigor, e a dar bastantes e sazoados fructos; porque nada ha para animar as lettras em qualquer paiz como a liberdade de pensar e escrever. Tanto é certo, que a litteratura decae e reergue-se com a sociedade politica, de que é a expressão memoravel, como diz Lamartine.

Muitos são os auctores de subido merito que n'estes ultimos tempos teem por seus escriptos em verso, ou prosa, enriquecido a litteratura portugueza, a qual se acha hoje elevada á grande auge de esplendor; mas d'entre tantos apontarei unicamente os que julgo com direito a occupar o logar mais distincto.

São principaes poetas, o visconde João Baptista Leitão de Almeida Garrett, não ha muito fallecido, e e o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, que ainda vive. Fundador da escola romantica em Portugal, e re-

generador do theatro portuguez, o visconde Almeida Garrett, que primou em mais de um genero, é não só um dos maiores poetas portuguezes depois de Camões, mas tambem um dos grandes poetas europeus do seculo XIX. Não sei que haja obra alguma do mesmo genero superior ao seu poema «Camões», que nada deixa a desejar quanto á inspiração poetica, perfeição de estylo, felicidade de invenção, riqueza de episodios, verdadeira expressão do sentimento patriotico, e interesse sempre crescente. O seu poema «D. Branca», os seus dramas em verso e prosa, o seu Romanceiro, e suas poesias lyricas, não lhe são tambem pequeno titulo de gloria. Mas foi justamente no poema «Camões» e nos dramas «Gil Vicente» e «Frei Luiz de Souza», que este grande poeta dos tempos modernos deixou mais que em nenhuma outra de suas producções impresso o indelevel sello do genio.

Cêgo como Homero e como Milton, o Sr. A. F. de Castilho vingá-se como elles, á força de genio, do fatal accidente que o privou da vista; e grande poeta, ou se attenda ao fogo sagrado da inspiração, ou á perfeição de estylo, e á mestria da versificação em que ninguem o excede, tem elle enriquecido a litteratura portugueza com os poemas romanticos «Noites do Castello» e «Ciumes do Bardo», que são outras tantas bellas producções no seu genero; com as suas lindissimas poesias lyricas «Amor e Melancholia»; com as suas poesias eroticas, intituladas «Cartas de Echo e

Narciso»; e com as suas primorosas traducções das «Metamorphoses e do livro dos Amores de Ovidio», filhas ambas da escola bocagiana; sem fallar em outras producções de sua juventude, que não deixão de ter merito.

Em quanto a moderna poesia portugueza se eleva nas tubas e lyras de seus dois grandes poetas áquella altura, em que collocarão a moderna poesia franceza os dois grandes poetas Lamartine e Victor Hugo, a prosa apresenta-nos actualmente em Portugal auctores não menos distinctos por seu transcendente merito.

São principaes prosadores, o mesmo visconde João Baptista Leitão de Almeida Garrett; o Sr. Alexandre Herculano, e o Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, dos quaes os dois ultimos ainda vivem.

Prosador de primeira ordem, profundo conhecedor do coração humano, e litterato consummado em seus dramas em prosa «Gil Vicente» e «Frei Luiz de Souza», em seu «Tratado de Educação», em seu «Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza», e ainda em outras obras de menos vulto como o «Arco de Santa Anna», as «Viagens á minha Terra», e opusculos politicos, o visconde Almeida Garrett, nome para sempre illustre na litteratura portugueza, é o auctor moderno que melhor soube imitar os clasicos portuguezes, e um verdadeiro modelo para os que se propõem escrever em prosa.

Prosador tambem de primeira ordem, litterato e

caracter de grande vulto, philosopho profundo e critico consummado em sua «Historia da Inquisição», e em sua «Historia de Portugal», o Sr. Alexandre Herculano é ainda incontestavelmente o primeiro modelo de prosa portugueza poetica nos seus romances «Eurico» e «Monge de Cister» e nas suas «Lendas», ou um grande poeta em prosa, como o foi Chateaubriand, que levou a palma a todos os poetas do seculo XIX em suas admiraveis creações.

Prosador igualmente de primeira ordem, litterato e critico muito distincto em sua «Historia Portugueza dos seculos XVII e XVIII,» o Sr. Rebello da Silva é outro modelo de elegancia e propriedade de estylo no seu romance «A Mocidade del rei D. João V.»

Basta porem á meu proposito o que já fica dito da litteratura portugueza contemporanea; e voltando ao ponto principal da questão, ou ás differenças essenciaes entre as duas litteraturas, direi que a diversidade de forma nota-se unicamente entre os prosadores dos dois paizes, porque os de Portugal dão á phrase um torneio mais semelhante ao dos classicos, e arredondão mais os periodos, sendo que os do Brazil usão mais da ordem directa na construcção da phrase, e exprimem-se geralmente em periodos menos extensos. Assim em Portugal sacrifica-se não poucas vezes a força do pensamento á belleza da forma, e no Brazil a belleza da forma á força do pensamento; defeitos que cumpre evitar, adoptando o meio termo em uma e outra cousa ou o—*Sit modus in rebus*—de

Horacio. Esta differença não é todavia sensivel nos poetas dos dois paizes; porque, sujeitos ás leis do metro, da harmonia imitativa, e cadencia sustentada, tanto os do Brazil, como os de Portugal, recorrem frequentes vezes á todo genero de inversões, accrescendo que na poesia o estylo é ordinariamente mais conciso por mais bem trabalhado e castigado. Mas si não distingue os poetas brazileiros dos portuguezes diversidade alguma de forma no modo de enunciar o pensamento, distingue-os já incontestavelmente certo ar proprio de cada paiz, de cada nacionalidade, ou aquillo que em litteratura se chama côr local; porque os poetas brazileiros deixárão por fim de ser portuguezes, seja escolhendo assumptos brazileiros e americanos para seus versos, seja descrevendo n'elles usos e costumes, historia, scenas e accidentes naturaes da America, ou creádo uma litteratura especial e propria do paiz. N'esta parte não só teem nossos poetas, que são como os de todos os paizes os primeiros á prestar serviços ás lettras, lançádo os fundamentos de uma nova litteratura, como até idô alem do justo, fazendo dos indigenas objecto principal de suas composições. Os indios podem, quando muito, fornecer materia á algumas lendas, á um ou outro bonito e pathetico episodio, mas não á longos poemas, porque ninguem se interessa por heroes desconhecidos, ou de pura invenção. Frei José de Santa Rita Durão e José Bazilio da Gama, isto é, os primeiros poetas nascidos no Brazil, que introduzirão a côr

local em seus poemas, escolhêrão para heróes destes poemas, o primeiro, á Diogo Alvares Corrêa, o segundo, á Gomes Freire de Andrade, ou á dois homens civilizados postos em presença dos indios. Seguindo um rumo opposto na escolha de seus heroes, arriscão-se nossos poetas á desperdiçar bellos versos e bellas descripções.

Estas são as differenças essenciaes que se notão entre as duas litteraturas, brasileira e portugueza, e já em nossa opinião bastantes á distinguil-as uma da outra para os bons entendedores.

Apresenta-se aqui outra questão muito importante para a litteratura, a da modificação por que tem passado a lingua portugueza no Brazil.

Dividirei esta modificação em duas especies, primeira:—modificação que deve ser geralmente recebida tanto no Brazil como em Portugal, por ser proveniente da força e natureza das cousas; segunda:—modificação que deve ser geralmente impugnada e corrigida, por ser filha da falta de estudo e perfeito conhecimento do idioma.

E' modificação proveniente da força e natureza das cousas a que tem aportunizado todos os nomes indigenas, proprios de animaes, plantas, rios, lagos, montes, especiaes á America, e ainda os designativos de todos e quaesquer objectos, artefactos, inventos, usos, e praticas, desconhecidos na Europa. As linguas não nascem ricas; enriquecem com os inventos, descobrimentos e civilisação depurada; e a mais rica será

sempre aquella que contiver maior numero de signaes de idéas ou de termos para designar as cousas. Bem pobre era o Portuguez d'el-rei D. Diniz, e hoje é uma das linguas mais opulentas. Assim todos esses termos indigenas, e outros analogos, devem ter fôro de cidade na lingua, e já á muitos delles o derão os auctores portuguezes que escrevêrão sobre o Brazil, adoptando-os em seus escriptos; entre outros, o grande Vieira, um dos mais profundos conhecedores de nosso patrio idioma.

A modificação porém que é filha da falta de estudo da lingua, e consiste no emprego de termos estranhos sem necessidade e de construcções que a barbarizão, como o de vocabulos e modos de dizer francezes, deve, por absurda e intoleravel, ser combatida por todos os homens doutos que se dedicão ao estudo das boas lettras no Brazil; porque a palavra é a arma de civilisação mais poderosa que Deus concedeo ao homem, ou o primeiro movel das sociedades humanas em qualquer estado que seja, e para produzir o seu effeito nunca hade ser falsificada por liga de baixo metal, que lhe altere o valor.

Em Portugal estuda-se muito mais a lingua, que no Brazil; e accrescentarei, vota-se-lhe alli até uma especie de culto, que degenera por vezes em affectação. Não digo que levemos as cousas á este extremo, porque a lingua é o instrumento pelo qual transmitimos o pensamento, e este instrumento, para ser perfeito, deve adaptar-se por modificações razoaveis

ao uso para que foi creado; mas cumpre que a estudemos melhor do que fazemos, sendo que a vergonhosa ignorancia do idioma, que desfigura o pensamento na expressão pelo neologismo grosseiro, é cousa ainda peor que o purismo affectado, que o acanha na transmissão por escrupulo demasiado.

Ha ainda outra modificação em que já toquei, e que influe sobre a indole da lingua,—a preferencia que dão muitos homens instruidos no Brazil á construcção directa sobre a inversa, seguida pelos classicos; modificação que deve ser corrigida em termos habeis, porque, si a ordem directa serve mais á clareza do discurso, priva-o do numero e harmonia, que lhe dá a inversa, sem os quaes nunca chegará elle a produzir o desejado effeito. O caminho do meio será sempre o melhor a trilhar n'este caso.

Tenho percorrido na serie das prelecções até hoje dadas todas as alternativas de progresso e decadencia, por que tem passado a lingua portugueza desde sua formação provavel em fins do seculo XII ou principios do XIII até nossos dias, isto é, por um espaço de cerca de 7 seculos; e é de notar que todas essas alternativas acompanhão sempre as de progresso e decadencia da litteratura, e as desta as de progresso e decadencia da nação portugueza, porque lingua, litteratura e sociedade politica são cousas intimamente ligadas, e uma não decai ou se levanta, sem que a outra decaia ou se levante tambem. Devo concluir, dizendo-vos em abono da bella lingua de Camões e de

Vieira, hoje fallada por mais de 15 a 16 milhões de individuos, ou grupados em nações ou disseminados pela superficie do globo, que de todos os modernos idiomas, derivados do Latim, o Portuguez é um dos mais ricos, expressivos, harmonicos e proprios para tratar todo genero de assumptos, como o attesta a sua bella e variada litteratura.

Ponho aqui termo ao meu discurso, para occuparme com outro objecto na proxima sessão.

SECÇÃO SEGUNDA.

Comprehende os poetas do primeiro periodo litterario que decorre desde fins do seculo XIII até meados do seculo XVI. El rei D. Diniz; sua biographia; seu Cancioneiro; apreciação de algumas de suas trovas; origem provavel de certos termos provençaes ou catalães, que nellas se encontrão. Bernardim Ribeiro; sua biographia; suas poesias; apreciação de um de seus romances; digressão sobre os romances populares; apreciação de uma de suas eglogas; paraphrase de uma passagem de Virgilio em outra. Gil Vicente; sua biographia; seus autos, farças e tragicomedias; apreciação da sua farça Ignez Pereira. Sá de Miranda; sua biographia; suas poesias; apreciação de uma de suas cartas, e de duas outras poesias de diverso genero.

LICÇÃO IX.

Tenho, Senhores, de entrar na apreciação das obras dos principaes escriptores portuguezes, poetas e prosadores, começando pelos mais antigos; como pede a ordem chronologica. Para maior commodidade da analyse que empregando; dividirei a litteratura em periodos; como teem feito todos os que tratarão da materia ex-professo, e seguirei com leve alteração a divisão de M. Ferdinand Denis no seu «Resumo da

Historia Litteraria de Portugal e do Brazil», por me parecer a melhor. O periodo com que me vou actualmente occupar, comprehende o espaço do tempo que decorre de fins do século XIII, em que appareceo o primeiro escriptor portuguez, até quasi meados do seculo XVI, ou cerca de tres seculos; e si não é o mais importante quanto ao merito dos escriptos, o é de certo no que respeita á origem da litteratura portugueza, e ao desenvolvimento da lingua, que deo nelle um verdadeiro passo de gigante para a sua perfeição.

O primeiro escriptor que se apresenta á nossa apreciação é um poeta e um rei, o sabio rei D. Diniz, que compoz um Cancioneiro, ou livro de trovas, nos fins do seculo XIII, ou no mesmo seculo em que appareceo em Hespanha o Romance do Cid, e os espiritos na peninsula, impressionados pelas obras dos trovadores, tendião a imital-os como se infere desses rudes ensaios, donde nasceo depois o romance peninsular, que constituiu para bem dizer a base da respectiva litteratura.

D. Diniz, filho d'el-rei D. Affonso III, e da rainha D. Brites, nasceo em Lisbôa a 9 de Outubro de 1261. Teve uma educação esmerada, como a de nenhum principe do seu tempo. Fôrão seus aios, Lourenço Gonçalves Magro, neto do famoso Egas Moniz, e Nuno Martins de Cheicen. O cuidado de instruir o joven principe foi commettido ao sabio estrangeiro Aymérico d'Ebrard, que el-rei D. Affonso III fez vir de

França, e que foi depois galardoado por seu real alumno com o bispado de Coimbra. Unia seus conselhos aos de Aymerico o celebre prelado portuguez Domingos Jardo, que se tinha ido doutorar á Paris em direito canonico, e cuja sciencia dava então brado na Europa. O talento poetico foi mui cedo desenvolvido no joven principe por estes dois illustrados professores, que souberão aproveitar nelle as felizes disposições naturaes.

Em 1279, por morte d'el-rei D. Affonso, subio el-rei D. Diniz ao throno na idade de desesete annos e quatro mezes, e em 1282 esposou em Trancoso a infanta D. Izabel de Aragão, que a Igreja havia celebrar depois como uma de suas mais illustres santas. O começo do reinado d'este principe foi agitado pela revolta de seu irmão D. Affonso que, sendo o segundo na ordem da genitura, allegava haver nascido depois de legitimado o casamento d'el-rei D. Affonso com a rainha D. Brites, quando D. Diniz nascêra antes. De ambas as partes se recorreo ás armas; mas depois do cerco de Arronches D. Diniz obrigou o irmão a pactuar. A rainha Santa Izabel mostrou desde então o espirito conciliador, que havia depois desenvolver em casos identicos.

Firmado no throno com a submissão do irmão, entrou D. Diniz a visitar o reino, e a tomar mui acertadas providencias para o progresso da agricultura, deixando por toda a parte beneficos vestigios de sua passagem. D'ahi lhe vierão os nomes de pae da patria,

e rei lavrador. Um proverbio popular, que até hoje se conserva, mostra qual era a força de vontade que desenvolvia este principe illustrado para a consecução do bem. O povo, fallando d'elle, diz ainda «El-rei D. Diniz fez tudo quanto quiz.» Este dictado que vive na tradição ha cousa de seis seculos, muito honra de certo um tal character de rei, ao qual poucos se assemelhão.

Todas as corporações do Estado trabalhavão como á porfia para imitar o rei no desenvolvimento da agricultura em Portugal, que produzia então trigo e outras substancias alimenticias em sufficiente quantidade para o consumo e a exportação. Os meios empregados erão a roteadura, a grande cultura, e o estabelecimento de aldeias sujeitas á um systema especial de economia rural. Providente em tudo, mandou el-rei D. Diniz plantar vastos pinhaes destinados a toher a invasão das areias no fertil solo de Leiria. O navio em que Bartholomeu Dias dobrou o Cabo de Boa-Esperança, era fabricado com pinheiros de Leiria, plantados dous seculos antes, como si houvesse em tal principe um espirito presago de quanto havião elles de ser um dia necessarios ás grandes navegações dos Portuguezes !

Não contente com domar a terra, e obrigar-a a prover abundantemente á subsistencia do homem, este sabio rei ingerio-se tambem nas altas questões sociaes, obstando com perseverança ás excessivas pretenções do clero, que se tornava o maior proprietario do

reino á custa de legados pios, e regularizando os privilegios da nobreza, que erão occasião de graves abusos, e discordias intestinas, depois que havião cesado as guerras contra os Mouros, que fazião calar as ambições desregradas, chamando os espiritos á commum defesa do reino em grande parte sobre aquelles conquistado.

Consequio da Curia Romana em 1288 que a ordem de S. Thiago, estabelecida em Portugal, ficasse independente do Grão Mestrado de Castella; e em 1319, que a nova ordem de Christo substituisse no reino a ordem dos Cavalleiros do Templo, que havia sido então abolida na Europa, e cujos freires passarão a sel-o da de Christo. Estas questões religiosas erão de summa importancia n'aquelle tempo, e a sua feliz solução demonstra grande habilidade da parte d'el-rei D. Diniz, um dos maiores politicos de seu seculo, a que foi indubitavelmente superior.

Versado no conhecimento das linguas e da litteratura, a cujo estudo se dava com prazer, foi o rei mais sabio do seu tempo, o maior protector das letras que teve Portugal, e o primeiro escriptor em lingua portugueza, cujas obras chegarão até nós. Os progressos que desde então começou a fazer a litteratura á elle se devem. Em 1290 fundou a universidade de Lisbôa, que passou depois para Coimbra, chamando para ler n'ella os mais habéis professores da Europa. Ordenou que muitas obras estrangeiras fossem traduzidas em vulgar, e entre ellas as leis das Sete Partidas. Com-

poz elle próprio o seu Cancioneiro em Portuguez, dando assim curso ao idioma vulgar, porque até ahí eu se escrevia em Latim, ou em Galego, como o atesta o «Amadis de Gaula», do portuguez Vasco de Lobeira. Foi em summa um dos reis portuguezes que mais serviços prestárão á litteratura e á lingua, mas não o unico, pois teve depois um digno successor em el-rei D. Duarte, que muito as ennobreceu com seus escriptos.

Os ultimos tempos do reinado deste grande principe fôrão tão agitados como o começo. Seu filho D. Affonso, que depois lhe succedeo no reino com o nome de D. Affonso IV, cioso dos favores, que D. Diniz dispensava a um filho bastardo chamado D. Affonso Sanches, sublevou-se contra elle, e suscitou essas lutas intestinas, que o nosso grande épico com tanta razão estigmatizou. No meio desta discordia entre filho e pae apparece, como anjo de paz, a rainha Santa Izabel, que consegue por fim separar os dois exercitos combatentes diante dos muros de Coimbra, e congratuar o rei e o principe. De breve duração porem foi a união da familia real, porque o genio indomavel do principe D. Affonso suscitou novas dissensões quasi tão funestas como as primeiras. Os dois exercitos se avistárão pela segunda vez perto do Lumiar. A santa rainha interveio de novo, e a paz foi de novo jurada.

Estes desgostos abreviárão os dias d'el-rei D. Diniz, que falleceo a 7 de Janeiro de 1325, aos 64 annos de idade, e 46 de reinado. Jaz sepultado no mosteiro de

Odivellas que fundou junto de Lisboa, e onde ainda hoje se vê o seu tumulo.

Foi, segundo Frei Bernardo de Brito, homem de boa estatura de corpo, cabello e barba castanha tirante mais a loura que preta, olhos negros, rosto cheio e bem corado, cheio mais de magestade, que de formosura.

Possuo este soberano muitos thesouros, fructo de suas economias, os quaes despendeo em reparar cidades, castellos e praças fortes, pondo o reino em segurança; foi por sua sabedoria o arbitro dos reis da península, que o escolhião para juiz de suas pendências, e um dos maiores reis que teve Portugal, porque foi um dos que melhor souberão promover o incremento da riqueza material do reino, e o desenvolvimento intellectual e cultura de espirito de seus habitantes, seja pela protecção dada á lavoura, seja pelo muito que fez á bem do ensino publico.

O Cancioneiro d'el-rei D. Diniz é um livro que tem mais valor pela veneranda antiguidade que o cerca de prestigio, que pelo merito intrinseco das poesias, que contem, escriptas ainda na infancia da lingua. Fôrão estas poesias extrahidas de um antigo codice da livraria do Vaticano, onde se deparão mais poesias tanto portuguezas como hespanholas de outros trovadores do seculo XIII, e impressas em Paris no anno de 1847. Com quanto seja D. Diniz tido pelo primeiro que escreveo versos em Portuguez, outros com tudo o devião preceder neste mister desde que começou

a formar-se a lingua, e isso mesmo se deprehende do referido codice, onde se encontrão trovas de auctores pouco anteriores a elle; o que é porém incontestavel é que o poeta rei deve ser reputado o pae da poesia portugueza, porque foi quem melhor versejou e manejou a lingua no seu tempo. As suas trovas, pela mór parte eroticas, e modeladas pelo gosto dos trovadores da idade media, são de varia medida, e revelão estudo das linguas Catalã e Provençal, das quaes se encontrão nellas alguns termos. Não ha hi bellezas de estylo, nem merito de invenção a apreciar, mas unicamente os primeiros ensaios da poesia portugueza que sabia das mantilhas, e o primeiro balbuciar da bella e harmoniosa lingua, em que tão magistralmente se exprimirão depois os Camões, os Barros, Souzaes e Vieiras. Em todas as cousas humanas os primeiros que abrem o caminho, são sempre os mais imperfeitos; mas não é de certo pequena a gloria, que lhes cabe, de havel-o apontado aos outros.

Eis ahi uma amostra dessas trovas, que terei o cuidado de explicar em linguagem mais corrente, não só porque cahirão em desuso muitos termos d'ellas, como porque a pronuncia do Portuguez era então differente da de hoje, como se deprehende da orthographia do poeta.

Praz m'ha mi, senhor, de moirer
 E praz m'ende por vosso mal,
 Ca sey que sentiredes qual

Mingua vos poys ey de fazer
 Ca não perde pouco Senhor,
 Quando perde tal servidor,
 Qual perdedes en me perder.

E com minha mort'ey eu prazer,
 Porque sey que vos farei tal,
 Mingua, qual fez omen leal,
 O mays que podia ser,
 A quem ama poys morto for,
 E fostes vos muy sabedor
 D'eu por vos a tal mort'a ver.

E pero que ey de sofrer
 A morte mui descomunal
 Co' minha mort' oy mays nõ me chal,
 Por quanto vos quero dizer
 Ca meu serviç' e meu amor
 Será vos d'escusar peyor
 Qu' a mi d'escusar viver.

E certo podedes saber
 Que pero esso meu tempo sal,
 Per mort' e nõ a ja hí al,
 Que me non quer'ende eu doer;
 Poys a voz farey maior
 Mingua que fez nostro senhor
 De vassal a senhor prender.

Oy mays quer' eu ja leixa lo trobar
 E quero me deseparar d'amor,
 E quer' ir algunha terra buscar

Hu nunca possa ser sabedor
 Ella de mi, ne' eu de minha senhor¹
 Poys que lh'é, d'eu viver aqui, pesar.

Mays deus! que grave cousa d'endurar
 Que a mi será hir me d'u ella for,
 Ca sey muy be que nunca poss'achar
 Nehua cousa ond'haja sabor,
 Senõ da morte, mays avrey pavor
 De m'ha non querer Deus tã cedo dar.

.....

Apraz-me, Senhóra, morrer, e apraz-me assim por vosso mal, porque sei que sentireis qual falta vos hei-de depois fazer; porque não perde pouco um senhor, quando perde tal servidor, qual perdeis em me perder.

E com minha morte tenho eu prazer, porque sei que vos farei tal falta, qual fez, depois de morto, homem leal a quem ama, o mais que podia ser; e fostes vós mui sabedôra de eu por vós á tal morte chegar.

E pois que hei-de soffrer a morte mui descommunal, com minha morte hoje já não se me dá; por quanto vos quero dizer, que ser-vos-ha peior escusar meu serviço e meu amor, que a mim escusar viver.

E certo podeis saber que assim meu tempo² se acabai

¹ Senhor antigamente tinha uma só terminação e tanto queria dizer senhor como senhóra.

² Tempo de serviço.

por morte e não por outro motivo, que me não quero eu de tal doer; pois a vós farei maior falta que fez nosso senhor de vassalo a tomar senhor.

D'ora avante quero eu deixar o trovar, e quero me despojar de amor, e quero ir alguma terra buscar onde nunca possa saber ella de mim, nem eu de minha senhõra, pois que lhe fica pesar de eu aqui viver.

Mas deus ! que grave cousa de supportar me será ir longé d'onde ella estiver, pois sei mui bem que nunca posso achar cousa nenhuma em que tenha sabor, senão da morte, mas terei medo de m'a não querer Deus tão cedo dar.

.....

Hunha pastor¹ se queixava
 Muyt' estando n'outro dia
 E sigo medes falava,
 E chorava e dizia
 Com amor que a forçava:
 Par deus, vi t'en grave dia,
 Ay, Amor !

Ella se estava queixando,
 Como mulher con gran coyta;
 E que a pesar des quando
 Nascera non fora doyta;
 Por en dizia chorando:
 Tu, non es senon vãa coyta
 Ay, Amor !

¹ Pastor antigamente também tinha uma só terminação como senhor.

Coytas lhe davan amores,
 Que non lh'eran senão morte,
 E deytou se antre ùas flores,
 E disse con coyta forte:
 Mal te venga per hu fores,
 Ca non es senon minha morte.

Ay, Amor !

Uma pastora se queixava
 Muito est'outro dia
 E comsigo mesmo fallava,
 E chorava e dizia
 Com amor que a fôrçava:
 Por Deus, vi-te em dia aziago,

Ai, Amor !

Ella se estava queixando,
 Como mulher em grande aflicção,
 Que á pezar não fôra avezada
 Desde quando nascêra;
 Por isso dizia chorando:
 Tu, não es senão aflicção vã

Ai, Amor !

Aflicção lhe davão amores,
 Que lhe não erão senão morte,
 E deitou-se entre umas flores,
 E disse com aflicção forte:
 Mal te venha por onde fores,
 Que não es senão minha morte.

Ai, Amor !

Na primeira passagem, que tirei logo do principio do Cancioneiro, ha apenas a notar a delicadeza do sentimento expresso pelo poeta, que se queixa dos rigores de sua dama, e a ameaça de procurar-se a morte para causar-lhe pena. A segunda em que o poeta introduz uma pastôra a queixar-se de amor, é tambem uma poesia mui simples, e sem arte, como são de ordinario todas as do Cancioneiro. As repetições estão no gosto da poesia dos trovadores, e dellas nascêrão os estribilhos na poesia morderna. O amor era então o assumpto quasi unico dos versos; e tal é o dos de el-rei D. Diniz, que não sabia ferir outra corda do coração. Este assumpto não variado é a principal causa da monotonia que se nota nelles. Com constar a primeira passagem apenas de cinco estrophes contão-se n'ella não menos de tres termos da lingua romana ou romance: *chal* ou *cal*, verbo defectivo; *sal*, terceira pessoa do verbo sahir; e o verbo *endurar*, que ainda hoje se conserva no Francez moderno *endurer*. Estes termos e alguns outros da lingua romance, a não serem herdados do Galego de então, é mais natural que fossem adoptados pelo auctor da poesia dos trovadores em que era mui lido, ou tomados da lingua da princeza de Aragão¹, com quem era casado, que usados na lingua vulgar, que então se fallava em Portugal, pois que não passárão aos escriptos posteriores, como teria certamente acontecido, si o seu uso fosse geral.

¹ Os reis de Aragão imperavão tambem na Provença.

Isto sem duvida é que fez supôr á alguns escriptores estrangeiros, que o *Romance* havia precedido á formação do Portuguez. Mas si assim fosse, não só havião conservar-se no idioma reliquias incontestaveis dessa lingua, como no Francez moderno, como no Catalão que é ainda hoje mui distincto do Hespanhol, mas tambem os escriptos immediatamente posteriores ao Cancioneiro devião attestar tal precedencia de uma maneira indubitavel. O contrario porem se observa, quer n'um, quer n'outro caso. O nosso idioma não conserva vestigios de que o *Romance* precedesse á sua formação; dos escriptos do seculo XV apenas o Leal Conselheiro traz raramente um ou outro termo dessa lingua, pois não me recordo de os haver deparado na Chronica de Guiné, que si os traz são ainda mais raros; os do principio do seculo XVI não os trazem, sendo para notar que Bernardim Ribeiro, que era tão lido na poesia dos trovadores, os não enxerte nas suas obras; os romances populares dos seculos XV e XVI tambem não attestão a existencia da lingua romance em Portugal,

Em verdade! quando fallião os Portuguezes semelhante lingua? Nos tempos da fundação da monarchia ou immediatamente posteriores? Não, porque então fallvão o Galego ou Castelhana, lingua já formada, e que não é filha, ou pelo menos irmã do *Romance*, como o Catalão. No seculo d'el-rei D. Diniz? Tambem não, porque o seu Cancioneiro, posto contenha alguns termos da lingua romance, não é escripto

nella, mas em portuguez, que já não pode deixar de ser tido e havido como tal, apesar das formas ainda agalegadas dos verbos, e das terminações também agalegadas de alguns nomes.

Demais em todas as linguas analogas e filhas da mesma origem ha sempre quantidade de termos communs a todas ellas com pequenas modificações, ou ainda sem ellas, como se observa entre o Portuguez moderno, o Hespanhol, o Italiano, o Francez. Ora o que acontece hoje entre estes idiomas analogos, dava-se então entre o antigo Portuguez, o antigo Hespanhol, o antigo Italiano e o *Romance*, que são os mesmos idiomas analogos, accrescendo que quanto mais pobres são essas linguas nascentes, tanto mais facilmente tomavão emprestado umas das outras. O antigo Portuguez por exemplo contem ainda mais termos italianos, que provençaes, como se vê em, *aquesto*, *quel*, *medes* por *medesimo*, *filhar* que hoje dizemos *filar*, de *pigliare* (donde também depois se formou *pilhar*) e outros muitos, sem que dahi se possa inferir que o Italiano fosse jamais fallado em Portugal.

Assim alguns termos provençaes ou catalães que se notão no Cancioneiro, provão unicamente duas cousas:—1.^a a liberdade que tem os primeiros que escrevem n'uma lingua nova e rude, de adoptar termos de outra mais culta, que lhe pareçõ ou necessarios, ou mais expressivos;—2.^a a analogia que existia entre o antigo Portuguez e o *Romance*, donde se tiravão taes termos, e que podia passar por lingua culta

em vista do barbaro Portuguez de então. O mesmo se pode dizer de outros iguaes, porem muito mais raros, que se leem no Leal Conselheiro. A algaravia que se fallava em tempo del-rei D. Diniz, era ainda uma lingua inculta e pobre, que ia tomando d'aqui e d'alli o que lhe mais convinha, e a que só os escriptores posteriores a esse rei derão o character de lingua culta e rica.

Tendo apreciado, como convem, o nosso primeiro, e por tantos titulos venerando escriptor, passarei em outros discursos a analysar os poetas que lhe succedêrão até Sá de Miranda, e a notar os progressos que até elle fez a poesia portugueza, que já desde Bernardim Ribeiro começa a ter notaveis representantes, segundo se verá no decurso da analyse que emprehen-di. Por hoje faço aqui ponto.

LICÇÃO X.

Depois d'el-rei D. Diniz que escreveo pelos fins do seculo XIII, e sobre cujas trovas emittimos juizo no precedente discurso, o primeiro poeta notavel que se offerece á nossa apreciação, Bernardim Ribeiro, já é, senhores, da primeira parte do seculo XVI, sendo que floreceo em tempo d'el-rei D. Manoel, que começou á reinar em 1495, e falleceo em 1521; e é natural que alcançasse ainda parte do reinado d'el-rei D. João III. A lacuna de dois seculos que se nota desde el-rei D. Diniz até Bernardim Ribeiro, procede de não haver neste espaço de tempo poeta algum que mereça ser analysado, porque Macias cômpoz seus versos em Gallego, e algumas das trovas do Cancioneiro de Rezende que se podem reputar do seculo XV, são cousa de bem pouco valor, accrescendo que os romances populares de algum merito já forão apreciados por habilissima penna. Forçoso é pois que me atenha ao pri-

meiro poeta de nome que succedeo ao pae da poesia portugueza, ou antes ao primeiro poeta, cujas composições teem verdadeiro merito intrinseco.

Bernardim Ribeiro nasceo na villa do Torrão da provincia do Alemtejo, sem que se saiba ao certo a época de seu nascimento, nem tão pouco a de seu obito. Foi moço fidalgo da casa d'el-rei D. Manoel, commendador de Villa-Cova da ordem de Christo, capitão-mór das armadas da India, e governador de S. Jorge da Mina, cargos que só se davão á pessoas de muita consideração.

É fama que o poeta, homem aliás da primeira nobreza do reino, puzera o seu pensamento bem alto, apaixonando-se pela infanta D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manoel, a qual casou depois com o duque Carlos de Saboia. As suas obras, pelas muitas allegorias que contem, parecem dar testemunho desse amor mysterioso e sem esperança, em que o poeta se compraz de engolfar-se por ficções só para elle decifráveis. Esta paixão romantica, verdadeira ou suppbsta, deo assumpto a um dos mais bellos dramas do visconde Almeida Garrett—o «Auto de Gil Vicente.» Quasi todos os auctores que teem escripto sobre Bernardim Ribeiro, e entre outros o referido visconde, e José Maria da Costa e Silva, fallão destes amores como de cousa real. Muito concorreo de certo para dar-lhes vulto, e fazel-os suppor verdadeiros, uma circumstancia que não deixa de ser attendivel em tal caso; e foi a suppressão das obras do poeta ordenada pela inquisição em

1581, quando já d'ellas existião duas edições, uma de 1558, e outra de 1859. Durou esta prohibição mais de sessenta annos; e o livro em que se fizerão correcções tolas, como a substituição do titulo «Menina e Moça» por «Saudades de Bernardim Ribeiro» só foi novamente impresso em 1645 depois de expurgado. Eis ahi como um facto, que podia passar por supposto, adquirio o cunho de verdadeiro pela curteza do tribunal do Santo Officio, que não encherrou que prohibir o livro de Bernardim Ribeiro era confirmar o rumor popular! Que tempos esses em que os productos do engenho ou erão absolutamente prohibidos, ou mutilados e desfigurados por homens ignorantes e fanaticos!..

Seja porem como fôr, este poeta de quem se sabe tão pouco, á ponto de se lhe desconhecer a data do nascimento, e cuja vida foi um longo romance a ser real a paixão, que se lhe attribue, casou por fim com D. Maria de Vilhena, da casa dos senhores de Cantanedê, e houve della uma filha, que se ignora se deixou descendencia. Eis a unica particularidade de sua vida que referem os biographos, si é que com effeito é verdadeira, no meio do silencio absoluto, que guardão á respeito de outras não menos essenciaes:

Voltando porem á tradição dos amores de Bernardim Ribeiro, corre que gostava elle de viver solitario na serra de Cintra, onde dava largas á sua melancholia, e compoz pela ventura o seu romance «Menina e Moça» tão repassado de saudades; e que

d'alli se fôra á Soboia disfarçado em habito de peregrino, cousa mui vulgar n'aquelles tempos, para ver ainda uma vez o elevado objecto de seus cuidados.

Mas si quasi nada se sabe com certeza das particularidades da vida d'este auctor, ahi estão suas obras para attestar-lhe subido merito como poeta e prosador, e dizer-nos que elle foi pelo seu engenho um dos principaes ornamentos da côrte d'el-rei D. Manoel, que Gil Vicente alegrava e divertia com seus dramas. Nem podia deixar de ser assim, pois que, alem dos dotes de espirito com que o enriqueceo a natureza, era homem respeitavel por sua nobreza e cargos. Assim teve naturalmente muitas occasiões de frequentar os saráos do paço, e alimentar a sua paixão romantica, vendo n'elles a dama de seus pensamentos, a quem pela ventura dirigia versos sob especiosos pretextos:

Compoz Bernardim Ribeiro cinco eclogas, alguns romances em verso, diversas cantigas e glosas, algumas das quaes vêm no Cancioneiro de Rezende, e a historia ou romance em prosa da «Menina e Moça», com que me hei de occupar em occasião e lugar opportuno. Foi o primeiro introductor da poesia bucolica em Portugal; e é poeta de um merito real, principalmente si se attender ao tempo em que escreveo, ou que foi dos primeiros que enriquecerão a litteratura portugueza com composições dignas de apreço. Tem muita naturalidade, e harmonia nos seus versos; que são quasi todos sentimentaes, e maneja mui bem

a lingua que polio, desbastando-a de parte da primitiva rudeza, e começando a dar-lhe numero em suas composições em prosa.

Principiarei pelos romances em verso, genero de composição que elle aperfeiçoou, e intercalou algumas vezes na sua historia da «Menina e Moça.»

Eis ahi um d'elles; é o de Avalor, anagramma de Alvaro:

Pela ribeira de um rio
 Que leva as aguas ao mar,
 Vai o triste de Avalor,
 Não sabe se hade tornar,
 As aguas levão seu bem,
 Elle leva o seu pesar;
 E só vai, sem companhia,
 Que os seus fôra elle deixar;
¹ Ca quem não leva descanço
 Descança em só caminhar.
 Descontra d'onde ia a barca,
 Se ia o sol a baixar;
 Indo-se abaixando o sol,
 Escurecia-se o ar;
 Tudo se fazia triste
 Quanto havia de ficar.
 Da barca levantão remos,
 E ao som do remar
 Começarão os remeiros

¹ Que, pois que.

Da barca este cantar:

—«Que frias erão as aguas !
 Quem as haverá de passar ! ?
 Dos outros barcos respondem;
 — Quem as haverá de passar ? —»

Frias são as aguas, frias,
 Ninguem n'as pode passar;
 Senão quem poz a vontade
 D'onde a não pode tirar.

¹ Tral'a barca lhe vão olhos
 Quanto o dia dá logar:
 Não durou muito, que o bem
 Não pode muito durar.
 Vendo o sol posto contr'elle, ²
 Não teve mais que pensar;
 Soltou redeas ao cavallo
 Á beira do rio a andar.
 A noite era callada
 Pera mais o magoar,
 Que ao compasso dos remos
 Era o seu suspirar.
 Querer contar suas magoas
 Seria areias contar;
 Quanto mais se ia alongando,
 Se ia alongando o soar,
 Dos seus ouvidos aos olhos
 A tristeza foi igualar;
 Assi como ia á cavallo

¹ Trás a, após a.

² Defronte d'elle.

Foi pela agua dentro entrar.
 E dando um longo suspiro
 Ouvia longe fallar:
 Onde magoas levão olhos,
 Vão tambem corpos levar,
 Mas indo assi por acerto,
 Foi c'um barco n'agua dar
 Que estava amarrado á terra,
 E seu dono era a folgar,
 Saltou, assi como ia, dentro,
 E foi a amarra cortar:
 A corrente e a maré
 Acertarão-n'ò a ajudar,
 Não sabem mais que foi d'elle,
 Nem novas se podem achar:
 Suspeitárão que foi morto,
 Mas não é pera afirmar:
 Que o embarcou ventura,
 Pera só isso aguardar,
 Mas mais são as mágoas do mar,
 Do que se podem cuçar.

Esta especie de composição é do numero d'aquellas
 que inundárão Hespanha e Portugal no seculo XV,
 como bem adverte M. Villemain, e a mór parte das
 quaes não tem auctor conhecido.

Consiste ella em um successo pathetico, e as mais
 das vezes tragico, como o do romance de Bernal
 Francez, o do da Morena, e outros muitos, escripto
 em versos octosyllabos, e accommodado ao canto.
 Bernardim Ribeiro cultivou este genero de poesia com

muita felicidade, e depois d'elle Gil Vicente com não menos habilidade. O Visconde Almeida Garret colleccionou grande numero d'estes cantos populares no seu Romanceiro, e d'elles tirou a sua admiravel historia de Adozinda, e outras não menos lindas. D'elles são heroicos; d'elles historicos; e d'elles simplesmente eroticos, e de aventura. Muitos dos que andão nos romanceiros portuguezes, se achão escriptos em Castelhana, e assim se cantavão em Portugal, porque então o Castelhana era alli muito mais conhecido que hoje; e tanto que os poetas portuguezes, como Gil Vicente, Sá de Miranda, o mesmo Bernardim Ribeiro, e outros, entremeiavão em suas obras diversas composições em Castelhana. Demais tão simples são no estylo essas pequenas peças em verso, que podem ser facilmente comprehendidas por Portuguezes e Hespanhoes em qualquer dos dois idiomas irmãos.

Assim, si não ha dos seculos XIV e XV poetas notaveis a apreciar, ha um sem numero de composições deste genero, com que foi enriquecida a litteratura portugueza, e que não me faço cargo de analysar, porque já o fez o abalisado mestre citado, a cujo Romanceiro vos remetto. O que é facto incontestavel é que a Peninsula Hispanica teve seus trovadores, assim como a Provença, e muitos d'elles de reconhecido merito.

O romance de Avalor é obra prima no seu genero, ou se attenda ao vago do estylo romantico, ou á expressão do sentimento, ou ao dramatico do desfecho.

É uma bellissima composição no seu genero, não obstante um ou outro descuido no metro; uma guapa imitação dos trovadores, dos quaes tinha Bernardim Ribeiro feito apurado estudo, como se infere de seus escriptos, onde ha romances com character de solãos, como o da Ama, compostos nas mesmas rimas usadas por aquelles. Fallando desta composição, diz o visconde Almeida Garrett que nada se encontra tão bello como ella, de elegante simplicidade nas vastissimas collecções castelhanas, è que foi provavelmente escripta pelo auctor por occasião da partida da infanta D. Beatriz para Saboia, ou da viagem que elle alli fez para vê-la. Seja assim, ou não, porque quando se trata de um auctor, cuja vida é tão pouco conhecida, tudo é adivinhar, o romance em si é admiravel, e pode servir de modelo á outras composições deste genero, o qual não sabemos porque tem deixado de ser cultivado pelos poetas brazileiros, que tinhão nelle uma vasta mina a explorar:

Depois de haver apreciado á Bernardim Ribeiro como poeta romantico, devo dar-vos uma idéa d'elle como poeta bucolico, e o primeiro que fez soar em Portugal a fructa de Theocrito e Virgilio, quando ainda as outras linguas vivas da Europa se não prestavão á taes sons. Compoz elle as suas eclogas em versos octosyllabos, como então se usava; e si não prima como Quiza que escreveu os seus idyllios depois de aperfeiçoado o genero, não deixa com tudo de ter muito merito; já por ser o primeiro que abriu caminho aos poetas

que lhe succedêrão, já pela singeleza, suavidade e melancholia que respirão seus versos, já pela verdade com que sabe exprimir o sentimento. Eis um extracto de sua primeira ecloga, em que são interlocutores os pastores Persio e Fauno; e cujo assumpto é a paixão que experimenta o primeiro dos dois pela amante que o desprezou, para casar-se com outro pastor mais avantajado em cabedaes: Será isto uma allusão ao casamento da infanta com o duque de Saboia? . . . Si assim é, mais valor deve ter ainda á nossos olhos essa ingenua poesia.

Nas selvas, junto do mar,
 Persio pastor costumava
 Seus gados apascentar:
 De nada se arreceiava;
 Não tinha que arreceiar.
 Na mesma selva nasceo;
 Fez-se famoso pastor;
 Mas foi permissão do ceo
 Fazer-lhe guerra o amor;
 Era mais forte, e venceo.

Sendo livre, mui isento,
 Vio dos olhos Catherina;
 Cegou-lhe o entendimento:
 E Catherina era dina
 Pera dar pena e tormento.
 Logo então começou
 Seu gado a emmagrecer;
 Nunca mais delle curou;

Foi-se-lhe todo a perder
Co' cuidado que cobrou.

Dias e noites velava;
Nenhum espaço dormia;
Catherina bem o olhava:
Cuidou Persio que valia:
Não valia o que cuidava.
Confiou no merecer;
Cuidou que a tinha de seu:
Veio ahi outro pastor ter,
Co' que prometteo ou deo,
Se deixou d'elle vencer:

Levada pera outra terra
Vendo-se Persio sem ella;
Vencido de nova guerra;
Mandou a alma trás ella;
E o corpo ficou na serra.
Veio Fauno, outro pastor,
Que pera al vinha busca-o;
Seu criado e servidor,
Começou a consolal-o;
O conselho era peor.

Fauno. — Como descanças assi
Persio longe de teu gado ?
Vejo-te jazer aqui
Sem cuidado do cuidado,
Menos cuidado de ti;
Por os matos, sem pastor,
Vão os cordeiros bramando
Sem pascer; porque o temer
De ver os lobos em bando
Lhes tira da herva o sabor.

Perdidas e tracilhadas ¹

As tuas ovelhas vejo;
 D'ellas morrerem cançadas;
 E tu tens morto o desejo
 De acodires ás coitadas.
 Andão fracos, desmuidos,
 Os mastins que as guardavão;
 Desfeitos e mal tratados
 Não ladrão, como ladravão;
 Nem podem, de mal curados.

Qu'ê do teu rabil prezado
 Teu cajado, e teu çurrão?
 Tudo te vejo mudado;
 Tinhas um cuidado então,
 Tens agora outro cuidado
 Mas que não temias, creio
 Que te veio; isto temo:
 Tomou-te sem ter receio,
 Então poz-te em tal extremo,
 Que te fez de ti alheio.

Á sombra dos arvoredos
 O teu gado apascentavas;
 E si os ventos erão quedos,
 Mil villancetes ornavas
 Conformes á teus segredos.
 Então teu gado engordava;
 Tinhas pasto todo o anno;
 Todo pastor confessava
 Seres tu o mais ufano
 Que em toda esta serra andava.

¹ Magras, esguias.

Acorda, acorda coitado;
 Da-me conta de teu dano;
 Porque a um desconsolado
 Um conselho, ou um engano,
 Tira as vezes de cuidado.
 Poderás julgar então,
 Si quizeres razão ter,
 O teu cuidado por vão:
 Mas no grande bem querer,
 Poucas vezes ha razão.

Persio.—Os males, que-são sem cura,
 Mal os pode outrem curar;
 Nem na gran' desaventura
 Não ha mais que aventurar,
 Que deixar tudo á ventura.
 Não me digas que ha hi bem,
 Que é maior mal pera mi,
 Nem que o ouvistes á ninguem,
 Que me vai lembrar d'ahi
 Que perdi o que outrem tem.

Vi-me já preso contente,
 A meu mal queria bem;
 Agora fujo da gente;
 Não vejo, triste ninguem
 Que viva mais descontente.
 Té no pasto de meus gados
 Tinha a condição ufana;
 Mas nos mal aventurados
 Crê que tudo se lhes dana
 Co'a mudança dos cuidados.

Sentava-me em um penedo
 Que no meio d'agua estava;

Então alli só e quedo
 A minha frauta tocava,
 Bem fóra de nenhum medo:
 Muito livre de cautellas,
 Os olhos nas mesmas agoas,
 E o cuidado longe d'ellas,
 Chorava alli minhas mágoas,
 Folgando muito com ellas.

Um pastor, que eu não temia,
 De muito mais gado que eu,
 Que longe d'alli pascia,
 Creio, que polo mal meu,
 Veio alli ter um dia.
 Então, vendo pasto tal,
 Sem razão, ou com razão,
 Fez-se logo maioral:
 Senti o meu mal então;
 Mas depois senti mor mal.

Fauno.—Quem pena por cousa leve,
 Deve ser sempre penado:
 Quem co'a vida não se atreve
 Deve ser d'ella privado,
 Si a morte faz o que deve.
 Mulher, que a outrem se entrega,
 Querer-lhe bem em extremo,
 Vem de andar a razão cega,
 Ou do esp'rito ser pequeno;
 E uma destas não se nega.

Persio.—A gran'dor, quem a tiver,
 Si com dor ha de passal-a
 Em quanto lhe ella doer,
 Pode mal dissimulal-a,

Peior a pode escondêr;
 Senão lanço esta de mi,
 Não posso tanto comigo.
 Leixa-me morrer assi;
 Que a morte é menos perigo,
 Que outros perigos que vi.

.....

Fauno.—Nos extremos signalados
 Se conhece toda a gente;
 No perigo os esforçados:
 Que em honança ser valente,
 Não é de animos ousados.
 Por isso quero de ti
 Que te não deixes morrer.
 Crê-me, Persio amigo, á ami:
 Que não ha maior vencer,
 Que vencer-se homem á si.

Persio.—Mal pode ser esquecida
 A cousa mui desejada
 Lembrança n'alma imprimida,
 Não pode ser apartada,
 Si senão aparta a vida:
 Em quanto me vires vivo,
 Não me verás descançar,
 Pergunto-te, Fauno amigo,
 Como pode repousar
 Quem traz a morte comsigo?

.....

O estylo é simples, expressivo e não alheio do género pastoril. As primeiras estancias sobre tudo, em

que o auctor resume o assumpto, e que servem como de introducção ao dialogo, são admiraveis pela naturalidade, harmonia e belleza dos versos. A ultima deste extracto o não é menos pela verdade e força, com que o poeta exprime o sentimento. O dialogo entre os dois pastores é natural, e por vezes animado, mas podia ser mais variado, e pittoresco, si Fauno, cuja alma se não acha apaixonada, como a de Persio, chamasse a attenção do seu amigo para as bellas scenas da natureza, apresentando-lh'as com arte como uma distracção á sua magoa e pezar. Isso daria muito relevo á composição.

Mas si ha nesta ecloga, que não reproduzo em sua integra por extensa, passagens bellas por sua ingenua singeleza e naturalidade, ha tambem trocadilhos de palavras de máo gosto, que cumpre evitar, como, «Sem cuidado do cuidado, Menos cuidado de ti,» e um ou outro verso dissonante ou desleixado, como por exemplo, «Co cuidado do cuidado.» Ha ainda a notar repetições excusadas da mesma idéa, «Não ha mais que aventurar, Que deixar tudo á ventura.»

Estas pequenas maculas com tudo em nada fazem desmerecer a graça natural do nosso primeiro bucolico, a qual ainda por nenhum outro foi excedida, nem igualada. Onde é que se encontra depois d'elle poesia pastoril tão ingenua, e ao mesmo tempo tão bella em sua graciosa simplicidade, como a da estancia que começa, «Nas selvas junto do mar, Persio pastor costumava, Seus gados apascentar,» e a das duas que se

lhes seguem? Qual outro bucolico portuguez fez jamais versos tão expressivos e admiraveis, como estes, «Mandou a alma trás ella, E o corpo ficou na serra» ou como est'outros, «Mal pode ser esquecida A cousa mui desejada, Lembrança n'alma imprimida, não pode ser apartada, Si senão aparta a vida»? Versos taes nunca mais podem ser esquecidos, uma vez lidos: tão significativos e patheticos são elles!

Notai como são bellos e apaixonados os seguintes; que pintão o poeta todo engolphado em seus pensamentos, e absolutamente extranho a quanto o cerca: «Sentava-me em um penedo Que no meio d'agua estava; Então alli só e quedo A minha fruta tocava; Bem fóra de nenhum medo: Muito livre de cautellas; Os olhos nas mesmas agoas, E o cuidado longe dellas, Chorava alli minhas magoas, Folgando muito com ellas.» Esta habitual e suave melancholia, que transpira dos versos de Bernardim Ribeiro, é que é a qualidade principal que os distingue dos outros poetas contemporaneos e immediatamente posteriores, dando-lhes muito interesse e graça.

Apresentar-vos-hei ainda um pequeno extracto da ecloga terceira, que é uma bella paraphrase da passagem da ecloga primeira de Virgilio, que começa:—
Ite, meae, felix quondam pecus, ite, capellae—

I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bem-aventurado;
Em outro tempo passado;

Ficai-vos, ou despedi-vos;
 Despojo do meu cuidado;
 Já vos não verei comêr
 Penduradas no penedo
 Onde vos solhia vêr,
 Andar saltando sem medo;
 Sem medo de me perder.

Já vos mais não cantarei
 nenhuns versos, nem cantigas;
 Mas a todos contarei
 As minhas tristes fadigas;
 Com que sempre viverei;
 Minhas cabras desditosas,
 Já vos não verei roêr
 As salgueiras amargosas,
 Que sohieis de pascêr
 Pelas ribeiras fragosas.

N'esta passagem o poeta portuguez não cede em suavidade e harmonia ao poeta latino, e leva-lhe pela ventura vantagem na maviosa expressão do sentimento. Bernardim Ribeiro, que tão bem sabe fallar ao coração, e não tem n'este ponto outro rival em Portuguez senão Camões, aformoseou a Virgilio, traduzindo-o. Para que se veja que não exagero, aqui porei a traducção do Sr. Odorico Mendes, que por mais litteral nos dá uma justa idéa do logar do poeta latino.

Ide, rebanho venturoso outr'ora
 Ide, cabrinhas: em frondente lapa

Estendido, não mais hei de avistar-vos,
 De sarçoso rochedo penduradas
 Não mais canções; não mais, queridas cabras
 O codeço florente, eu pastorando,
 Nem as salgueiras tozareis amargas.

O principal defeito de Bernardim Ribeiro como poeta bucolico é a monotonia que se nota em suas eclogas; e essa nasce do assumpto que é sempre o mesmo, o amor, e só o amor, apesar das traças a que recorre o poeta para evital-a; variando os incidentes: Este defeito comtudo seria menos apparente, não obstante o assumpto, si o poeta, em vez de fallar tão amiúdo ao coração com a paixão, o fizesse mais algumas vezes aos olhos com o bello espectáculo da natureza, como o indiquei na apreciação da egloga primeira. Mas a arte estava em seu começo; e a grande licção que o poeta tinha dos trovadores; que não conhecião outro assumpto, senão o amor, bem como o facto de estar elle mesmo apaixonado, excluião de suas composições todos e quaesquer incidentes; que não fossem amorosos. Accresce que já nas eclogas deste poeta, e com especialidade no seguimento da primeira que omittimos, se nota uma certa tendencia a fazer philosophar os pastores, tendencia que foi depois levada á excessso por Sá de Miranda; cujas eclogas podem passar por verdadeiras prelecções de philosophia moral.

Que enorme differença entretanto não é a que vai d'el-rei D. Diniz á Bernardim Ribeiro como poeta! O

primeiro é um simples trovador que escreveu na infancia da arte e da lingua. O segundo que já maneja uma lingua harmoniosa e culta, é um verdadeiro poeta que apresenta nos seus versos rasgos admiraveis, que commovem o coração, e arrebatão o espirito. Grandes forão pois os progressos, que no espaço de dois seculos fez a poesia, e com ella a litteratura e a lingua. A poesia popular dos romances foi aperfeiçoada, e a poesia pastoril, introduzida em Portugal primeiro que em nenhum outro paiz civilisado da Europa. O passo dado para diante foi em verdade immenso!

Para completar o elogio de Bernardim Ribeiro que não só estudava os trovadores como os classicos, ou do nosso primeiro poeta no rigor da expressão, basta dizer que Camões lia e relia as suas obras á que dava grande e particular apreço, como é fama que Virgilio lia e relia as de Ennio, do qual não se dedignou inserir um ou outro hemistichio na sua Eneida.

Tendo apreciado o nosso primeiro poeta bucolico, farei aqui ponto, para occupar-me na seguinte prelecção com o fundador do theatro portuguez, ou com o poeta comico Gil Vicente.

LICÇÃO XI.

O auctor com que me vou hoje occupar, Gil Vicente, o fundador do theatro portuguez, é tambem, Senhores, da primeira parte do seculo XVI, porque floreceo no reinado de D. Manoel I e no de D. João III, ou no tempo em que a gloria nacional de Portugal se achava elevada ao seu auge com a conquista da India, e o descobrimento do Brazil. A litteratura se desenvolvia e progredia com a nação; e a lingua que vimos formar-se ha cousa de tres seculos atrás, começava já a accommodar-se a todo o genero de assumptos, adquirindo copia de termos novos, e despindo a rudeza de forma, que nella ainda se notava cerca de meio seculo antes.

O passo a dar da poesia pastoril, ou do dialogo entre pastores, para o drama com seus personagens proprios, ou para as peças de theatro, não era grande, e foi dado em Portugal: depois da ecloga, o auto,

a farça, a comedia, o drama em summa. Assim a actividade que levava os Portuguezes a descobrir os mares e terras do Oriente, os levava tambem a fazer progressos em litteratura, indo nisto adiante de seus visinhos os Hespanhoes, entre os quaes o drama só appareceo mais tarde.

Gil Vicente, que pelo sal com que adubava as suas peças, mereceo o nome de Plauto Portuguez, foi contemporaneo de Bernardim Ribeiro, a quem provavelmente sobreviveo; e do primeiro poeta bucolico portuguez, assim como do poeta bucolico castelhano Juan de Encina, e dos mysterios e moralidades que já muito antes d'elle se representavão na Italia e em França, podia aproveitar alguma cousa para seus autos, e de de feito aproveitou; porque de tudo ha nelles, e os generos á que me refiro, ahi não poucas vezes se confundem. D'elles ha propriamente pastorís, com pastores por interlocutores; d'elles, em que figurão a virgem, os anjos, e personagens allegoricas, como a Fé, a Esperança a Charidade; delles, em que entrão tambem de mistura os deuzes da fabula, e delles, cujos personagens pertencem todos á vida real, e são os que mais se aproximão do drama moderno. Este misto de tudo em que os generos se achão ou confundidos, ou mal discriminados, denuncia assás a infancia da arte dramatica que sahia para bem dizer das mantilhas, e começava a dar os primeiros passos.

Assim como de Bernardim Ribeiro, e muitos outros escriptores portuguezes, não se sabe ao certo deste

auctor, nem a época em que nasceo, nem a em que falleceo; e o que mais é, nem ainda a terra de Portugal em que vio pela primeira vez a luz do dia! Tudo o que á tal respeito se diz não passa de simples conjectura.

Os que melhor conjecturão, suppõem que Gil Vicente nascêra depois de 1470, ou no ultimo quartel do seculo XV, e fallecêra em 1537 ou 1538, visto como seu ultimo drama é de 1536; e isto, contra a supposição de Barbosa, que o faz viver até 1557, época em que falleceo el-rei D. João III. Varios são os logares que se disputão a honra de lhe haver dado o nascimento, assim como aconteceu á Homero e outros homens illustres. Em diversos auctores são-lhe assignados por patria, já Guimarães, já Barcellos, já Lisbôa, em que apenas é certo que viveo a mór parte do tempo como poeta da côrte, que divertia com seus dramas feitos para um theatro circumscripto, qual o que podia offerecer o paço, onde se representavão.

As suas obras, que attestão muita erudição e saber, parecem confirmar o que dizem seus biographos,— que seus paes lhe derão uma educação desvelada, mandando-o estudar direito civil á universidade, que então se achava em Lisbôa, si bem não completasse o estudo da jurisprudencia para entregar-se ao commercio das Musas, mais conforme á sua vocação e talento, como aconteceu com Ovidio, Ariosto, e outros poetas notaveis.

Parece com tudo destruir esta asserção ou antes

esta conjectura, uma passagem do proprio Gil Vicente, extrahida da Tragicomedia da Lusitania na qual, fallando de si por bocca de Lysandro, diz o poeta:

«Creio que é da Pederneira,
 Neto de um tamborileiro;
 Sua mãe era parteira,
 E seu pae era albardeiro,
 E per razão
 Elle já foi tecelão
 D'estas mantas de Alentejo,
 E sempre o vi e vejo
 Sem ter arte, nem feição,
 E quer-se o demo metter.
 O tecellão das Aranhas,
 A trovar e escrever
 As portuguezas façanhas,
 Que sò Deus sabe entender.»

Assim estudos regulares, paes nobres que Barbosa dá ao poeta, tudo desaparece, e até o logar de seu nascimento é outro, diverso dos tres, que se disputão a honra de lhe haver dado o berço. Eis a que ponto nos leva a mania de dar progenitores illustres aos homens celebres, que não necessitão de outra nobreza mais da que lhes provém das proprias obras, muito mais apreciavel aos olhos do homem sensato, que a que se herda dos avós.

Fossem ou não regulares os estudos do poeta, o que é incontestavel é que elle tinha muita e variada

instrucção; pois sabia o Latim, o Castelhana, o Francez, e tudo quanto da litteratura antiga e moderna se podia saber no seu tempo, como provão seus escriptos. Tanta sciencia n'um pobre tecelão, filho de um albardeiro e de uma parteira, era um verdadeiro prodigio; e si o poeta na passagem citada não exaggera alguma circumstancia de sua vida para fazer rir os espectadores, foi elle quem illustrou a sua humilde parentella, em vez de receber nobreza alguma della, como querem seus ineptos biographos. Ainda porem, que Gil Vicente nascesse de paes humildes, como elle proprio diz, podia nada obstante, por um esforço destes, ter frequentado a universidade de Lisbôa, como me inclino a crêr, e ahi adquirido a somma de conhecimentos, que reflectem de seus dramas. Em nossos dias testemunhamos os esforços que fazem alguns paes, aliás pouco abastados, para mandar educar seus filhos; e o que a tal respeito se observa hoje, é muito natural que acontecesse então.

Foi o poeta casado com Branca Bezerra, da qual houve tres filhos: Gil Vicente, Luiz Vicente, e Paula Vicente. A existencia dos dois ultimos se acha bem verificada; mas não assim a do primeiro que deixa logar á duvidas, e é sobremodo contestavel, á vista do que referem Barreto Feio e Monteiro no «Ensaio sobre a Vida e Escriptos de Gil Vicente», publicado com a edição das obras do poeta feita pelos mesmos em Hamburgo no anno de 1834; por quanto tudo quanto d'elle se refere, tem visos de romance, e com

especialidade o seu desterro para a Índia, por competir com o pae em merito artistico.

Paula Vicente foi a herdeira dos talentos de seu pae, pois não só representava nas peças que elle compunha, e passava pela melhor actriz do seu tempo, mas é tambem fama que o ajudava em suas composições. Esta distincta poetisa cômpoz um livro de comedias que se reputa perdido, e foi pelo seu talento, e credito de seu pae, dama da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel e da rainha D. Leonor. Gozou da estima da infanta, assim como Luiza Sigea, e outras damas instruidas do seu tempo, que formavão no paço uma especie de academia feminina.

As obras de Gil Vicente forão pela primeira vez impressas em Lisboa no anno de 1562, por diligencia de seus filhos Luiz Vicente e Paula Vicente, sendo o privilegio para a impressão concedido a esta, sem duvida por ter mais crédito na cõrtê, que seu irmão. A inquisição, não obstante haver auctorisado a publicação, tomou logo á sua conta este poeta, que ridicularisava, e apodava em seus dramas clerigos e frades, á cujos vícios e excessos declarára guerra. Assim forão as obras de Gil Vicente prohibidas em 1581 pelo tribunal do Santo Ófficio, e só permittida a reimpressão dellas em 1586 depois de mutiladas á contento do mesmo tribunal. Não satisfeita ainda com as mutilações de 1586, tornou a inquisição, de mãos dadas em Portugal e Hespanha, a prohibil-as em 1747 em toda a Península, até que por um exemplar da pri-

meira edição encontrado na bibliotheca da Universidade de Goettingen se fez a supracitada edição de Hamburgo, prestando com isso seus auctores não pequeno serviço ás lèttas, e depois della outra em Lisboa no anno de 1843.

É Gil Vicente escriptor de muito merito, ou se atenda á que foi o fundador do theatro em Portugal, ou ao seu incontestavel talentó dramatico, ou aos seus modos de dizer, chistosos, picantes e engraçados, ou á pureza e propriedade de linguagem com que se soube exprimir. Tem muita invenção e uma veia poética inexgotavel no seu genero, muita viveza e sal nascidos dos incidentes, da situação, e carácter de seus personagens, e muita fluidez e naturalidade no estylo, que é verdadeiramente comico.

Os seus dramas são preciosos documentos, que nos conservarão a linguagem e até a pronuncia dó povo no seu tempo, quer na cidade, quer no campo, e que em vão procuraríamos em outros escriptores dó mesmo seculo, que só se exprimirão em linguagem culta. As chocarrices grosseiras, e até as obscenidades que n'elles se deparão, são filhas do gosto do tempo, e da infancia da arte, pois que com ellas se divertião as pessoas reaes, as damas e fidalgos do paço. Assim é elle pela ventura o primeiro auctor em cujo estudo se podem conhecer bem as modificações, por que foi passando o Portuguez desde seu seculo até nossos dias.

Tal era a celebridade e reputação litteraria que ad-

quirio este poeta, não só em Portugal, mas em toda Europa, que o eruditissimo Erasmo, um dos escriptores mais notaveis d'aquelle seculo, aprendeo o Portuguez, só para ter o prazer de lê-lo; e o reputava o primeiro comico moderno. Este juizo de Erasmo é confirmado pelo estado da arte dramatica naquelle tempo entre os diversos povos da Europa.

Representava Gil Vicente nos seus dramas com muito applauso dos espectadores, assim como Molière nos seus; e não obstante ser mui estimado na cõrte, que por tantos annos divertio com seu talento de poeta e auctor comico, acabou em pobreza, como se infere dos seguintes versos de uma de suas peças:

E um Gil um Gil um Gil
 (Que má retentiva hei !)
 Um Gil já não direi:
 Um que não tem nem ceutil,
 Que faz os aitos a el-rei
 Aito cuido que dizia,
 E assi cuido que é;
 Mas não já aito bofé,
 Como os aitos que fazia
 Quando elle tinha com que.

Só o que faltou ao poeta, que se vio quasi sem meios de subsistencia no ultimo quartel da vida, por ser mal retribuido o seu trabalho dos grandes á quem servira, foi o perecer n'um hospital de charidade como

o heroe do Malabar, Duarte Pacheco Pereira, e dizem muitos que Camões!

Para bem apreciarmos as peças de Gil Vicente, preciso é, Senhores, attendermos principalmente á tres cousas:—o tempo em que as elle escreveo, a forma que lhes deo, e o fim para que as compoz. O tempo é, para bem dizer, o da infancia da arte; porque si elle não foi o primeiro fundador do theatro na Europa, o foi certamente na Peninsula Hispanica, sendo que nem as eclogas de Juan de Encina, nem as de Bernardim Ribeiro, podem ser reputadas peças de theatro. A forma é a de um pequeno drama, que não exclue o maravilhoso, com seus incidentes e tal qual enredo, nascidos do assumpto, e conducentes ao desfecho mais natural ou verosimil da peça, ou acção. O fim principal é divertir as pessoas reaes, damas e fidalgos do paço, ou uma assembléa pouco numerosa, com assumptos ou de pura invenção do poeta, ou tomados dos factos do seu tempo, e isto, por occasião do nascimento de algum principe, de uma festa de natal, ou outra qualquer. Inutil é procurar ahi a regra das tres unidades, que o poeta não observa, porque os seus dramas, com quanto simples no enredo, assemelham-se mais ao drama moderno que ordinariamente tambem a não respeita, que á comedia classica dos Gregos e Romanos, com a qual tem menos parecença, a não ser no picante e engraçado do estylo comico, em que bem poucos levão a palma ao nosso moderno Plauto, e só pela ventura o havia de

igualar depois em Portugal o mui faceto, e infeliz, Antonio José, si a inquisição lhe não tivesse suffocado o engenho em flôr, entregando-lhe o corpo ás chamas.

Para melhor ajuizardes do que levo dito, aqui vos apresento uma peça sua, cujas scenas principaes passarei a ler-vos. É a Farça de Inez Pereira, que passa por uma das melhores do auctor no entender dos criticos, uma peça de character, que não desdenharia o proprio Molière, si ella fizesse parte de sua collecção. Servio-lhe de thema o rifão popular.—*Antes quero burro que me leve, que cavallo que me derrube*, dado ao poeta, que para desmentir a accusação de plagiario que lhe fazião alguns invejosos, pediu em um dos saráos do paço um assumpto qualquer para uma peça de theatro, que passaria a compôr.

Inez.—Renego deste lavar
 E do primeiro que o usou;
 Ó diabo qu'eu o dou,
 Que tão máu é de aturar.
 Oh Jesu ! que enfadamento,
 E que raiva e que tormento,
 Que cegueira e que canceira !
 Eu hei de buscar maneira
 D'algum outro aviamento
 Coitada, assi hei de estar
 Encerrada nesta casa
 Como panella sem aza,
 Que sempre está n'um logar ?

E assi hão de ser logrados
 Dous dias amargurados
 Que eu posso durar viva?
 E assi hei de estar captiva
 Em poder de desfiados?

Commendo-me eu logo ó Demo
 S'eu mais lavro nem pontada;
 Já tenho a vida cansada
 De jazer sempre d'um cabo.
 Todas folgão, e eu não,
 Todas vem e todas vão
 Onde querem, senão eu.
 Ui! e que peccado é o meu,
 Ou que dor de coração?

Esta vida é mais que morta.
 Sam ¹ eu coruja ou corujo,
 Ou sam algum caramujo,
 Que não sae senão á porta?
 E quando me dão algum dia
 Licença, como á bugia,
 Que possa estar á janella,
 He já mais que a Madanella,
 Quando achou a alleluia.

Vem a Mãe, e diz:

Mãe.—Logo eu adivinhei.
 Lá na Missa onde eu estava,

¹ Sam por sou é muito frequente neste auctor.

Como a minha Inez lavrava
 A tarefa que lh'eu dei.
 Acaba esse travesseiro.
 E nasceo-te algum unheiro,
 Ou cuidas que é dia santo?

Inez.—Praza á Deus que algum quebranto
 Me tire do cativeiro.

Mãe.—Toda tu estás aquella !
 Chorão-te os filhos por pão?

Inez.—Provesse á Deus, que já é razão
 De eu não estar tão singela.

Mãe.—Olhade alli o máo pezar!
 Como queres tu casar
 Com fama de preguiçosa?

Inez.—Mas eu, mãe, sam aguçosa
 E vós dae-vos de vagar.

Mãe.—Ora espera assi, vejamos.

Inez.—Quem já visse esse prazer!

Mãe.—Cal'-te que poderá ser,
 Qu'ante a Pascoa vem os Ramos.
 Não te apresses tu, Inez,
 Maior é o anno que o mez.
 Quando te não precatares
 Virão maridos á pares,
 E filhos de tres em tres.

Inez.—Quero-m'ora alevantar;
 Folgo mais de fallar nisso,
 Assi me dê Deus o Paraiso,
 Mil vezes que não lavrar;
 Isto não sei que me faz.

Mãe.—Aqui vem Lianor Vaz.

Inez.—E ella vem sebenzendo.

Entra Lianor Vaz.

Lianor.—Jesú a que m'eu encommendo,
Quanta cousa que se faz!

Mãe.—Lianor Vaz, que foi isso?

Lianor.—Venho eu mana amarella?

Mãe.—Mais ruiva que hūma panella.

Lianor.—Não sei como tenho siso.

Jesu! Jesu! que farei?

Não sei se me vá a el-rei,

Se me vá ao cardial.

Mãe.—Como! e tamanho he o mal?

Lianor.—Tamanho? eu t'o direi.

Vinha agora pereli

Ó redor da minha vinha,

E hum clerigo, mana minha,

Pardeos, lançou mão de mi;

Não me podia valer;

Diz que havia de saber

Se era femea, se macho.

Mãe.—Hui! seria algum muchacho,

Que brincava por prazer.

Lianor.—Si, moçoço sobejava.

Era um zote tamanhouço!

Eu andava no retouço,

Tão rouca que não fallava,

Quando o vi pegar comigo,

Que m'achei naquelle p'riço,

Assolverei; não assolverás—

—Jesus! homem, qu'has comtigo?

—Irman, eu te assolverei

Co'breviairo de Braga.

Que breviairo, ou que praga ?
 Que não quero: aqui d'el-Rei !—
 Quando vio revolta a voda,
 Foi e esfarrapou-me toda
 O cabeção da camisa.

Mãe.—Assi me fez dessa guiza
 Outro, no tempo da podá
 Eu cuidei que era jôgo,
 E elle. . . . dae-o vós ao fogo !
 Tomou-me tamanho riso,
 Riso em todo meu sisó,
 E elle leixou-me logo.

Lianor.—Si, agora, eramá ¹,
 Tambem eu me ria cá
 Das cousas que me dizia:
 Chamava-me luz do dia:
 Nunca teu ôlho verá.

Se estivera de maneira
 Sem ser rouca, bradár'eu;
 Mas logo m'o demo deu
 Catarrão e peitogueira,
 Cocegas e cór ² de rir,
 E coxa pera fugir,
 E fraca pera vencer:
 Porem pude-me valer
 Sem me ninguem acudir.
 O demo (e não pode al ser)
 Se chantou ³ no corpo delle.

¹ Em lugar de, *hora má*.

² *Cór* como em Latim, *coração*, por vontade. Esta palavra vem no Cancioneiro d'elrei D. Diniz.

³ *Chantou*, por tanchou, enterrar tanchão.

Mãe.—Mana, conhecia-te elle?

Lianor.—Mas queria-me conhecer.

Mãe.—Vistes vós tamanho mal!

Lianor.—Eu m'irei ao cardial,
E far-lh'hei assi mesura,
E contar-lh'hei a aventura
Que achei no meu olival.

Mãe.—Não estás tu arranhada
De te carpir nas queixadas?

Lianor.—Eu tenho as unhas cortadas,
E mais estou trosquiada:
E mais pera que era isso?
E mais pera que he o siso?
E mais nõ meio da requesta
Veio hum hõmem de uma bêsta,
Que em vel-o vi o p'raiso,
E soltou-me, porque vinha
Bem contra sua vontade.
Porem a fallar a verdade,
Já eu andava cansadinha,
Nãõ me valia rogar,
Nem me valia chamar
Áque de Vasco de Froes
Acudi-me como soes!

.....

—Mais mansa, Lianor Vaz,
Assi Deos te faça sancta.

—Trama te dê na garganta!
Como! isso assi se faz?

—Isto não releva nada.

—Tu não vês que sou casada?

Mãe.—Deras-lhe má ora boa

E morderal-o na c'roa.

Lianor.—Assi fôra excommungada.

Não lhe dera um empuxão,
 Porque sou tão maviosa,
 Que he cousa maravilhosa;
 E esta he a conrusão.

.....

Vem Pero Marques e diz:

Pero.—Homem que vai donde eu vou

Não se deve de correr;
 Ria embora quem quizer,
 Que eu em meu siso estou.
 Não sei onde mora aqui:
 Olhae que m'esquece a mi!
 Eu creio que nesta rua,
 E esta parreira he sua:
 Ja conheço que he aqui.

(Chega a casa de Inez Pereira).

Digo que esteis muito embora.

Folguei ora de vir cá
 Eu vos escrevi de lá
 Hũa cartinha, senhora:
 E assi que de maneira...

Mãe.—Tomae aquella cadeira.

Pero.—E que vale aqui uma destas?

Inez.—(Oh Jesu! que Jam das bêstas!
 Olhae aquella canseira.)

Assenta-se com as costas para ellas, e diz:

Pero.—Eu cuido que não'stou bem.

Mãe.—Como vos chamais, amigo?
 Pero.—Eu Pero Marques me digo,
 Como meu pae que Deos tem.
 Falleceo (perdoe-lhe Deos.
 Que fôra bem escusado.)
 E ficamos dous hereos,
 Porem meu he o morgado.
 Mãe.—De morgado he vosso estado?
 Isso viria dos ceos.
 Pero.—Mais gado tenho eu ja quanto,
 E o maior de todo o gado,
 Digo maior algum tanto.
 E desejo ser casado,
 Prouguesse¹ ao Spirito Sancto,
 Com Inez; que eu me espanto
 Quem me fez seu namorado.
 Parece moça de bem,
 E eu de bem er² tambem.
 Ora vós er ide vendo
 Se lhe vem melhor alguem,
 A segundo o qu'eu entendo.

 Vossa mãe foi-se? Ora bem,
 Sós nos leixou ella assi?
 Cant'eu quero m'ir daqui,
 Não diga algum demo alguem...
 Inez.—Vós que m'havieis de fazer!

¹ *Prouguesse*, por *prouvesse*.

² *Er* particula expletiva; vale o mesmo que, *agora, ainda*. Esta palavra vem tambem no Cancioneiro d'el rei D. Diniz; é da lingua romana ou romance.

Nem ninguem que hade dizer?
O gallante despejado!

Pero.—Se eu fôra já casado,
D'outra arte havia de ser,
Como homem de bom peccado.

Inez (*á parte.*)—Quão desviado este está!
Todos andão por caçar
Suas damas sem casar,
E este, tomade-o lá!

Pero.—Vossa mãe he lá no muro?

Inez.—Minha mãe e vos seguro
Que ella venha cá dormir.

Pero.—Pois, senhora, eu quero-me ir
Antes que venha o escuro.

Inez.—E não cureis mais de vir.

Pero.—Virá cá Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis.

Inez.—Homem, não aporfieis,
Que não quero, nem me praz.
Ide casar a Cascaes.

Pero.—Não vos anojarei mais,
Ainda que saiba estalar;
E prometto não casar
Até que vós não queiraes.

Estas vos são ellas a vós;
Anda home'a gastar calçado,
E quando cuida que he aviado,
Escarnefuchão de vós.
Creio que lá fica a péa:
Pardeos! bõ ia eu a aldeia.
Senhora, cá fica o fato.

Inez.—Olhae se o levou o gato.

Pero.—Inda não tendes candeia ?
 Ponho per cajo¹ que alguem
 Vem como eu vim agora,
 E vós a escuras a tal hora:
 Parece-vos que será bem ?
 Ficae-vos ora com Deos:
 Cerrae a porta sobre vós
 Com vossa candeiasinha;
 E siquaes² sereis vós minha,
 Entonces veremos nós. (*Vai-se*)

Inez.—Pessôa conheço eu
 Que levára outro caminho.
 Casae lá c'hum villãosinho,
 Mais covarde que hum judeu !
 Se fôra outro homeni agora,
 E me topára a tal hora,
 Estando comigo ás escuras
 Dissera-me mil doçuras
 Ainda que mais não fôra.

Mãe.—Pero Marques foi-se já ?

Inez.—E pera que era elle aqui ?

Mãe.—E não t'agrada elle a ti ?

Inez.—Va-se muitieramá;
 Que sempre disse e direi,
 Mãe, eu não me casarei
 Senão com homem discreto,
 E assi vol-o prometto,
 Ou antes o leixarei.

¹ *Cajo*, por caso.

² *Siquaes*, vale aqui o mesmo que, *si algum'hora, lá quando*. Parece vir do, *siquà* latino, *de alguma maneira*, alterado na significação.

Que seja homem malfeito,
 Feio, pobre, sem feição,
 Como tiver descripção,
 Não lhe quero mais proveito,
 E saiba tanger viola,
 E coma eu pão e cebola.
 Siquer húa cantiguinha,
 Discreto, feito em farinha,
 Porque isto me degola.

.....

*Vem a mãe com certas moças e mancebos, pera fazerem festa,
 e diz uma dellas per nome Luzia:*

Luzia.—Inez por teu bem seja:

Oh que esposo e que alegria!

Inez.—Venhas embora, Luzia,

E cedo t'eu assi veja.

Mãe.—Ora vai tu alli, Inez,

E bailareis tres por tres.

Fernando.—Tu comnosco, Luzia, aqui,

E a desposada alli:

Ora vede qual direis.

Cantão todos de terreiro.

Mal herida iba la garza

Enamorada

Sola va y gritos daba.

.....

Mãe.—Ficæ com Deos, filha minha,

Não virei eu ca tão asinha:

A minha benção hajais.

Esta casa em que ficais

Vos dou e vou-me á casinha.
 Senhor filho e senhor meu,
 Pois que já Inez é vossa,
 Vossa mulher e esposa,
 Encommendo-vol-a eu.
 E pois que desque nasceo
 A outrem não conheceo,
 Senão a vós, senhor,
 Que lhe tenhais muito amor,
 Que amado sejais no ceo. (*Vai-se*)

Escudeiro—E vós cantais, Inez Pereira !
 Em vodas m'andaveis vós ?
 Juro ao corpo de Deos
 Que esta seja a derradeira.
 Se vos eu vejo cantar,
 Eu vos farei assobiar.

Inez.—Bofé, senhor meu marido,
 Se vos disse sois servido,
 Bem o posso eu escusar.

Escudeiro—Mas he bem que o escuseis,
 E outras cousas que não digo.

Inez.—Porque bradais vós comigo ?

Escudeiro—Será bem que vos caleis,
 E mais sereis avisada
 Que não me respondereis nada,
 Em que ponha fogo em tudo;
 Porque o homem sesudo
 Traz a mulher sopeada.
 Vos não haveis de fallar
 Com homem, nem mulher que seja;
 Somente ir á Igreja
 Não vos quero eu leixar.

Ja vos preguei as janellas,
 Porque não vos ponhais nellas;
 Estareis aqui encerrada
 Nesta casa tão fechada,
 Como freira d'Oudivellas.

Inez.—Que peccado foi o meu?
 Porque me dais tal prisão?

Escudeiro—Vós buscastes descripção,
 Que culpa vos tenho eu?
 Pode ser maior aviso,
 Maior descripção e siso
 Que guardar o meu thesouro?
 Não sois vós, mulher, meu ouro?
 Que mal faço em guardar isso?

Vos não haveis de mandar
 Em casa somente hum pello;
 S'eu disser isto he novello,
 Haveil-o de confirmar.
 E mais, quando eu vier
 De fóra, haveis de tremer,
 E cousa que vós digais
 Não vos ha de valer mais
 Daquillo que eu quizer.—

Moço, ás partes d'alem
 Vou me fazer cavalleiro.

Moço.—Se vós tivesseses dinheiro,
 Não seria senão bem.

Escudeiro—Tu has de ficar aqui.
 Olha, por amor de mi,
 O que faz tua senhora:
 Fechal-a—has sempre de fóra.
 Vós lavrae, ficae perhi.

- Moço.**—Co' dinheiro que leixais
Não comerei eu gallinhas.
- Escudeiro.**—Vai-te tu per essas vinhas;
Que diabo queres mais?
- Moço.**—Olhae, olhae, como rima!
E depois de ida a vendima?
- Escudeiro.**—Apanha desse rabisco.
- Moço.**—Peşar ora de Sanpisco
E convidarei minha prima.
E o rabisco acabado,
Ir-m'hei espojar ás eiras?
- Escudeiro.**—Vae-te per essas figueiras
E farta-te, desmazelado.
- Moço.**—Assi! (Esc.) Pois que cuidavas?
E depois virão as favas—
Conheces tuberas da terra?
- Moço.**—I-vos vós embora á guerra,
Qu'eu vos guardarei oitavas.

Ido o Escudeiro, diz o Moço:

- Moço.**—Senhora, o que elle mandou
Não posso menos fazer.
- Inez.**—Pois que te dá de comer,
Faze o que t'encommendou.
- Moço.**—Vós farta-e-vos de lavar,
Eu me vou desenfadar
Com essas moças lá fóra:
Vós perdoae-me, senhora,
Porque vos hei de fechar. (*Vai-se.*)

Fica fechada Inez Pereira, e lavrando canta:

Inez.—«Quem bem tem e mal escolhe,
 «Por mal que lhe venha não se anoje.»
 Renego da descrição,
 Commendo ó demo o aviso,
 Que sempre cuidei que nisso
 Stava a boa condição:
 Cuidei que fossem cavalleiros
 Fidalgos e escudeiros,
 Não cheios de desvarios,
 E em suas casas macios,
 E na guerra lastimeiros.
 Vêde que cavallarias
 Vede ja que Mouros mata
 Quem sua mulher mal trata,
 Sem lhe dar de paz um dia.
 Sempre eu ouvi dizer
 Que o homem que isto fizer
 Nunca mata drago em valle,
 Nem Mouro que chammem Alle;
 E assi deve de ser.
 Juro em todo meu sentido
 Que se solteira me vejo,
 Assi como eu desejo,
 Que eu saiba escolher marido,
 Á boa fé sem mão engano,
 Pacifico todo o anno,
 E que ande a meu mandar:
 Havia-me eu de vingar
 Deste mal e deste damno.

Entra o moço com uma carta.

- Moço.—Esta carta vem d'alem,
 Creio que he de meu senhor.
- Inez.—Mostrae cá, meu guarda-mor,
 E veremos o que hi vem. (*Lé o sobre-escreito*).
Á senhora mui presada
Inez Pereira da Grãa,
A' senhora minha irmãa,
Em Thomar lhe seja dada.
 De meu irmão; venha embora.
- Moço.—Vosso irmão está em Arzila?
 Eu apostarei que hi vem
 Nova de meu senhor tambem.
- Inez.—Já elle partio de Tavila?
- Moço.—Ha tres mezes que he passado.
- Inez.—Aqui virá logo recado
 Se lhe vai bem ou que faz.
- Moço.—Bem pequena he a carta assaz.
- Inez.—Carta de homem avisado. (*Lé.*)
Muito honrada irman,
Esforçae o coração.
E tomae por devoção
De querer o que Deos quer;
 E isto que quer dizer?
E não vos maravilheis
De cousa que o mundo faça,
Que sempre nos embaraça
Com cousas. Sabei que indo
Vosso marido fugindo
Da batalha para a villa.

Meia legoa de Arzila
O matou hum Mouro pastor.

Moço.—Oh meu amo e meu senhor !

Inez.—Dae-me vós cá essa chave,
 E i buscar vossa vida.

Moço.—Oh que triste despedida !

Inez.—Oh que cousa tão suave !

Desatado he o nó.
 S'eu por elle ponho dó,
 O diabo m'arrebente:
 Para mim era valente
 E matou-o um Mouro só.

Guardar de cavalleirão
 Barbudo, repetenado,
 Que em figura d'avisado
 He maligno e sotranção.
 Agora quero tomar
 Para boa vida gosar
 Hum muito manso marido;
 Não no quero já sabido,
 Pois tão caro ha de custar.

.....

Vede por estas scenas que admiravel partido soube o poeta tirar do assumpto proposto.—Uma bella peça de theatro que lhe é completamente adaptada, toda cheia de situações e incidentes comicos, com enredo facil, e caracteres bem traçados e sustentados, e escripta no estylo o mais faceto e elegante, com uma versificação tão harmoniosa como natural, enchendo assim de confusão á seus detractores. Chamo a vossa

atenção para a situação de Lianor Vaz accommettida pelo clérigo libertino, que apesar de lubrica é essencialmente comica; para a situação verdadeiramente dramatica em que se acha Inez Pereira, depois de casada com o Escudeiro, com o mallogro de suas esperanças de ventura; para o inesperado incidente da vinda do ermitão, que facilita o comico do desfecho; para a situação não menos comica que a d'esse incidente, da viagem de Ignez Pereira á ermida com Pero Marques; e para a verdade tão bem sustentada de principio a fim, dos caracteres de Ignez Pereira, de Pero Marques, e do Escudeiro. E depois, que elegancia, que saí, que fluidez, que naturalidade no estylo! Para fazer uma tão magistral applicação do assumpto proposto, era necessario ser um talento de primeira ordem, um Aristophanes, um Molière, um Gil Vicente em summa, a quem só faltou florescer em tempo em que arte estivesse mais adiantada para ser igual aos dous primeiros.

Notai sobre tudo, tanto a mestria e graça com que o poeta accommoda ás situações e caracteres de suas personagens os ditos picantes e anexins da linguagem popular, como a naturalidade e discripção dos chistosos dialogos que entre ellas estabelece. Sirva de exemplo do primeiro caso o bello monologo de Ignez Pereira, o qual começa, «Renego deste lavarar», e termina, «E quando me dão algum dia Licença como á bugia, Que possa estar á janella, He ja mais que a Madanella, Quando achou a alleluia.» Sirvão de exem-

plo do segundo estas expressões postas na bocca da mãe, «Toda tu estás aquella ! Chorão-te os filhos por pão?»; e a resposta de Ignez, «Prouvesse a Deus; que ja he razão De eu não estar tão singela.»

Como não viria á bandeiras despregadas a côrte pouco delicada d'el-rei D. João III á comica narração que faz Leonor Vaz do ataque que teve em seu olivar? Estive em pôr de parte esta scena, mas reflectindo que é pintura fiel dos costumes devassos de então, entendi que devia apresental-a como transumpto de sociedade tão corrompida, para que se veja a differença dos tempos, e quanto o mundo tem ganho em civilisação. Que seculo! Demais, para perfeito conhecimento do talento do auctor, não convinha deixar no escuro o irresistivel comico desse «Assolverei, não assolverás,» e o mais que se lhe segue: seria uma verdadeira perda para a arte dramatica, de que foi elle um dos primeiros mestres.

Em outras occasiões tira o poeta o que se chama *vis comica*, não das situações de suas personagens como nas scenas alludidas, mas da opposição dos characteres, segundo se nota nas grossas simplicidades que profere Pero Marques, e nas agudas respostas que lhe dá Ignez Pereira: «(Pero) Vossa mãe foi-se? Ora bem, Sós nos leixou ella assi? Cant'eu quero—m'ir daqui, Não diga algum demo alguém. . . » «(Ignez) Vós que m'havieis de fazer, nem ninguem que ha de dizer? O gallante despejado!»

Supprimi as scenas do novo casamento de Ignez

com Pero Marques, bem como a do ermitão, e a da viagem de Ignez á ermida desse com o mesmo Pero, não só porque augmentarião muito o extracto, como por que o ermitão só falla castelhano. São porem de um comico a fazer rebentar com riso, como tudo o mais.

Ha muito que aprender nos dramas de Gil Vicente no que se refere aos usos e costumes do seu seculo, por que os descrevem melhor, e com mais conveniente relevo, que os grossos volumes de historia, que nos relatão seccamente os factos, sem nos pôr diante dos olhos as feições características d'aquelles que os praticarão, as quaes muito releva conhecer em proveito do estudo da humanidade, da philosophia, e das artes. Assim quem quizer saber o que era a sociedade, a clerezia e a côrte no seculo XVI em Portugal, estude-o nelles com attenção, que disso ficará cabalmente instruido.

A linguagem em que são escriptos é tambem a mais rica, castiça e popular, que se podia desejar em obras de semelhante natureza, e demais compostas em tal época. Por isso são elles ainda por este lado um verdadeiro thesouro para os que desejão aprender fundamentalmente o Portuguez, que á nenhuma das linguas derivadas do Latim cede em opulencia, flexibilidade e graça, como se evidencia da conveniencia com que já n'aquelle tempo se adaptava perfeitamente á assumptos deste genero.

Os defeitos que se notão nas peças deste poeta são

mais filhos do tempo em que escreveo, e da infancia da arte, que proprios; mas entre esses podem-se-lhe apontar como exclusivamente seus o pouco desenvolvimento que deo á algumas de suas peças de encomenda, e o muito que escreveo em castelhano, sem duvida para satisfazer o gosto de seus protectores, pois a rainha D. Catherina, mulher de D. João III, era castelhana, e naturalmente algumas das damas que a acompanhárão, e abrilhantavão a côrte portugueza de então.

Depois de haver analysado o pae de nosso theatro, passarei no seguinte discurso a apreciar as obras de Sá de Miranda, poeta philosopho e moralista, fazendo aqui ponto neste.

LICÇÃO XII.

O poeta philosopho e moralista, cujos escriptos tenho hoje de apreciar, Francisco Sá de Miranda, pertence, Senhores, á primeira metade do seculo XVI; pois floreceo no reinado del-rei D. João III que falleceo em 1557, e foi contemporaneo de Gil Vicente, e ainda de Bernardim Ribeiro, aos quaes sobreviveo, e cujo exemplo e producções podião aproveitar-lhe para a composição de suas eclogas. Este poeta, além dos versos hendecasyllabo e setesyllabo, ou metros toscanos, tomou dos Italianos o soneto e a canção, com que enriqueceo a nossa poesia, e foi o primeiro que escreveu em Portuguez cartas ou epistolas em estylo sentencioso, philosophico e satyrico, genero de composição em que imitou com felicidade os classicos Latinos, bem como elegias em que não foi feliz, e canções em que imitou os Italianos; mas tambem com pouco gosto:

A poesia e a lingua fazião progressos com a nação, que estava no seu seculo de oiro com as riquezas do Oriente que então affluíão á Portugal, cuja capital foi muito tempo o seu unico emporio na Europa. Assim, depois da poesia romantica de nossos trovadores, depois da poesia pastoril introduzida por Bernardim Ribeiro, e da poesia dramatica introduzida por Gil Vicente, era muito natural que apparecessem em Portugal os primeiros ensaios da poesia erotica, didactica e elegiaca, feitos por Sá de Miranda, a quem alguns com manifesta injustica dão o pomposo titulo de pae de nossa poesia, quando foi apenas o introductor de tres generos, pois que no erotico moderno, ou poesia dos trovadores aperfeiçoada por Petrarca se podem comprehender não só as canções, mas tambem os sonetos, dos quaes já o infante D. Pedro, irmão d'el-rei D. Duarte, havia feito um tal qual tentame.

Nasceo Sá de Miranda em Coimbra a 27 de Outubro de 1495, ou justamente no anno em que começou a reinar el-rei D. Manoel, e falleceo na sua quinta da Tapada junto á Ponte de Lima a 15 de Março de 1558 um anno pouco mais ou menos depois da morte d'el-rei D. João III que o tinha em muita consideração, e de quem foi particular amigo, si é que os reis teem amigos. Foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de D. Philippa de Sá, pessoas distinctas por sua nobresa, e irmão do illustre governador do Brazil, Mem de Sá, que tantos serviços prestou á então nascente colonia, e cuja memoria deve ser chara a todos os Brasileiros. Seus paes

derão-lhe educação esmerada e completa. Estudou leis na universidade de Coimbra, onde se doutorou e lêo diversas materias da faculdade, como referem seus biographos, si bem as não especificquem.

Por morte de seu pae deixou a universidade, e recusou os logares do desembargo, que lhe forão muitas vezes offerecidos, só para consummar-se no estudo da philosophia moral e estoica, á que o inclinava sua natureza. Levado ainda do desejo de instruir-se, viajando, passou-se á Italia; visitando primeiro os logares mais notaveis da Hespanha. E tendo visto com vagar e curiosidade Veneza, Milão, Florença, Roma, Napoles, e o melhor da Sicilia, voltou ao reino, e deteve-se algum tempo na côrte d'el-rei D. João III, onde foi deste mui estimado não obstante a liberdade com que lhe fallava, o que a ambos honrava, supposto não agradasse aos outros cortezãos, que não podião olhar com bons olhos um homem que lhes fazia sombra por seu aviso e valia.

Desgostoso por fim da côrte, onde suscitára contra si a inimisade de uma pessôa mui poderosa com um logar de uma de suas eclogas, retirou-se para a sua já citada quinta, que ficava contigua á uma commenda do mestrado de Christo, que lhe dera el-rei no arcebispado de Braga, e ahí viveo em quietação o resto de seus dias, quando muito podia esperar do favor do soberano que o estimava, e da amisade com que o honrava o cardeal D. Henrique. Louvavel é por certo o desinteresse, e a independencia de caracter

do poeta que era homem de um só parecer, de antes quebrar, que torcer, como o provou deixando as delicias da côrte, onde o fallar a verdade lhe creára inimigos.

Casou com D. Briolanja, senhõra que compensava o que lhe faltava em formosura com o muito que possuia em discrição, e della houve dous filhos, Gonçalo Mendes de Sá, e Jeronymo de Sá de Azevedo. O primeiro, sendo mandado servir em Ceuta, foi morto combatendo contra os Mouros. Da morte deste filho trata o poeta na melhor das duas élegias que compoz. O segundo casou depois da morte do pae com D. Maria de Menezes, e teve larga descendencia, cuja enumeração não vem á nosso proposito.

Foi Sá de Miranda homem mui douto para o seu tempo; pois, alem da sciencia do direito que possuia, sabia o Grego, o Latim, o Italiano, o Castelhana, e tinha muito conhecimento da litteratura antiga e moderna, com especialidade da philosophia, cujo estudo fazia as suas delicias, como se deprehende de seus escriptos, que mais revelão o philosopho, que o poeta, e até na musica era perito. Philosopho nos seus versos á ponto de nos parecer estar lendo Seneca, quando o lemos, o foi tambem no seu modo de viver, por que era sobrio, austero, pio, humano, e amigo de exercer a virtude da hospitalidade com todos. E tanto mais subido é o seu merito como moralista, quanto menos vulgar é andar a pratica unida á doutrina.

Este varão respeitavel por tantos titulos foi, se-

gundo um de seus biographos, grosso de corpo, de meja estatura, muito alvo de mãos e rosto, com pouca côr nelle, o cabello preto, e corredio, a barba muito povoada, os olhos verdes bem assombrados, o nariz comprido e aquilino, grave na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil e engraçado na conversação, e menos parco em fallar, que em rir.

As suas obras forão pela primeira vez publicadas em Lisbôa por Manoel de Lyra no anno de 1595. Foi dellas feita segunda edição por Vicente Alvares no anno de 1614; terceira, por Paulo Craesbeeck no annô de 1632; quarta, por Antonio Leite Pereira no anno de 1677; quinta, por Francisco Rolland no anno de 1784; sexta, na imprensa regia no anno de 1804; e todas em Lisboa. As suas comedias forão tambem por diversas vezes impressas em separado, assim como algumas outras obras suas de menos vulto.

Avaliado á luz da critica, é Sá de Miranda poeta de muito saber, mas de pouco fogo de inspiração, e genio.

Si exceptuarmos as suas bellas cartas, genero em que primou, nos outros, como a canção, o soneto, a elegia, apenas tem o merito de introductor, e nas eclogas, apesar de mais moderno, é inferior á Bernardim Ribeiro. A mór parte de suas composições são de uma prolixidade, que cança o leitor, e pelos muitos termos vulgares que contem, de estylo desigual, pouco castigado e frouxo. A sua metrificacão, com especialidade nos hendecassyllabos, é ás vezes desharmonio-

sa e dura por falta de ajustada combinação de pausas.

Si se attender porem á que foi o primeiro no ensaio de diversos generos que introduzio, em vez de merecer rigorosa censura pelas incorrecções que respeitão ao estylo e ao metro, deve ser antes louvado pelos esforços que fez para enriquecer a nossa poesia, que se achava em sua aurora. A linguagem poetica de então, que foi depois polida por Ferreira, e aperfeiçoada por Camões, bem longe de ser a linguagem dos numes, era ainda rude, e mal se distinguia da prosa, a não ser pelo metro, ou não se achava, para bem dizer, creada; pois, si o fino tacto de Bernardim Ribeiro lhe afastava quasi sempre dos versos os termos baixos e ignobeis, nos de Gil Vicente deparamos á cada passo não só todas as expressões vulgares que o genero comporta, mas grande numero dellas grosseiras, tôrpes e indecentes. O metro toscano que se ensaiava, e a que a lingua começava a accommodar-se, não podia então conter todos os segredos da harmonia, que só o apurado estudo e longo exercicio do seu emprego em Portuguez devião dar-lhe. Assim injusto é José Maria da Costa e Silva com este poeta, querendo que soubesse elle colorir o estylo, e metrificar tão bem como os que o fizerão depois de aperfeiçoados a lingua poetica e o metro. Crear uma linguagem poetica propria, é faculdade só concedida aos grandes engenhos, como Homero, como Dante, como Camões, e não ao commum dos poetas, a que per-

tencem Sá de Miranda, Bernardes, Caminha, e tantos outros versejadores mediocres.

Mas si Sá de Miranda tem desculpa no que respeita ao emprego de termos vulgares, falta de colorido no estylo, incorrecções ou prosaismo no metro, não a tem de certo no que é concernente á invenção e distribuição de muitas de suas composições, e ao tom quasi unico que deo á generos por sua natureza diversos, e até oppostos. As suas eclogas peccão, alem da proxilidade notada, por falta de acção, e ligação no pensamento, e pelo sentencioso do estylo, que não tem cabimento na poesia pastoril. Os pastores de Sá de Miranda são philosophos e moralistas, como elle. As suas elegias revelão ainda o mesmo vicio no tom, e estão bem longe de assemelhar-se ás de Ovidio e Tibullo.

A verdadeira coróa do poeta são, sem contradicção, as suas cartas philosophicas e moraes, genero de composição completamente adaptado ao seu talento, e em que não tem competidor em Portuguez, senão Ferreira que pode levar-lhe vantagem em correcção de estylo; porque era melhor poeta, mas não no fundo sentencioso e moral, porque Sá de Miranda era maior philosopho, que elle. Estas composições, que não passam de oito, são ainda hoje apreciadas pelos litteratos e dignas de andar na bocca de todos, seja pela sã doutrina que nellas expende o poeta, seja pela nobre liberdade, com que falla aos grandes da terra; e n'este ponto ainda nenhum outro poeta portuguez se

elevou tão alto, a não ser Camões, que sabia tomar todos os tons, e era senhor de todos os assumptos e estylos.

E para que façaes uma ajustada idéa d'essas cartas, aqui passo a lêr-vos o melhor da primeira, que é dirigida a el-rei D. João III. É escripta em versos octosyllabos, em que o poeta versejava bem.

Rei de muitos reis se um dia
Se uma hora só mal me atrevo
Occupar-vos, mal faria,
E ao bem commum não teria
Os respeitos, que ter devo.

Que em outras partes da sphaera
Em outros ceos differentes,
Que Deos tégora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vossos mandados espera.

Que sois vós tal, qu'elles sós,
Justo, e poderoso Rei,
Ou lhes desdais os seus nós,
Ou cortais, porque entre nós
Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens ha cobiça,
Cá, e lá tudo ella empeça,
Se a santa, se a igual justiça
Não corta, ou não desemepeça
O que a má malicia enliça.

Senhor que é muito atrevida,
E onde ella nós cegos deo
Cortar é cousa devida;

Exemplo o jugo de Mida
Que el Rei vosso avò fez seo.

Ora eu, que respeito havendo
Ao tempo mais que ao estillo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os cães do Nilo,
Que correm, e vão bebendo.

A dignidade real
Que o mundo a direito tem,
Sem ella ter-se-hia mal,
É sagrada, e não leal,
Quem limpo ante ella não vem.

Não falleemos nos tirannos,
Falleemos nos Reis ungidos,
Remedêão nossos damnos,
Soccorrem os affligidos,
Cortão pelos mãos enganos.

As vossas velas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão,
Gente d'outro algum Rei solta,
Sem cabeça o corpo é vão.

Dignidade alta, e suprema,
Quem ha que a não reconheça?
Vio-se em Marco Antonio thema
De pôr real diadema
À Cesar sobre a cabeça.

Que o nome de Imperador
D'antes á Cesar se dera,
Sem suspeita, e sem temor,
Que inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.

Um Rei ao Reino convem,
 Vemos, que allumia o mundo
 Um Sol, um Deus o sostem;
 Certa a queda, e o fim tem,
 O Reino onde ha Rei segundo.

Não ao sabor das orelhas,
 Arenga estudada, e branda,
 Abastão as razões velhas,
 A cabeça os membros manda,
 Seu Rei seguem as abelhas.

A tempo o bom Rei perdôa,
 A tempo o ferro é mezinha;
 Forças e condição bôa
 Derão ao Leão corôa
 Da sua grei montezinha.

Ás aves, tamanho bando
 D'outra liga e d'outra lei,
 Por vencer todas voando
 A aguia foi dada por Rei,
 Que o Sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
 David, lealdade, e fé, .
 Á Saul, quanto o chorou,
 Quanta maldição lançou
 Aos montes de Gelboé.

Onde cahira o escudo
 Do seu Rei inda que imigo,
 Inda que já mal sesudo
 Sahindo de tal perigo,
 E subindo a mandar tudo.

O senhor da natureza
 De quem ceo e terra é chea,

Vindo a esta nossa baixaza
Do real sangue se préza:
Por Rei na Cruz se nomea.

Sobre obrigações tamanhas
Velem-se com tudo os Reis,
Dos rostos falsos, das manhas,
Com que lhes querem das leis
Fazer têas das aranhas.

Que se não podem fazer,
Por arte, por força, ou graça,
Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamão valer,
Salvo ao que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vão por fóra mil inchaços,
Que entre vós, senhor, se encolhem
D'uns Gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.

Quem graça ante el Rei alcança,
E hi falla o que não deve,
Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra beve.¹

Quem joga onde engano vai,
Em vão corre, e torna atrás,
Em vão sobre a face cai,
Mal hajão as manhas más
Donde tanto damno sai.

Homem de um só parecer,

¹ *Bevc*, por bebe.

D'um só rosto, uma só fé,
 D'antes quebrar, que torcer,
 Elle tudo pode ser,
 Mas de côrte homem não é.

Gracejar ouço de cá
 De quem vai inteiro e são,
 Nem se contrafaz mais lá
 Como este vem aldeão,
 Que côrtezão tornará ?

As santidades da praça,
 Aquelles rostos tristonhos,
 C'os quaes este e aquelle caça
 Para Deos senhor é graça
 Para nós tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos,
 Pode ser, não pode ser;
 Mais diante o entenderemos
 Agora mortos por ver,
 Então todos nós veremos.

Senhor, hei vos de fallar,
 (Vossa mansidão me esforça)
 Claro, o que posso alcançar,
 Andão para vos tomar,
 Por manhas, que não por força.

Por minas trazem suas azes
 Os rostos de tintureiros,
 Falsas guerras, falsas pazes,
 De fóra mansos cordeiros,
 De dentro lobos roazes.

.....

Pena e galardão igual,
 O mundo a direito tem,

A uma regra geral,
 Que a pena se deve ao mal,
 E o galardão ao bem.

Se alguma hora aconteceo
 Na paz, muito mais na guerra
 Que a balança mais pendeo,
 Faz-se engano ás leis da terra
 Nunca se faz ás do Céu.

Entre os Lombardos havia
 Lei escripta e lei usada,
 Como se sabe hoje em dia,
 Que onde a prova fallecia
 Que o provasse a espada.

Alli no campo ás singelas,
 Enfim morrer, ou vencer
 Fosse qual quizesse dellas
 Não era melhor morrer
 A ferro que de cautellas !

Ao nosso alto e excellente
 Dom Diniz Rei tão louvado,
 Tam justo, a Deos tão temente,
 Falsa e maliciosamente
 Foi grande aleive assacado.

Esse posto em tal perigo,
 Rei que Reis fez e desfez,
 Contra o malicioso imigo,
 Foi-lhe forçado esta vez
 Chamar-se a esta lei que digo.

.....

Da mesma casa real,
 Em verdade um grande infante
 Tratado ás escuras mal,

Bradava por campo igual,
E imigos claros diante.

Enfim vendo a industria e arte
Quanto que podem, chamou,
Um leal Conde de parte,
Só com elle se apartou
Foi viver a melhor parte.

Onde tudo é certo e claro,
Onde são sempre umas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desamparo
Forão tres seus filhos Reis.

Ó Senhor, quantos suores
Passa o corpo e alma em vão,
Em poder d'envolvedores,
Enfim batalhas que são ?
Salvo desafios móres.

Com a mão sobre um ouvido,
Ouvia Alexandre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscão d'artes.

Guardava elle o outro inteiro,
Á parte não inda ouvida,
Não vai nada em ser primeiro,
Quem muito sabe duvida,
Só Deos é o verdadeiro.

A tudo dão novas cores
Com que enleão os sentidos;
Ah maos, ah enliçadores,
Ante os Reis vossos senhores
Andais com rostos fingidos !

Contais, gabais, estendeis
 Serviços e lealdades,
 Olhai que não nos daneis,
 Fallai em tudo verdades
 A quem em tudo as deveis.

.....

Senhor, esta vossa vara
 Em quaes mãos anda, tal é,
 A bôa é Ave mui rara,
 Sabei que esta nunca é cara,
 Que seja muita a mercê.

Livre de toda a cobiça
 A Deos temente e a vós,
 Sem respeito e sem preguiça,
 Vara direita sem nós,
 Se quereis que haja hi justiça.

Tomai, senhor, o conselho
 Do bom Gethro ao genro amigo,
 É verdade, é Evangelho,
 (Como disse aquelle velho)
 Humildemente vos digo.

Que estas leis Justinianas,
 Se não ha quem as bem reja,
 Fóra de paixões humanas,
 São um campo de peleja
 Com razões francas e ufanas.

Morre o nobre Conradino
 C'o parceiro em tudo igual,
 Cada um de tal morte indino
 Bello pesado ou malino
 Doutor, que interpreta mal.

Diz o Texto: O sangue cesse

Por batalha a guerra finda,
 Vem com grossa outro interesse,
 Diz que ande o cutelo, ainda .
 Que em prisão certo o tivesse.

Mas, senhor, melhor o temos
 Sendo vós o que mandais;
 Todos nos revolveremos,
 Os que tanto não podemos,
 E aquelles que podem mais.

Que por Amor se encadea,
 (Não é nome errado, ou novo)
 Se por livre se nomea
 Não tem Rei amor de povo
 Tanto, em quanto o mar rodêa.

Aqui não vemos soldados,
 Aqui não sôa atambor,
 Outros Reis os seus estados
 Guardão de armas rodeados,
 Vós rodeado de Amor.

Achar-nos-hão as divinas
 No meio dos corações
 Entalhadas vossas quinas,
 Estas são as guarnições,
 De vós e dos vossos dinas.

Tem na verdade o Francez
 A seu Rei amor acceso
 Não lh'o nega o Portuguez,
 Porem traz guarda Escocez
 Que não é de pouco peso.

O Padre Santo assi faz,
 A quem certo se devia
 Alto assocêgo, alta paz;

Mas tem guarda todavia
Com que vai seguro e jaz.

Que se pode ir mais avante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
His amado, e his timido.

Uns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gosto,
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deos, e por vós morremos.

Outro si para os revezes
(Queira Deos que não releve)
Em vós tem os Portuguezes
O bom Rei de Athenieses
Codro, que outrem algum não teve.

Do vosso nome um grão Rei
Neste Reino Luzitano
Se poz esta mesma lei:
Que diz o seu Pelicano
Pola lei, e pola grei.

.....

Esta carta é uma das mais bellas composições do poeta, não obstante algumas leves incorrecções de estylo, e superior na santidade da doutrina a quanto nos deixárão os antigos no mesmo genero. Os versos em que é composta, são correntes e naturaes, e gravão-se facilmente na memoria como outros tantos preceitos de philosophia moral que devião ser lidos nas escolas.

Chamarei a vossa attenção para o exordio que começa:—«Rei de muitos Reis se um dia, Si uma hora só mal me atrevo,» e não pode ser mais apropriado, e digno de um rei; para os sãos conselhos que o poeta dá ao rei, seu amigo, e que começam: «A tempo o bom Rei perdôa, A tempo o ferro é mezinha,» pintando-lhe as artimanhas e ciladas da lisonja que cumpre evitar; para a nobre isenção e independencia, com que lhe falla: «Senhor, hei-vos de fallar (Vossa mansidão me esforça), Claro o que posso alcançar, Andão pera vos tomar Per manhas, que não per força»; para a pintura do bello costume dos Reis portuguezes não se cercarem de soldados: «Aqui não vemos soldados, Aqui não sôa atambor, Outros Reis os seus estados Guardão d'armas rodeados, Vós rodeado de Amor»; para o elogio não menos bello da lealdade portugueza por conclusão desse costume; e finalmente para o levantado e sublime do pensamento, que reina em toda essa obra prima de moral e de franqueza, e concorre para dar magestade ao estylo em sua mesma simplicidade.

Quanto ao merito poetico desta composição que tanto brilha pelo lado philosophico, esse é quasi nullo, porque a poesia de estylo achava-se ainda muito atrasada, ou não tinha ainda nascido em Portugal. Quando porem já tivesse raiado, Sá de Miranda era poeta assás mediocre para poder empregal-a com vantagem. Assim as virtudes do seu estylo reduzem-se todas á conveniencia com que se accommoda ao que é pro-

priamente didatico, moral, e sentencioso, virtudes em que a nenhum outro poeta cede.

As outras cartas, cuja apreciação omitto por brevidade, não desdizem desta em belleza philosophica; e é á justo titulo que este genero de composição constitue o mais brilhante florão da corôa do poeta, que assim sabia dizer a verdade aos reis, cousa bem rara em cortezãos.

Dos sonetos só vos lerei o que passa pelo melhor de quantos fez o poeta:—

«O sol é grande; caem co'a calma as Aves,
De tempo em tal sazão, que soe ser fria.
A agua que d'alto cae, acordar-me-hia
Do somno não, mas de cuidados graves.

«Oh cousas todas vãs! todas mudaves!
Qual é o coração, que em vós confia?
Passando um dia vai traz outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

«Eu já vi por aqui sombras, e flores,
Vi aguas, e vi fontes, vi verdura,
As aves vi cantar todas d'amores.

«Mudo, e secco é já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres
E tudo o mais revive; isto é sem cura.»

Este soneto é bello pelo conceito, e bem metrificado. O primeiro quarteto contem poesia imitativa

nas expressões «caem co'a calma as Aves» e «A agua que d'alto cae» como bem observa José Maria da Costa e Silva; e só ha a notar a repitação do verbo *cae*. No segundo ha a notar a contracção pouco usada da palavra, *mudaves*, e o emprego da palavra latina, *naves*. Os dois tercetos porem são admiraveis, e o fecho epigrammatico, como convem a este genero de poema.

Da canção que o poeta tomou de Petrarca, só vos citarei esta estrophe para amostra:

Virgem, porto seguro, amparo, e abrigo
 Às mores tempestades, ah que tinha
 Aos ventos esta vida encomendado;
 Sem olhar ja a que parte ia ou vinha;
 Descuidado de mim, e do perigo,
 Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada,
 Não vos seja em desprezo esta coitada
 Alma, que ante vós vem,
 C'os receios que tem
 De inimigos grandes mal ameaçada;
 E ⁴ em que eu tão peccador, e errado seja,
 Vença vossa bondade
 Minha maldade grande, e assi sobeja.

Para quem tem leitura do poeta italiano, escusado é dizer aqui quanto Sá de Miranda fica áquem

⁴ Aiada que, bem que.

de seu modelo em harmonia metrica, delicadeza de conceito e pintura. Este genero só foi tratado magistralmente em Portuguez por Camões que é pela ventura o unico competidor de Petrarca em lingua viva. Entretanto a canção de Sá de Miranda não deixa de ter merito, já por ser a primeira que se lê em Portuguez, já porque é escripta em estylo apropriado, e mais correcto que o das outras suas composições, si exceptuarmos as cartas.

As demais poesias deste auctor, das quaes já demos uma idea geral e succinta, não valem a pena de ser analysadas, porque só tem de ordinario o merito da antiguidade, sendo até que algumas dellas, si as despojarmos do titulo e da forma de dialogo, podem reduzir-se á cartas, porque são escriptas no mesmo tom sentencioso destas.

Sá de Miranda em summa, cujas comedias em prosa apreciarei em occasião competente, foi grande philosopho, ou antes um verdadeiro sabio, mas poeta mediocre, a quem se devem relevar alguns defeitos, como introductor dos diversos generos de composição já especificados, menos o muito que escreveo em Castelhana, no que até foi contradictorio comsigo mesmo, porque era grande censor dos Portuguezes que no seu tempo poetavão em Latim em menos preço da lingua patria, e cai no mesmo, ou peor vicio, fazendo-o em Castelhana.

Tendo apreciado o ultimo poeta da primeira parte do seculo XVI, farei aqui ponto, para analysar em

outros discursos os prosadores do primeiro periodo, que me tracei, a começar pelo Leal Conselheiro d'el-Rei D. Duarte, porque me fallece a Chronica de Fernão Lopes, da qual não pude encontrar aqui um exemplar.

SECÇÃO TERCEIRA.

Comprehende os prosadores desde o segundo quartel do seculo XV até meiodos do seculo XVI. El-rei D. Duarte, primeiro prosador portuguez; sua biographia; seu Leal Conselheiro e sua Ensinança da Arte de cavalgar Toda Sella; analyse do melhor dos capitulos XIX e XLIV da primeira destas obras. Gomes Eannes de Azurára; sua biographia; sua Chronica de Guiné, e outros escriptos seus, analyse dos capitulos II e IX da primeira destas obras. Garcia de Resende; modificação por que passou a lingua portugueza no principio do seculo XVI; biographia do referido auctor; sua Chronica d'el-rei D. João II; analyse do capitulo XLVI desta obra. Bernardim Ribeiro, sua Menina e Moça; analyse do capitulo II desta obra. Sá de Miranda; suas comedias.— Os Estrangeiros,—os Vilhalpandos; analyse de algumas scenas do primeiro acto da primeira.

LICÇÃO XIII.

Tenho hoje, Senhores, de apreciar á um prosador que cingio corôa, el-rei D. Duarte, cujos escriptos são depois dos do conde de Barcellos, filho natural d'el-rei D. Diniz, os quaes se não encontram aqui, dos mais antigos que possuímos; pois seu auctor pertence á primeira parte, isto é, ao principio do segundo quartel do seculo XV em que provavelmente escreveu,

visto que, começando a reinar em 1433 com 32 annos de idade, somente vivêo mais 5, e foi contemporaneo de Fernão Lopes, a quem dêo patente de chronista mór do reino, cargo que, sendo então creado em Portugal, subsistio até os tempos dos Felippes ou pouco mais alem.

Antes porem de analysar este escriptor, que é sem duvida o mais illustre de seu seculo pelas materias de que tractou, devo fazer-vos notar que a lingua portugueza, que começou a ser balbuciada pelo rei trovador e trovadores seus contemporaneos no seculo XIII, já se adaptava, nos principios do seculo XV, á composição de uma obra de philosophia moral, tal qual é o Leal Conselheiro, superior no seu genero a tudo quanto então se escrevia na Europa, com excepção apenas da culta Italia. E si se attender á que o Portuguez só entrou á formar-se em fins do seculo XII, ou antes em principios do seculo XIII, immenso foi o progresso que fez a lingua no espaço de dois seculos; o que me faz suppôr que, alem da obra do sobredito conde, e da collecção de leis das Sete Partidas que el-rei D. Diniz mandou traduzir em vulgar, outros escriptos em prosa devião existir antes d'esses, cujos exemplares ou se perdêrão, ou jazem no pó das bibliothecas em Portugal. A formação de uma lingua é obra de seculos e de muitos escriptores.

Nasceo el-rei D. Duarte em Vizeu em 1401, começou a reinar, como fica dito, a 15 de Agosto de 1433, e falleceo em Thomar a 9 de Setembro de 1438, aos

37 annos de idade, quando delle ainda muito se podia esperar, seja como escriptor, seja como rei. Foi filho d'el-rei D. João I e da rainha D. Philippa; irmão do infante D. Pedro que viajou pela Europa, e pereceo no fatal recontro de Alfarrobeira, do infante D. Henrique que promoveo os descobrimentos dos Portuguezes em Africa, do infante D. Fernando que morreu captivo em Berberia; e casado com a rainha D. Leonor, filha d'el-rei D. Fernando, o primeiro de Aragão e Sicilia, da qual teve o principe D. Affonso que lhe succedeo no reino, o infante D. Fernando, pae da rainha D. Leonor, e d'el-rei D. Manoel, a infanta D. Philippa, a infanta D. Leonor, a infanta D. Catherina, e a infanta D. Joanna.

Não era difficil, como bem observa Mr. Ferdinand Diniz, subir a um throno que a mão poderosa d'el-rei D. João I tinha consolidado, e a lança do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira defendido. El-rei D. Duarte, que o occupou como herdeiro da corôa, e em cuja educação o grande rei seu pae se havia esmerado, excedia em conhecimentos e dotes de espirito á todos os principes do seu tempo; e á todas essas bellas qualidades reunia uma habilidade não vulgar nos exercicios de cavallaria, o que o fazia considerar como um principe perfeito. Grandes pois erão as esperanças que de seu reinado concebão os Portuguezes, que vião o reino respeitado no exterior, e gozando da mais profunda paz interna.

Esse reinado porem foi de mui curta duração para

ser bem avaliado, e flagellado por duas graves calamidades,—a peste, que assolava então todo Portugal, e de que o rei acabou victima,—e a mal succedida expedição de Tangere, na qual, com perda de muitas vidas, ficou captivo o infante D. Fernando, ou em refens, até a entrega de Ceuta que os Mouros exigião pelo seu resgate. A primeira era inevitavel n'aquelles tempos, em que as cidades e povoações por sua pessima construcção, estreiteza de ruas, immundicia, e má qualidade de alimentos de seus habitantes, se convertião em outros tantos fócios de infecção; mas a segunda ter-se-hia poupado, si o rei tivesse a firmeza de recusar á seus irmãos D. Henrique e D. Fernando a permissão para uma empreza, que tentárão com forças inferiores, e á que aliás á principio se oppuzera.

Foi certamente D. Duarte a mesma sabedoria collocada sobre o throno. Promulgou boas leis contra o luxo, tolheo por seus decretos as excessivas dissipações dos grandes, e coordenou em forma de codigo as leis que até o seu tempo andavão dispersas. Tal era a sua prudencia, justiça e moderação, que os povos dizião d'elle á principio que sabia melhor, que seu pae, a arte de reger o reino.

Mas á este principe tão illustrado, e ornado de tantas virtudes, faltava a vontade perseverante, que constitue os grandes reis, e que possuirão em alto gráo seu trisavô el-rei D. Diniz, seu pae el-rei D. João I, e seu neto el-rei D. João II. Depois de haver consentido na malfadada jornada de Tangere, deixou no cap-

tiveiro o irmão que muito amava, porque o poder ecclesiastico se oppunha á entrega de Ceuta com o fundamento de que os templos serão convertidos em mesquitas, e profanados.

Entretanto para escusa d'el-rei D. Duarte, o Marco Aurelio dos tempos modernos, deve referir-se que uma bulla do papa, cuja auctoridade era decisiva em casos taes n'aquelle tempo, sanctificou a resolução dos dois infantes, a cujas instancias se unirão as da rainha D. Leonor, e que estes não obedecêrão á judiciousa ordem d'el-rei, que lhes determinára conservassem uma communicação permanente com a armada.

Assim realisárão-se pelo máo successo da empreza as previsões do infante D. Pedro, que, homem nascido para governar, sempre se oppoz á partida de uma expedição, que, devendo ser á principio feita com um exercito de 14 mil homens, só o foi com um de 8 mil, porque o instincto do povo lhe era desfavoravel.

Dizem que a lembrança d'este desastre, e a idéa de vêr seu irmão captivo sem o poder libertar, concorrêrão para abreviar os dias d'el-rei D. Duarte, aggravando-lhe a enfermidade de que fóra accommettido.

O infante D. Fernando, a quem já o povo chamava santo por sua resignação, constancia e heroismo na adversidade, foi depois da derrota do pequeno exercito portuguez levado a Fez, onde gemêo 6 annos no mais duro captiveiro, e fallecêo das consequencias

d'elle em 1443, sendo seu coração trazido á Portugal por João Alvares, seu fiel secretario.

Foi D. Duarte, segundo Frei Bernardo de Brito, de corpo meão, mais sobre grande, que pequeno, os olhos castanhos e alegres, a barba quasi loura partida pelo meio, a bocca meã e mui corada, o beiço inferior com uma divisão que lhe dava graça, e o cabello da cabeça comprido conforme o costume d'aquelle tempo.

Para se conhecer quanto este principe era por sua illustração superior á seu seculo, basta o seguinte facto, Predizião-lhe os astrologos grandes desgraças, si se coroasse á hora em que o foi, pedindo-lhe demorasse a sua coroação: elle porem despresando taes prognosticos, coroou-se justamente á hora em que tencionára fazê-lo.

As suas obras, trasladadas do manuscrito que se conserva na Bibliotheca Real de Pariz pelo litterato José Ignacio Roquette, forão pelo mesmo impressas na referida cidade em 1842.

Contemporaneo do grande Cosme de Medicis, e como elle protector das lettras, e dos que as professavão, foi D. Duarte não só o rei mais instruido, mas tambem um dos maiores philosophos e mais illustres escriptores do seu seculo, como se evidencia das obras que compoz, o «Leal Conselheiro» e a «Ensinança de bem cavalgar toda sella.» A primeira é uma obra de philosophia moral que revela os muitos e variados conhecimentos que possuia este principe, quer no que

respeita ás linguas, quer á escriptura santa, e litteratura antiga e da idade media; pois grande é o numero de auctores de que tinha licção, e cita a cada passo, como padres da Igreja, e escriptores antigos e modernos. A segunda, uma obra didactica de tactica, que attesta a diligencia com que elle estudou a materia, levando a palma á outros escriptores que d'ella tratárão. Este rei foi um grande e verdadeiro sabio, ou se attenda aos tempos em que escreveu, ou ainda aos posteriores. O que mais admira n'elle é a sua vasta e pasmosa erudição em idade tão pouco avançada. D'aqui se pode inferir qual era a esmerada educação, que os antigos reis portuguezes davão a seus filhos. Vimos que sabios mestres teve el-rei D. Diniz; e a el-rei D. Duarte dêo sem duvida seu illustrado pae os mais habeis, si hem a historia não consigne seus nomes, porque o alumno sahio perfeito em tudo quanto aprendêo.

Os preceitos de philosophia moral que encerra o «Leal Conselheiro», são de todos tempos, e ainda hoje aproveitão aos que o lerem, vencendo a repugnancia que pode inspirar á principio a antiga linguagem em que é escripto o livro. Os nobres sentimentos que em todo elle manifesta o auctor, fazem-nos conceber a mais elevada idéa do seu character como homem, e como soberano que pratica o bem que aconselha. O estylo do rei philosopho é mais apurado e culto, que o de muitos escriptores que lhe succedêrão um seculo depois, e dá-nos bem a conhecer não só o principe

virtuoso e justo que maneja a penna, como o escriptor de bom gosto, e fino tacto. O livro é ainda instructivo e curioso pelos usos e costumes do tempo que descreve, e por algumas particularidades da vida do principe que refere, como a grande melancholia de que foi atacado aos 22 annos de idade, enfermidade que parece partilha dos grandes engenhos. Tem finalmente aos olhos do philologo outro merito, o de fornecer por sua linguagem um precioso documento das modificações porque tem passado o Portuguez, si o compararmos com o dos escriptos anteriores e posteriores.

Para que por vós ajuizeis do que digo, passarei a ler-vos o melhor de dois dos seus capitulos mais notaveis, o XIX e o XLIV.

XIX.

.....
 Quando eu era de XXII annos, El-Rei meu Senhor e padre, comprido de muytas virtudes, cuja alma Deos aja, despoen-dosse pera filhar a cidade de Cepta, mandoume que tevesse carrego do conselho, justiça e da fazenda, que em sua corte se trautava¹; porque tanto averia de trabalhar nos feitos que perteenciam pera sua hida, que doutros sem grande necessidade se nom entendia curar: eu nom consiirando minha nova hidade e pouco saber, com dereita obediencia, como per

¹ *Trautava*, por tratava.

mercee de Deos sempre em todo lhe guardey, e desi ¹ por grande voontade que avia de se proceder per o dito feito, recebi sem outro reguardo todollos dictos carregos, aos quaes me pus assy, fora de boa descliçom, que na primeira qua-reesna que logo veeo fazia tal vyda. Os mais dos dias bem cedo era levantado, e, missas ouvidas, era na rollaçom ² ataa meo dia ou acerca, e vinha comer. ³

E sobre mesa dava odiencias per boo spaço, e retrayame aa camera, e logo aas duas oras pos meo dia os do conselho e veedores da fazenda erom com mygo, e aturava com elles ataa IX oras da noite; e desque partiom, com os officiaes de minha casa estava ataa XI oras. Monte, caça, muy pouco husava; e o paaço do dicto senhor vesitava poucas vezes, e aquellas por veer o que el fazia, e de mym lhe dar conta. Esta vida contynuey ataa pascoa, quebrando tanto minha voontade que ja non sentia alguu prazer me chegar ao coração daquelle sentido que ante fazia. E pensava que aquello da mudança da hydade me viinha, e que assy era commuu a todos, porem dello me nom curava; mes tanto me carregou que fylhey por grande pena nom poder no coração sentir alguu deryto sentimento de boa folgança. Com esto a tristeza me começou de crecer, nom com certo fundamento, mes de qualquer cousa que aazo se desse, ou dalguas fantezias sem razom; e quanto mais aos cuydados me dava, tanto com mayores sentydos me seguia, nom podendo entender que dalli me viinha, porque eu trabalhava em aquelles carregos por as razões suso dictas tam de boa mente, que nam podia pensar

¹ *Desi*, por *deshi*.

² *Rollaçom*, por *relação*.

³ *Comer*, significava antigamente fazer a principal comida, ou jantar.

que mal me vehesse por obrar no que me prazia, e tam contente era de o fazer.

Em aquesta pena VYVY acerca de dez mezes, a tempos, e mais e menos; e porque o dicto Rey, meu Senhor, se veo acerca da cidade de Lixboa, onde tal pestellença era que poucos dias passavam que me nom fallassem em pessoas conhecidas que de tramas¹ adoeciam e morriam. E por esto a tristeza, que de tanto tempo em my se criava, mais se dobrou; e huu dia me deu grande sentymento em hua perna, e me fez tal door com queentura² que me pos em grande alteraçom. E fuy logo remediado, que per graça de Nosso Senhor em breve spaço recobrei saude; mas filhey huu tam ryjo pensamento com receo de morte, que nom soomente temy aquella, mas a que todos scusar não podemos, pensando na breveza da vida presente. E aquel pensamento entrou em meu coraçom, que por seis mezes huu pequeno spaço nunca o del pude afastar, tirandome todo prazer, e acreentandome a mayor tristeza, segundo meu juyzo, que aver podia. Este me trazia tantas novas penas, que seria largo descrever, e comparar nam as poderia, porque todallas doores pera esta me pareceria³ saude, da qual nom avia speranza de guarecer. E se com fé e consciencia me queria confortar, per o demudamento da tristeza muyto era torvado, assy que a todo mal de alma e do corpo me derribava. E por tal temor se pode bem dizer o dicto do Gatom⁴: Quem teme a morte perde quanto vyve. E em outro logar: Quem teme a morte perde o prazer

¹ *Trama*, inchaço, tumor, bubão, de *struma* latino.

² *Quentura*, febre.

³ Erro grammatical; pois estando o sugeito, *dores*, no plural devia dizer, *parecerião*, e não, *pareceria*.

⁴ *Gatom*, Catão.

da vyda. E de feito nom ouvera conselho, remedio, nem esforço que me vallera, segundo entendo, porque com fisicos, confesores, e amygos fallava, e nom prestava cousa ¹, e o dos remedios, das curas, nom sentia vantajem, e confortos recebia tam poucos como aquel que per enfermidade mortal, dos fisicos desperado ², recebe das palavras que lhe dizem, ou que per justiça he julgado que logo moira ³; ca nom menos aquel temor, segundo entendia, era pera mym sempre lembrado e sentido; mes a graça do Senhor Deos; e de Nossa Senhora Sancta Maria me outorgou conhecimento que era enfermidade e tentaçom do initriço todo cuydado errado que me viinha. E determyney nom sayr em cousa fora da pratica de meu vyver que eu avya por boa, e assy sabia, mercees ao Senhor, que per dignos doutoridade era aprovada; e se morte, vyda, saude ou enfermidade me vehesse, naquella quiz que me achasse. Em esta teençom fuy assy forte que os conselhos d'alguns fisicos, que me dyziam que bevesse vyinho pouco auguado; dormisse com molher, e leixasse grandes cuidados, todos desprezei, avendo toda minha sperança em no Senhor e sua muy Santa Madre; esto per parte da razom e da fe solamente, ca o sentido e desejo do coraçom todo era derribado a mal fazer.

Em esta grande doença durey ó tempo suso ⁴ scripto, callandome com ella, porque a poucas pessoas certas doutoridade fallava; e defora em toda minha maneira de viver fazia pequena mudança, nem mostramento do que sentia. E estando

¹ *Cousa*, o mesmo que, *cousa nenhuma*: é uma elipse que ainda se encontra em Gil Vicente, si bem me recordo.

² *Desperado*, por desesperado: aqui vale o mesmo que, desenganado dos medicos.

³ *Moira*, por Morra: É do antigo dialecto portuguez galliziano.

⁴ *Suso*, acima.

em tal estado, a muy virtuosa Raynha, minha Senhora e Madre, que Deos aja, de pestellença se finou, do que eu filhey assy grande sentimento que perdi todo receo; a ella em sua infirmydade sempre me cheguey, e a servy sem alguu empacho como se tal door nom sentisse. E aqesto foy começo de minha cura, porque sentindo ella, leixei de sentir a mym, e veer que alguu spaço fora leixado do dicto cuidado, e recreceome por alguma speranza que viiria a perfeito curamento. E filhey mas hua *maginaçom*¹ muy proveitosa, ca pensey que Nosso Senhor me dava tanta pena em meu coraçom por fazer emmenda de meus pecados, e fallicymentos, que mylhor pera mym era sofrer aquella com paciencia e virtuosa maneira, ca recebella na outra vyda, ou naquesta per deshonra, aleyjamento, ou taaes perdas que bem emmendar nunca se podem, e perdas que daquel mal como fosse saão, per merce do Senhor Deos, cousa nom me ficaria. E aqeste pensamento me deo esforço a pellejar com tal coidado, como faria contra qualquer cousa contraira, ou tentaçom que me vehesse. E desto filhey grande esforço com paciencia e boa speranza, que som tres cousas pera tal caso muyto necessarias.

.....

XLIV.

.....

Do amor, que he nome geeral, me parece que nacam quatro maneiras damar, homees e molheres, porque das outras ao presente nom faço meençom; scilicet: bemquerença, primeira; desejo de bem fazer, segunda; amores, terceira; amy-

¹ *Maginaçom*, por imaginação.

sade, quarta; das quaaes mostrarey brevemente algumas deferenças pera cadahuu de sy e dos outros conhecer de qual dellas ama, ou he amado, e como em cada hua nos devemos aver.

Bemquerença he tam geeral nome que a todas pessoas, que mal não queremos, podemos bem dizer que lhe queremos bem; ca nos praz de sua salvaçom, vyda, e saude, e doutros muytos bees que nom sejam a nos contrairos.

Desejo de bem fazer he ja mais special, porque poucos teem tal voontade a todos, ainda que o possam bem cumprir e a cerca dos chegados o sentem, e porem he ja em grao mayor e mais estremado.

Os amores em algumas pessoas destas duas partes se desacordam, porque per elles principalmente se deseja sobre todas seer amado, aver e lograr sempre muy chegada afeição com quem assy ama; e muytas vezes como cego, ou forçado, nom cura de seu bem, nem teme o mal, e tal faz della quando per outra guysa nom pode acabar o que sobre todas cousas seimpre contynuadamente mais deseja, e assy nom lhe querer em tal tempo bem, nem deseja de lho fazer, pois queria seu contrairo se doutra guysa nom podesse seu desejo cumprir.

Amysade he desvairada ¹ de todas estas, e participa com ellas, porque sempre quer bem a seu amygo, e'nunca o contrairo, e assy deseja de lho fazer com toda cousa por guarda da sua consciencia, acrecentamento da honra, saude, proveito e boo prazér; e praz-lhe muyto seer de seu amygo perfeitamente amado, e aver com elle sempre boa e razoada conversaçom. Tem a vantagem dos prymeiros, porque muy

¹ *Desvairada*, diversa, differente.

special bem quer ao amygo, e assy deseja de lho fazer, como pera sy medes o queria. Dos amores desvaira¹, porque amam pryncipalmente regidos per o entender, e dos outros per movymento do coraçom; o desejo de ser amado ainda nom concorda com amygo, porque sempre pensom que o som, ca doutra guysa nom se teriam em tal conta, dos quaaes se diz que som outro eu, e alguas semelhantes razões nos livros ja dictos; e afeiçom nom desejam assy ryjo e continuadamente achegada como namorados, nem a tal fym, porque o amygo quando compre de se partir, ainda que del synta suydade², seguramente, e bem o soporta, mas sempre he presente, em tanto que no livro que della fez Tullio diz que nem a morte os parte. E desto eu dou boo testemunho, graças a Deos, porque o fynamento dos dictos Senhores Rey e Rainha nom me partirom de seu amor, porque assy desejo de lhes fazer serviço e prazer como se vyvos fossem, e receo aquellas cousas que vyvendo sabia que nom avyam por bem como se duvydasse de mo poderem ao presente contradizer, e allegrandome fazer as que penso que lhes prazem, ou prazeria se na presente vyda fossem, segundo mynhas obras bem o demostram. O Iffante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmão, posto que fosse no regno d'Ungria, com pequena teençom de tornar a esta terra, bem penso que sempre conheceo seer assy presente em meu coraçom, como se fosse naquel logar onde eu era. E a Ducqueza de Bregonha, mynha muyto prezada e amada Irmãa, nunca tam perfeitamente senty mynha boa vontade como des que foy destes reynos partida.

¹ *Desvaira*, diversifica.

² *Suydade*, saudade.

Os amores simplesmente muytas vezes teem maneira contraira, porque fazem amar de quem nom he amado, ou per razom synte que nom deve assy damar, em que muyto damysade se desvaira; porem sobresto tenhamos tal determinaçom, que bemquerença devemos a todos em o geeral desejo de bem fazer em toda cousa que bem podermos, e as pessoas a nos chegadas, ou que o merecem, tal desejo deve seer mais avantejado. Os amores em todo caso ajamos per duvydosos se tanto crecem que ceguem, ou forcem, porque se leixamos de nos reger per dereita razom, e boo entender, que valleremos? E pois delles esto vem, muyto som de recear. He verdade que fazem gente manceba melhor se trazer¹, e percalçar algumas manhas costumadas nas casas dos Senhores, mas o perigoo que muytas vezes delles se recrece convem muyto dessa prisam se guardarem os que virtuosamente desejom vyver.

Notai o historico do primeiro d'estes capitulos que nos mostra qual era no seculo XV o viver dos principes portuguezes, e sobretudo de D. Duarte, a quem o grande rei seu pae, como para ensaiar-o na governança, encarregára dos negocios do estado, quando se dispunha a partir para a conquista de Ceuta. Vede como b joven principe, furtando-se a todos os prazeres de sua idade, trabalhava o dia inteiro e parte da noite para dar bôa conta de si, já na relação, já com os do conselho e vedores da fazenda, dando audiencias até á meza do jantar, e repouzando-se das fadigas

¹ *Se trazer*, se trajar: antigamente era este verbo usado nesta significação.

depois das 9 horas da noite até as 11 em conversar com os officiaes de sua casa, sem duvida sobre os negocios, economia e bom regimen della. Que bella licção para principes, ou antes, estupenda, como lhe chama o Visconde de Santarem! Notai mais a singeleza e verdade com que é descripta a particularidade da vida do principe em que já toquei, ou a grande melancholia de que foi elle atacado por semelhante occasião, e para a qual não deixarião de concorrer tanta fadiga de espirito, e a sequestração de seus estudos ordinarios. Admirai no segundo a bella e verdadeira distincção que faz D. Duarte do amor e da amizade, e sobretudo a primorosa e pathetica descripção da segunda, que nada fica a dever á que nos deixou Cicero, que elle cita tão ajustadamente n'este capitulo, si é que não é ainda mais admiravel, animada com todo o fervor do sentimento chistão, que lhe dá realce. Depois, que singeleza, mas ao mesmo tempo que verdade, e nobreza na expressão! Que harmonia na phrase! Este sabio rei foi o creador do que se pode chamar numero oratorio da antiga linguagem, assim como João de Barros o foi do do Portuguez do seculo XVI, que tanto havia nesta parte desmerecido nos escriptos de Garcia de Resende, e chronistas posteriores.

O estylo tanto destes capitulos como de toda a obra é o philosopho e didactico por excellencia sem nunca degenerar no baixo e ignobil, porque a penna do escriptor é uma penna de mestre.—O «Leal Conselheiro» é a todos os respeitos um livro de preço inestima-

vel, e digno de ser lido e estudado principalmente pelos principes, para cujo uso parece foi composto por seu illustre auctor.

Pena é que livro tal não tenha sido convenientemente estudado, tanto no que se refere á vida intima dos reis portuguezes, usos, e costumes do tempo, como principalmente no que respeita á antiga linguagem, em que é escripto, sem o conhecimento da qual não é possível saber fundamentalmente o Portuguez. Um documento tão precioso merecia ser compulsado, explicado, e commentado pelos nossos litteratos mais do que o tem até hoje sido. Que admiração não é ver n'aquelles tempos de quási geral ignorancia escripto por um rei um livro, que reduzido á linguagem actual faria honra, pela pureza e santidade da doutrina, á qualquer sabio de nossos dias?! É em verdade assombroso!

Eis no entanto o juizo do illustrado visconde de Santarem acerca delle: «Pelo que respeita á lingua é este o mais precioso thesouro que nos resta d'aquella idade; pela multiplicidade de materias que trata seu illustre auctor, e de que não fallou nenhum outro escriptor; pela polidez, nobreza, decencia, gravidade de suas expressões e discursos, em que sobreexcede os escriptores do tempo d'elrei D. Manoel; pelo conhecimento que tinha, não só da lingua materna, mas da latina, e d'outras da Europa; pelo cuidado com que fixa muitas vezes as significações das palavras e sua synonyma; pelo estylo facil, cavalheiro, quasi sempre

didactico e proverbial, mas algumas vezes familiar e engraçado, e sempre acompanhado de claresa de ideas, penetração de espirito, agudeza de engenho, e d'um cunho de elevação d'alma, bondade de indole, e grandeza de coração, qualidades que difficilmente se encontrarão reunidas em um mesmo escriptor. Finalmente o «Leal Conselheiro» é um livro para se estudar, sem cujo conhecimento, nem a lingua, nem os costumes d'aquella época se poderão justamente apreciar.»

Depois de haver apreciado os escriptos e o caracter d'el-rei D. Duarte; que, si não foi o primeiro rei, foi sem duvida o primeiro sabio do seu tempo, passarei em outro discurso a analysar os do chronista Gomes Eannes de Azurara; porque, já disse, me fallecem os do pae da historia portugueza, Fernão Lopes, primeiro na ordem chronologica, e querem alguns criticos que no merito de historiador, si bem o não seja de certo no de escriptor.

LICÇÃO XIV.

O prosador que vou, Senhores, apreciar hoje, Gomes Eannes de Azurára, pertence aos dois penúltimos quartos do século XV, porque floreceo no reinado de D. Affonso V, que, começando em 1438, terminou em 1481; e foi contemporaneo d'el-rei D. Duarte, e de Fernão Lopes, a quem succedeo no cargo de chronista mór do reino. Os seus escriptos são ainda dos mais antigos que possuimos, pois são apenas posteriores aos dos dois auctores citados, aos do conde de Barcellos, e ás traducções mandadas fazer por el-rei D. Diniz, e já precedentemente mencionadas. Assim teem elles á nossos olhos o mesmo valor dos dois primeiros por sua ancianidade, cuja differença é apenas de poucos annos entre uns e outros.

A linguagem da «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», unica das obras de Azurára que nos veio ás mãos, é a mesma da época do «Leal Conse-

lheiro» d'el-rei D. Duarte, e distingue-se da do seculo posterior pelas terminações em *on* dos nomes substantivos e terceiras pessôas dos verbos, que passarão depois para *ão*, por copia de termos obsoletos que cahirão em desuso, e ainda por notavel differença na pronuncia, segundo se pode inferir da orthographia d'estes dois preciosos documentos, que merecem por sua importancia ser objecto de estudo para o philologo, e para o litterato. Cumpre aqui observar que muitos dos termos antiquados são francezes, italianos, provençaes e arabes, com cuja rejeição a nossa lingua ainda mais se aproximou de sua pura origem latina. Esta aproximação cada vez mais intima coincide com o indefesso estudo que se começou a fazer do Latim e do Grego em toda a Europa culta depois do renascimento das lettras na Italia.

Nasceo Gomes Eannes de Azurára na villa do seu appellido, pertencente á diocese do Porto, mas ignora-se completamente a época de seu nascimento e de sua morte, sabendo-se apenas por certidões que passava como guarda mór da Torre do Tombo, que ainda vivia em 1473. Ignora-se igualmente quem forão seus progenitores; si foi casado, ou solteiro, e si teve filhos; mas a sua educação devia ser muito esmerada, e os seus estudos completos, porque foi um dos homens mais instruidos do seu seculo, um verdadeiro sabio não só para aquelles tempos, mas ainda para os de agora, nos quaes os conhecimentos que elle possuia, honrarião á qualquer varão douto. Elle e D.

Duarte são perfeitos typos do homem de letras que consome a sua vida sobre os livros, e não tem para bem dizer época propria.

Foi commendador da Ordem de Christo, chronista-mór do reino, e guarda-mór do archivo real da Torre do Tombo, nomeado por Carta d'el-rei D. Affonso V de 6 de Junho de 1454; e diz-se que fôra tambem desembargador da casa do civil no reinado do mesmo principe que o tinha em muita consideração por suas letras, como o attestão os cargos com que o honrou, e sobre tudo os trabalhos de que o encarregou.

Sabe-se que foi igualmente estimado pelo grande principe, tio do rei, o infante D. Henrique, a quem idolatrava, e cujos gloriosos feitos e serviços na promoção dos descobrimentos realizados em Africa, mui digna e nobremente descreveo na sua citada chronica, de que João de Barros apenas aproveitou para as suas Decadas alguns fragmentos incompletos que lhe chegarão ás mãos.

Compoz Azurára a terceira parte da «Chronica d'el-rei D. João I de Bôa Memoria, dos reis de Portugal o decimo, que contem a tomada de Ceuta,» e foi impressa em Lisbôa por Antonio Alvares em 1644: a «Chronica dos feitos do conde D. Pedro de Menezes, continuada á tomada de Ceuta, a qual mandou el-rei D. Affonso V d'este nome, e dos reis de Portugal o duodecimo, escrever: a «Chronica dos feitos de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, e capitão da villa de Alcacer em Africa» (estas duas sahirão im-

pressas pela primeira vez no 2.º tomo da «Collecção de livros ineditos da Historia Portugueza, publicada pela Academia Real das Sciencias): a «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escripta por mandado d'el-rei D. Affonso V, sob a direcção scientifica e segundo as instrucções do illustre infante D. Henrique.

Esta ultima obra, que é a que nos occupa, e que Azurára concluiu em 1443, julgou-se por muito tempo perdida, mas sendo casualmente encontrada por Mr. Ferdinand Denis na Bibliotheca Real de Paris, foi fielmente trasladada do manuscripto original que ahi se conserva, e dada pela primeira vez á estampa na referida cidade em 1841 por diligencia do Visconde de Carreira, com uma bella introducção do Visconde de Santarem, e um glossario de palavras e phrases antiquadas e absoletas de José Ignacio Roquette, homem mui laborioso e instruido.

Barbosa attribue tambem á Azurára as Chronicas d'el-rei D. Duarte e D. Affonso V, mas essas forão impressas na referida Collecção com o nome de Rui de Pina, que parece ter sido quem as completára. Seja porem como fôr, para gloria do escriptor que analysamos, basta o que nos deixou incontestavelmente seu, ou em que outro não poz a mão.

Azurára, a quem Damião de Góes, que lhe é aliás inferior a todos os respeitos, faz pouca justiça, mas de quem João de Barros, apreciador muito mais competente, affirma que bem merecêra por sua diligen-

cia o nome do officio que teve, e si alguma cousa ha bem escripta das chronicas do reino è de sua mão, é um escriptor de grande merito, ou se attenda aos tempos em que florecêo, ou ainda aos posteriores. Como historiador do descobrimento e conquista de Guiné, é a fonte principal onde bebêrão todos os que depois tratárão da materia, pois é anterior ao italiano Cadamosto, e de grande auctoridade em tudo quanto narra, porque o fez segundo as instrucções do magnanimo principe que taes descobrimentos emprehendeo, foi d'elles testemunha contemporanea, e poudesobre os pontos duvidosos consultar não só o mesmo principe, mas os proprios capitães das expedições. Quanto aos dotes do estylo, é em nossa opinião superior aos outros chronistas que, em sua rude simplicidade, lhe notavão as metaphoras como demasias, e digno mestre de João de Barros, que n'elle parece haver bebido o gosto de seu estylo pittoresco.

O Senhor Alexandre Herculano diz de Azurára que é inferior em merecimento como historiador á Fernão Lopes, mas que não deixou de fazer com seus escriptos bom serviço á litteratura patria, isto referindo-se sem duvida á chronica dos reis por elle continuada, pois de outro modo não faria a comparação, visto como Fernão Lopes nada escreveo sobre os descobrimentos do infante. Mas o Visconde de Santarem diz d'elle, referindo-se á Chronica de Guiné, que a sua fidelidade como historiador é incontestavel; pois tal era o seu escrupulo, e amor da verdade, que pre-

feria antes deixar a relação de alguns acontecimentos imperfeita, do que completal-a quando não podia obter já as noticias exactas dos que os tinham presenciado. Esta opinião de um litterato, que estudou profundamente Azurára, é de muito peso na materia.

Mui vasta era a instrucção que tinha este chronista, segundo se infere do grande numero de auctores que cita no decurso de sua obra, e que lhe erão familiares; pois em nada menos importa que no conhecimento das linguas, dos livros santos, e de toda a litteratura antiga e da idade media, em que se mostra summamente versado. Si a cotejarmos com a d'el-rei D. Duarte não menos admiravel, teremos não só a revelação do estado das sciencias e erudição em Portugal pelos fins da idade media, como diz o mencionado Visconde, mas ainda do quanto então se estudava e aprendia antes de lançar mão da penna para escrever, bem ao revez do que se pratica n'este tempo, em que cada um se julga com dois dedos de sciencia capaz de ser auctor. Si hoje se fizesse o mesmo que n'aquella época, seria certamente muito menor o numero de escriptores, mas muito maior o dos bons livros, ou das obras dignas pelo seu merito de andarem nas mãos de todos, e não se escreveria tanta cousa para deixar de ser lida.

Voltando porem á Chronica de Azurára, ler-vos-hei d'ella unicamente os capitulos II e IX, para que possais vós mesmos ajuizar do merito do auctor, seja como historiador, seja em sua maneira de escrever.

II

Oo tu principe pouco menos que divinal! Eu rogo a as tuas sagradas vertudes, que ellas soportem com toda paciencia o ffallecimesto de minha ousada pena, querendo tentar hua tam alta materya como he a declaraçom de tuas vertuosas obras, dignas de tanta gloria, cuja eternal duraçom, sob proveitosa fim, alevantará a tua fama com grande honra de tua memoria, nõm sem proveito do ensino de todollos principes que seguirem o teu exemplo; ca por certo nom sem causa, eu demandando perdom a as tuas vertudes, conhecendo minha pouca sofeciencia para abarcar tamanha soma, quando com mais justa rezom spero seer reprehendido por minguar do que devo, que prasmado¹ por fallar sobejo. Tua gloria, teus louvores, tua fama, enchem assy as minhas orelhas, e occupam minha vista, que nom sey a qual parte acuda primeiro. Ouço as prezes das almas innocentes daquellas barbaras naçoões, em numero casy infyndo, cuja antiga jeeraçom desdo começo do mundo nunca vyo luz devinal, e pollo teu engenho, pollas tuas despesas infyndas, pellos teus grandes trabalhos, som trazidas ao verdadeiro caminho da salvaçom, as quaaes lavadas na augua do baptismo, e hungydas com o santo olio, soltas desta miseravel casa, conhecem quantas treevas jazem sob assemelhança da claridade dos dyas de seus antecessores. Mas nom direy com qual piedade, e contemplando na divina potencia, continuadamente requerem o gallardom de teus grandes merecimentos, a qual cousa se nom pode reprovar per aquelle que bem escoldrinhar² as sentenças de sam

¹ *Prasmado*, vituperado, censurado, arguido: o verbo, *prasmare*, vem do antigo verbo francez, *blasmer*, hoje *blamer*.

² *Escaldrinhar*, esquadrinhar.

Tomas, e de sam Gregoryo, sobre o conhecimento que ham as almas daquelles, que lhe em este mundo aproveitaram ou aproveitam. Vejo aquelles *Garamantes*, e aquelles *Tiopios*, que vivem sob a sombra do monte *Caucaso*; negros em collor porque jazem de sob o oposito de auge do sol, o qual seendo na cabeça de Capricornyo, e a elles em estranha quentura, segundo se mostra pello movimento do centro de seu excetrico, ou per outra maneira, porque vezinham com a cinta queimada; e os *Indyos* maiores e menores, todos iguaaes em collor, que me requerem que screva tantas dadivas de dinheiros e de roupas, passagees de navyos, gasalhado de pessoa quanto de ty receberom aquelles que por visitaçom do apostollo, ou cobiiçosos de veer a fremosfera do mundo, chegarom a as fiins da nossa Hespanha. Espantamme aquelles vezinhos do Nyлло, cuja grande multidom tem ocupados os termos daquella velha e antiga cidade de *Thebas*, porque os vejo vestidos da tua devysa, e as suas carnes, que nunca conhecerom vestidura, trazem agora roupas de desvayradas collores, e as gargantas das suas molheres grarnidas com joyas de ricos labores douro e prata. E que fez esto se nom largueza de tuas despezas, e o trabalho de teus servidores, movidos per teu vertuoso engenho, pello qual tresmudaste nas fiins do ouriente as cousas criadas e feitas no ocidente. Nom foram os requerimentos e vozes daquestes de tanta efficacy, pero ¹ muytos fossem, quantos foram os clamores da grandeza dos Allemaães, e da gentilleza de França, e da fortalleza de Inglaterra, e da sabedorya de Itallya, acompanhados doutros de diversas naçoões e languagees, toda gente estremada em linhagem e vertude:

¹ Pero, posto que, ainda que:

Oo tu, dizem estes, que te metes no *laberinto* de tanta gloria, porque te estás ocupando com as nações ouryentaaes? Falla comnosco, que corremos as terras; e cercamos a redondeza do mundo; e experimentamos as cortes dos principes, e casas dos grandes senhores: sabe que nom acharás hi outro que possas iguallar aa excellencia da fama daqueste; se tu julgas per dereito peso todo o que perteece a grande principe, entanto que com rezom lhe podes chamar templo de todallas vertudes! Oo como acho queixosos os do nosso regno, porque anteponho a elles outra nenhua geraçom! Aquy acho grandes senhores, aquy prellados, a quy fidalgos, aquy donas viuvras, cavalleiros religiosos, meestres da santa fé, com muytos graduados em todallas sciencias, novos escollares, grandes aazes¹ de scudeyros e dhomees de nobre criaçom, officiaaes, mecanicos, com outra infiinda multidom de povoo. Huus me mostravam villas e castellos, outros logares e terras chãas, outros comendas de grossas rendas, outros grandes e abastados regueengos, outros quintãas, e herdades; e foros, outros cartas de teenças e de casamentos, outros ouro, e prata, e dinheiros, e panos, outros saude nos corpos, e escaramento de perigoos, que pollo teu aazo² cebrarom; outros servos e servas infiindas, outros me contam de moesteyros e igrejas, que repairaste e fezeeste de novo, com grandes e ricos ornamentos, que ofeceras em muytos lugares pyadosos, outros me mostravam os sinaaes dos ferros que trazyam no cativeyro de que os tiraste. Que farey a pobrees mendigos que vejo ante my carregados desmollas? E a grande multidom de frades de todallas ordees, que me mos-

¹ *Aazes*, esquadrões.

² *Aazo*, causa, occasião.

tram as roupas com que cobriste suas carnes? E a avondança dos mantiimentos com que repairaste suas necessydades? Ja quizera fazer fim deste capitollo, se nom vira viir a multidom dos navyos com as vellas altas, carregados das ishas que tu povoraste no grande mar Oceyano, braudando que os aguardasse, ca me quieriam mostrar como nom devyam ficar fora do registo daquestes. E mostraronme suas grandes abo-goaryas, e os seus valles todos cheos daçucar, de que espar-giam muyto pello mundo. E traziam por testemunho de sua grande abastança, todollos moradores do regno de Algarve. Pregunta, disserom elles, quando souberom estas gentes que cousa era avondança de pam, senom depois que o nosso principe povohou as ilhas desertas, em que nem avya outra povoraçom senom allymaryas montezes! E mostraromme as grandes filhas das colmeas, cheas denxames, de que trazem grandes carregas de mel e de cera para o nosso regno; e as grandes alturas das cascas, que sê vão ao ceo, que se fezerom e fazem com a madeira daquellas partes. Pera que direy tantas cousas quantas me forom oferecidas em teu louvor, as quaaes sem prejuizo da verdade podya screver? Outras vozes muyto contrairas daquestas que ataa quy razoey, soarom nas minhas orelhas, das quaaes eu ouvera grande pyedade, se as nom achara fora de nossa leey; ca me fallarom infiindas almas de Mouros, daaquem e daalem, muytos que forom mortos per tua lança, pella guerra muy cruel, que lhe sempre fezeste! Outros se me oferecerom, carregados de ferros, com pyadosa contenença, que forom cativos per teos navyos, com grande força dos corpos de teus vassallos; mas tanto notey eu daquelles, que se nom queixavam tanto da sua derradeira fortuna, como da primeira, e esto he, daquelle enganoso erro, em que os leixou aquelle falso eis-

matico Maffamede. E assy concludo meu começo, que se as tuas grandes vertudes, com a excellencia de teus nobres e grandes feitos, suportarem alguma mingua pella inoraucia de minha sciencia, e rudeza de meu engenho, que eu peço a a tua magnanima grandeza, que com cara pyadosa, passes per minha culpa.

IX

Com grande paciencia recebya sempre o iffante aquelles que assy envyava por capitãaes de seus navyos em busca daquella terra, nom lhe mostrando alguu reprehimento de sua mingua¹, ante com graciosa contenença, ouvya seus aquecimentos², fazendo-lhe aquellas mercees que tiinha acostumado de fazer aos que o bem servyam; e ou aquelles, ou outros alguus speciaaes de sua casa, fazia logo tornar com seus navyos armados, acrescentando cada vez mais ao encargo, com prometimento de mayores gallardões, se acrescentassem alguma cousa na vyagem que os primeiros fazerom, porque elle podesse cobrar alguu conhecimento daquella duvyda. E finalmente, depois de doze annos, fez o iffante armar hua barcha, daqual deu a capitanya a huu Gil Eannes, seu scudeiro, que ao depois fez cavalleyro, e agasalhou muy bem, o qual seguindo a vyagem dos outros, tocado daquelle mesmo temor, nom chegou mais que a as ilhas de Canarya, donde trouxe certos cativos, com que se tornou pera o regno. E foe esto no anno de Ihu Xpo de mil e quatrocentos e trinta e trez. Mas logo no anno seguinte, o iffante fez armar outra

¹ *Mingua*, falta.

² *Aquecimentos*, acontecimentos, successos, casos.

vez a dicta barcha, e chamando Gil Eannes a departe, o encarregou muyto que todavya se trabalhasse de passar aquelle cabo, e que ainda que por aquella vyagem mais nom fizesse, aquello terya por assaz. Vós nom podees, disse o iffante, achar tamanho perigoo, que a esperança do gallardom nom seja muyto mayor; e em verdade eu me maravilho, que maginaçom foe aquesta que todos filhaes, de hua cousa de tam pequena certidom, ca se ainda estas cousas que se dizem tevessem algua autorididade, por pouca que fosse, nom vos darya tamanha culpa, mas quereesme dizer que por openyom de quatro mareantes, os quaaes como som tirados da carreira de Frandes, ou de alguuns outros portos pera que commumente navegam, nom sabem mais teer agulha nem carta pera marear; porem vos hii todavya, e nom temaaes sua openyam, fazendo vossa vyagem, ca com a graça de Deos, nom poderees della trazer senom honra e proveito. O iffante era homem de muy grande autoridade, pella qual suas amoestações, por brandas que fossem, eram pera os sesudos de muy grande encarrego, como se mostrou per obra em aquesta, que depois destas pallavras, determincu em sua voontade nom tornar mais ante a presença de seu senhor, sem certo recado daquello por que o envyava; como de feito fez, ca daquella vyagem, menospreçando todo perigoo, dobrou o cabo a allem, onde achou as cousas muyto pello contrario do que elle e os outros ataally presummyram. E ja seja que o feito, quanto aa obra, fosse pequeno, soo pello atrevimento foe contado por grande, ca se o primeiro que chegou acerca daquelle cabo, fezera outro tanto, nom lhe fora tam louvado, nem agradecido, mas quanto o perigoo da cousa aos outros foe posto em mayor temor, tanto trouxe mayor honra ao cometimento daqueste. Se o acontecimento de Gil Eannes, entrinsicamente

lhe apresentava alguma gloria, bem deve seer conhecido pelas pallavras que lhe o iffante disse ante de sua partida, cuja certa speryencia foe assaz manifesta ao tempo de sua chegada, ca foe delle muy bem recebido, nom sem proveitoso acrecentamento na honra e fazenda. E entom lhe contou todo o caso como passara, dizendo como fezera lançar o batel fora, no qual sayra em terra, onde nom achara gente alguma, nem sinal de povoraçom. E porque, senhor, disse Gil Eannes, me pareceo que devia trazer alguu sinal de terra, pois que em ella sahya, apanhey estas hervas que aquy apresento aa vossa merce, as quaaes nós em este regno chamamos rosas de Santa Marya. E acabado assy o recontamento ¹de sua vyagem, fez o iffante armar huu barinel ², no qual mandou Affonso Gonçaves Baldaya, que era seu copeiro, e assy Gil Eannes com sua barcha, mandando que tornassem lá outra vez, como defeito fizeram, e passaram a allem do cabo cincoeota legoas, onde acharom terra sem casas, e rastro dhomens e de camellos. E ou por lhe seer assy mandado, ou por necessity, tornarom com este recado, sem fazendo ³outra cousa que de contar seja.

Notai no capitulo II que tem por titulo «Invocação,» a eloquencia digna de um Tito Livro, que em todo elle desenvolve o auctor, a quem acodem os termos apropriados e nobres, as metaphoras arrojadas:

¹ *Recontamento*, narração, relação. O verbo *recontar*, referir, narrar, que então se usava, vem do francez, *raconter*.

² *Barinel*, ou varinel, era uma embarcação de remos, que então se usava.

³ *Sem fazendo*, sem fazerem: note-se aqui o emprego do gerundio com a preposição, *sem*: em outro logar diz o autor, *sem havendo*.

enchem as minhas orelhas, soltas d'esta miserável casa, e as bellas prosopopeias: das nações barbaras, dos povos cultos da Europa, dos de Portugal e Algarve, dos navios das ilhas do mar oceano, e das almas dos mortos, publicando os louvores do infante pelos serviços prestados á causa da humanidade, da religião, e da civilisação do mundo. Depois, que elevação sustentada no tom, ou que nobreza e magestade no estylo em tudo digno do grandioso do assumpto! Que numero e harmonia na phrase, á qual não é possível accrescentar nem diminuir palavra sem a desnaturar! Ha só um defeito n'este capitulo, e é bem dizerem o principe as almas dos infieis mortos á ferro, o que é exageração inverosimil, ou antes, insupportavel. No mais é elle admiravel, e bem pouco se encontra nos escriptores posteriores que se lhe assemelhe em elevação e sublimidade. Quem disto duvidar reduza á nossa linguagem hodierna todo o conteúdo do mesmo capitulo, que não obstante vir com isso a perder não pouco em harmonia, ainda assim ficará uma rica peça de eloquencia.

Nada em verdade me recorde de haver lido em João de Barros, Frei Luiz de Sousa, e Jacinto Freire, que seja igual em belleza a este capitulo, nem tão pouco em Tito Livio ou Tacito, Herodoto ou Thucydides, que lhe seja superior. Só um classico portuguez levantou a voz tão alto, o celebre padre Antonio Vieira, o qual pode em algumas passagens dos seus sermões mais notaveis correr parelhas com o auctor no

sublime. Não é pois de admirar que Damião de Goes notasse em sua rudeza metaphoras e figuras em Azurára, cujos elevados vôos o seu rasteiro espirito jamais chegaria a conceber. Não cabe ao ganso medir a ascensão da aguia que fita o sol.

Notai agora como o historico do capitulo IX comprehende todas as particularidades essenciaes ao grande acontecimento para aquelles tempos da passagem do Cabo Bojador feita por Gil Eannes, que o dobrou na sua segunda viagem, antepoendo a branda e sensata recommendação do infante aos medos de que estavam possuidos todos os mareantes pelas fabulas que se espalhavão sobre os mares e terras d'alem. Admirai mais a bella descripção do elevado character do infante que persistio doze annos em mandar dobrar este cabo, sem se desgostar com as mallogradas tentativas dos encarregados das expedições, aos quaes recebia sempre com bôa sombra, e animava com premios a emprehenderem novas viagens. Vêde ainda como o auctor que no capitulo segundo elevou o estylo á uma altura a que poucos prosadores portuguezes teem chegado, o accomoda n'este á simplicidade da narrativa e verdade historica. Apreciái bem todas estas circumstancias, e reconhecereis no infante o grande homem, e no seu chronista o grande escriptor.

Cumpre observar aqui que só os engenhos de primeira ordem teem esta propriedade de accommodar o estylo a todos os assumptos, como se pode vêr em

todos os grandes prosadores, e poetas. Assim o escriptor que analysamos, é um engentio desta cathedra, ao qual só faltou para ser devidamente apreciado escrever um seculo mais tarde, ou já na nova linguagem. Si tivesse vindo ao mundo no tempo em que floreceo João de Barros, seria certamente um escriptor igual a este, ou ainda pela ventura superior; mas a antiga linguagem em que se exprimio; é parte para que não seja hoje lido, nem comprehendido pelo commum dos estudiosos. Seria no entanto conveniente, para perfeito conhecimento do estado das lettras e da lingua naquella época, se fizesse um serio estudo deste auctor, cuja leitura é alias tão attractiva pelo variado e pittoresco de seu estylo:

É Azurára em ultima analyse um dos auctores portuguezes mais notaveis de seu seculo, como o attenção não só os capitulos que analysei, mas outros d'esta chronica, e com especialidade o VI, cujo estylo não é menos admiravel, que o do segundo. A sua erudição era pelo menos igual á d'el-rei D. Duarte, si bem menos admire n'elle por ser homem mais maduro, que o principe, como tudo induz a crer, ainda que se não saiba ao certo a época de seu nascimento. Como philosopho é certamente inferior á D. Duarte, por que acreditava nos astrologos, á cujos prognosticos o principe dava mui pouco peso, como vimos em sua biographia. Esta crença porem que lhe era commum com a de outros auctores do seu tempo em nada prejudica o seu merito de escriptor, que é incontestavel.

Assim não hesitarei em classificar-o como um dos melhores chronicistas, ou historiadores d'aquella época, e no que respeita ao estylo, como o primeiro no seu genero, porque nenhum dos outros se exprimio com tanta elegancia, nem levantou a voz tão alto, como elle o fez.

Tendo apreciado o historiador dos feitos do illustre infante D. Henrique, o maior principe sem corôa dos que produziu Portugal, pois que a elle se devem os grandes descobrimentos, que depois se fizerão nos reinados d'el-rei D. João II e d'el-rei D. Manoel, farei por hoje aqui ponto, para occupar-me nos seguintes discursos com os auctores da primeira parte do seculo XVI, a começar por Garcia de Rezende, o chronicista d'el-rei D. João II.

LICÇÃO XV.

Tenho, Senhores, de apreciar hoje a um dos primeiros prosadores da primeira parte do seculo XVI, Garcia de Rezende, que escreveu a vida ou chronica d'el-rei D. João II, de quem foi moço da camara e secretario particular, mas que florecêo no reinado d'el-rei D. Manoel, e alcançou parte do d'el-rei D. João III, porque ainda vivia e escrevia em 1536, quando lhe foi dado alvará de licença para a impressão de suas obras. Este auctor, cujo principal merito cifra-se na antiguidade de seus escriptos, e na singela e veridica exposição dos factos que presenciou, é como um dos primeiros elos da cadeia a que se prende a serie de escriptores do seculo XVI, que tanto illustrarão a litteratura portugueza.

Foi justamente no principio deste seculo ou fins do precedente que a lingua passou por nova modificação pelas transformações das terminações dos nomes sub-

stantivos e das terceiras pessoas dos verbos, de, *om*, para, *ão*, e começarão a cair em desuso muitos termos da antiga linguagem, em que escreverão el-rei D. Duarte, Fernão Lopes e Gomes Eannes de Azurára. Assim a chronica de D. João II é ainda preciosa aos olhos do philologo como documento do Portuguez naquella época, cujas modificações já se não podem avaliar bem nos escriptos subseqüentes.

Não foi porem sem prejuizo de algumas de suas virtudes, que a lingua soffreo esta alteração, que, parecendo á primeira vista de pouca importancia, teve graves consequencias para o seu mechanismo harmonioso. O numero que se nota na prosa dos tres escriptores citados, e com especialidade na de D. Duarte e Azurára, sempre tão cheia e musical, desapareceo totalmente da prosa portugueza, que por mais de meio seculo se transformou em prosa chilra, sem graça, sem harmonia, nem magestade, nos escriptos de quasi todos os chronistas, que se succedêrão ao ultimo dos dois escriptores. Ha uma excepção honrosa a este geral desconchavo, a prosa de Bernardim Ribeiro, a qual já começa a ter numero; mas esse não era chronista, e possuia dotes que podião constituil-o um grande prosador, si escrevesse um seculo depois, como vereis na sua «Menina e Moça», cuja apreciação brevemente passarei a fazer.

Contribuiu para esta falta de harmonia, ou para esta rudeza da prosa n'aquella época de reconstrucção do Portuguez, si assim me posso exprimir, não só a con-

versão da terminação harmoniosa, *om*, no diptongo nasal pronunciado, *ão*, que barbarizou a lingua, difficultando-lhe a pronuncia aos estrangeiros, e a perda de muitos substantivos de terminação igualmente harmoniosa em, *ança*, *edo*, *ento*, *or*, que se antiquarão, ou forão substituidos por outros terminados em, *ão*, como sobre tudo a carencia de um grande escriptor, ou antes de um genio, que soubesse por uma feliz combinação ajustar os elementos da nova linguagem em phrase numerosa e cheia. Esse genio só devia apparecer mais tarde no celebre auctor das Decadas da Asia, que, escrevendo de proprio moto, eclipsou a todos os historiadores officiaes que se havião seguido a Azurára.

Quanto teve de harmoniosa a mudança das segundas pessoas dos verbos, em *ades*, *edes*, *ides*, *ade*, *ede*, *ide*, para, *ais*, *eis*, *is*, *ai*, *eí*, *i*, que começou a operar-se no começo do seculo XV, tanto teve de dura ess'outra effectuada dois ou tres quartos de seculo depois, e que só o desejo de bem discriminar o Portuguez do Castelhana podia induzir os eruditos a fazer para peor! Assim grande é o desapontamento que se experimenta, quando se passa da prosa cheia e bella de D. Duarte e Azurára para á desharmoniosa e ensossa de escriptores, sem gosto, nem talento, como Ruy de Pina, e Damião de Goes, que parece que não tinhão ouvidos para saber arranjar menos corriqueiramente as suas phrases.

Nascêo Garcia de Rezende na cidade de Evora, e

de ~~nobre~~ origem, sem que se saiba ao certo nem a época de seu nascimento, nem a de seu obito, como acontece a respeito de outros muitos escriptores portuguezes. Calcula-se porem com plausivel fundamento que podia ter nascido em 1470, e fallecido em 1554.

Forão seus paes, segundo o senhor Castilho na noticia da vida deste auctor, Francisco de Rezende, cavalleiro no tempo de D. Affonso V, e D. Brites Boto. A ser elle porem irmão do celebre antiquario, André de Rezende, como pretende Barbosa, foi filho de Pero Vaz de Rezende e Leonor Angela Vaz de Góes. Até nisto ha incerteza; mas o senhor Castilho, com quanto mais moderno, que Barboza, parece bem informado do que refere, pois do contrario não se animaria a fazer semelhante alteração genealogica.

De mui pouca idade passou o auctor de moço da camara d'el-rei D. João II, em que fôra a principio empregado, para o serviço do principe D. Affonso filho do rei, quando a esse se poz casa em 1490. Fallecido o principe, tornou el-rei a chamal-o para junto de si, e o despachou seu moço da escrivanhia, emprego que equivale ao de secretario particular em nossos dias. Foi grande privado do rei seu protector que o amava por suas excellentes qualidades, dava-lhe as maiores provas de benevolencia, e de cuja inteira confiança gozou sempre. Tal era a conformidade e intimidade que existia entre ambos, que vivião juntos como bons amigos, e até dormião na mesma camara.

Estudos regulares não os teve, nem era possivel

tél-os sendo empregado mui joven no serviço particular do rei, mas supprio de certo o que lhe faltava nesta parte com a leitura, e natural viveza de engenho, porque si suas obras não dão testemunho de grande saber, revelão pelo menos um homem habituado a compôr, e mediocrementemente instruido.

Cultivou não só a historia e a poesia, do que nos deixou provas, mas tambem a musica e o desenho, em que foi insigne para o seu tempo, segundo referem seus biographos.

Em 1516 foi por el-rei D. Manoel nomeado secretario da embaixada que levou ao papa Leão X Tristão da Cunha com magnifica pompa.

Foi o instituidor do morgado da Anta que reverteo depois para a corôa por vago.

Nunca foi casado, mas teve alguns filhos naturaes de que rezão os nobiliarios, e por sobrinho a André Falcão de Rezende que poz em oitava rima as homilias do cardeal D. Henrique.

Eis o pouco que se sabe com certeza de um homem em quem el-rei D. João II depositou a maior confiança, e que continuou pelo seu character a ser honrado e estimado por el-rei D. Manoel, e el-rei D. João III.

Colligio e publicou Garcia de Rezende em 1516 o seu Cancioneiro Geral, ou colleccção de trovas de diversos auctores e suas, prestando com isso não pequeno serviço ás lettras.

Compoz a vida ou chronica d'el-rei D. João II, que é a sua obra de mais vulto, e outras de menos impor-

tancia como a «Entrada d'el-rei D. Manoel em Castella,» a «Idada infanta D. Beatriz pera Saboia», o «Sermão dos reis Magos» e a «Miscellanea em verso», as quaes andão de ordinario annexas á chronica nas diversas edições da mesma.

Forão as suas obras impressas pela primeira vez em Evora com privilegio em 1545 por Luiz Rodrigues. Suppõe-se ter sido esta edição feita em vida do auctor que a corrigio. Fizerão-se depois mais seis edições das mesmas obras das quaes a ultima, ou a septima, é de Coimbra, datada do anno de 1798, e feita na real officina da Universidade.

O principal merito de Garcia de Rezende como historiador é haver sido testemunha occular e intima, ou estar bem inteirado da mór parte dos factos que narra com singeleza e ingenuidade, muitos dos quaes não terião sem elle chegado ao nosso conhecimento, e descrever-nos miudamente os usos e costumes do tempo, si bem possa ser taxado de parcial pela grande veneração que consagrava ao rei, cuja vida escreveu. Quanto aos dotes do estylo, não prima por elles, porque o seu é simples, despido de ornato, e chegado á conversação familiar; a sua prosa não só não tem a harmonia da de João de Barros que é mais moderno, mas é menos numerosa que a d'el-rei D. Duarte e Azurára, que escrevêrão na antiga linguagem; na sua dicção notão-se ainda não poucos termos obsoletos, o que deve ser attribuido ao tempo em que escreveu. Assim não pode elle aspirar aos foros de

grande escriptor, mas unicamente de escriptor diligente, cuja leitura é tão curiosa, como instructiva.

O Senhor Alexandre Herculano diz deste auctor, «Que na Chronica de D. João II não vê mais que mesquinha collecção de historietas, onde apenas avultão algumas paginas com o supplicio de um nobre, o assassinio de outro, e o mysterio de um rei que morre, ao que parece, invenenado.»

O Sr. Castilho, «Que a vida de D. João II é escripta com singeleza, e conhecimento muito particular das cousas de que trata. Nunca se remonta a grandes eloquencias, nem despende erudições: mas como expressa tudo em termos claros e proprios, em estylo nunca mais alto que o de Chronica, e muita vez chegado ao da conversação, dá particular gosto a quem o lê, e de um folego se deixa levar até ao cabo.»

Em vista do juizo motivado do segundo litterato parece-nos demasiadamente rigoroso o do primeiro com um escriptor que não deixa de ter pelo menos o merito da veracidade, ou de achar-se bem informado de tudo quanto expõe, si bem que nem sempre saiba pelo estylo dar realce ao que diz.

Seja porem como fôr, ides vós mesmos julgar do merito deste auctor pelo capitulo de sua chronica que vos passo a ler. É o que trata do processo e execução do duque de Bragança.

XLVI

Logo ao outro dia depois da prisão do duque, el-rei man-

dou chamar ao duque de Viseu á casa da rainha sua irmã, e perante ella lhe fez uma falla, na qual o reprehendeu muito, dizendo-lhe que elle fôra sabedor de todas as cousas passadas, que o duque de Bragança e o marquez seu irmão contra elle quizerão commetter, e que se com rigor e justiça o quizerão castigar, cousas tinha sabidas d'elle, por onde com direito o poderia fazer. Porem, por ser filho do infante D. Fernando, seu tio, e por sua pouca idade, e pelo amor que sempre lhe tivera, e tinha, e principalmente por a rainha sua irmã, que elle sobre todas tanto estimava e amava, lhe perdoava tudo livremente, e dava por esquecidos quaesquer erros ou culpas que n'este caso tivesse, dando-lhe sobretudo tão virtuosos e verdadeiros conselhos e ensinios, que o infante seu pai, se fôra vivo, lh'os não pudera dar melhores; e o duque, por não ter escusas, nem replicas, sem fallar palavra alguma, lhe beijou a mão por tamanha mercê. E a rainha, que isto muito estimou, com palavras de grande amor e muita prudencia o teve em muita mercê a el-rei.

E para o caso do duque de Bragança, mandou el-rei vir a Evora todos os letrados da casa da supplicação, que então estava em Torres Novas, e foi logo dado por juiz o licenciado Ruy da Grã, muito bom homeni, e de muito bõa consciencia, e bom letrado; e por procurador d'el-rei o Dr. João d'Elvas; e por procurador do duque o Dr. Diogo Pinheiro, que depois foi bispo de Funchal, homem fidalgo, e de muito bõas lettras, e bom saber, e da creação do duque, e com elle Affonso de Barros, que era havido por um dos melhores procuradores do reino. Aos quaes el-rei mandou e encommendou que com muito cuidado e estudo procurassem e defendessem a causa do duque, que por isso lhes faria muita mercê.

Foi feito e dado o libello contra o duque, que logo proce-

deu com vinte e dois artigos, fundados naquellas cousas em que parecia elle ser culpado; os quaes pelo juiz lhe forão logo levados onde estava, e todos lidos, de que o duque mostrou logo alguma turvação; porque na substancia d'elles conheceu claramente que muitas cousas suas erão descobertas, que elle havia por muito secretas e escondidas. E depois de estar um pouco cuidadoso, antes de nada responder, encommendou a Ruy de Pina, que era presente, que fosse dizer a el-rei seu senhor, que aquellas cousas, e em tal tempo, não tinham replica mais propria de servo para senhor, nem que mais conviesse á sua grandeza, virtudes e piedade, que a que o propheta David disse a Deos no psalmo: *Et nom intres in judicio cum servo tuo, Domine, qui nom justificabitur in conspecto tuo omnis vivens*. E que quando isto, que a elle por todos respeitos mais convinha, não quizesse fazer, que então por sua dignidade, e por ser assim direito, lhe quizesse dar juizes conforme a elle, e que seu feito mandasse determinar a principes e duques, pois o elle era. E el-rei houve tudo isto por escusado, e mandou que todavia respondesse, e se livrasse por direito. E alem das cartas, instrucções e escripturas, que logo, para prova do libello, forão no feito offerecidas, se perguntárão pelos artigos d'elle estas pessoas por testemunhas. Convem a saber: Lopo da Gama, Affonso Vaz, secretario do marquez, Pero Jusarte, Lopo de Figueredo, Diogo Lourenço de Montemór, Jeronymo Fernandes, Fernão de Lemos, e João Velho de Vianna de Caminha: todos da creação do duque e de seus irmãos. Cujos testemunhos pareceu que fazião prova ao libello; nem havia a elles contradictas, nem lh'as recebêrão.

Foi o processo contra o duque acabado em vinte e dous dias, e nenhuma diligencia, que para elle cumprisse, foi ne-

cessaria fazer-se fóra da côrte. E para final determinação delle, forão por mandado d'el-rei juntos para juizes alguns fidalgos e cavalheiros do reino, homens sem suspeita, que com os letrados forão por todos vinte e um juizes. E tanto que o feito foi concluso, os juizes forão todos juntos em uma sala dentro do aposento d'el-rei, armada de pannos da historia, equidade e justiça do imperador Trajano. Onde se poz uma grande mesa, aparelhada como cumpria para o auto: era que de uma parte, e da outra, os juizes estavam todos assentados, e no tope d'ella el-rei. E junto com elle o duque, assentado em uma cadeira, a quem el-rei, em chegando a elle, e em se despedindo, guardou inteiramente sua cortezia e cerimonia. O qual veio alli duas vezes, em que vio ler o feito e pelos procuradores, de uma parte e da outra, disputar em grande perfeição os merecimentos do processo. E á terça-feira, em que publicamente se havião de reperguntar as testemunhas em pessoa do duque, el-rei o mandou chamar, e elle se escusou, e não quiz vir, dizendo a Ruy de Pina, que o foi chamar, estas palavras:

—Dizei a el-rei, meu senhor, que eu me confessei e comunguei hoje, e que agora estou com o padre Paulo, meu confessor, fallando em cousas de minha alma, e do outro mundo, e que essas, para que me chama, são do corpo, e d'este mundo, e de seu reino, de que elle é juiz, que as julgue, e determine como quizer; porque a ida de minha pessoa não é necessaria— e não foi.

E com esta resposta mandou el-rei logo despejar a sala, para sobre a final sentença tomar os votos dos juizes. Aos quaes, antes de votarem, fez el-rei uma falla, em que lhes encommendou o que devia, como virtuoso e justo rei, e isto com muitas lagrimas, que todos aquella noite lhe virão cor-

rer; porque cada voto, que cada juiz concludia na morte do duque, el-rei chorava com grandes soluços e muito triste. E no votar se detiverão dois dias, manhã e tarde, com a noite derradeira muito tarde, em que finalmente accordarão todos com el-rei, que na sentença poz o seu *passé*; que vistos os merecimentos do processo, conformando-se no caso com as leis do reino, e imperiaes, e com a pura e mui antiga lealdade que aos reis destes reinos de Portugal se devia sobre todos, accordarão que o duque moresse morte natural, e fosse na praça d'Evora publicamente degollado, e perdesse todos seus bens, assim o patrimoniaes como os da corôa, para o fisco e real corôa d'el-rei.

E acabada de assentar e assignar a sentença, tomou el-rei logo com todos assento sobre o que na execução della se havia de fazer. E aos vinte dias do mez de Junho do anno de mil e quatrocentos e oitenta e tres, de noite antemanhã, tirarão o duque dos paços em cima de uma mula, e Ruy Telles nas ancas apegado n'elle, e muita e honrada gente a pé, que o acompanhava com grande seguridade. E o duque em sabindo cuidou que o levavão a alguma fortaleza, e quando vio todos a pé, ficou muito enleado e triste. Foi assim levado a umas casas da praça, que parece cousa de notar: porque o dono d'ella se chamava Gonçalo Vaz dos baraços, e em Evora não se vendião senão em sua casa. Onde o duque conheceu a verdade, que logo claramente lhe foi descoberta pelo padre Paulo seu confessor, que o já estava esperando e lhe deu com muitos confortos e esforços a mui triste e desconsolada nova, a qual o duque recebeu com palavras de muita paciencia, e muito em si, como homem mui esforçado. E logo ahi fez uma cedula de testamento que elle notava, e um Christovão de Barros, escrivão, escrevia, na qual assignou com o padre

Paulo seu confessor; em que por descarrego de sua alma, declarou algumas cousas; principalmente pedio á duqueza sua mulher por mercê, e assim a seus irmãos, e encommendo a seus filhos por sua benção, e encommendou a seus criados, que todos, por o caso de sua morte, não tivessem odio nem escandalo contra alguma pessoa que lh'a causasse, nem muito menos contra el-rei seu senhor, porque em tudo o que fazia era verdadeiro ministro de Deos e mui inteiro executor de sua justiça. Porem não declarando se era ou deixava de ser culpado no caso por que morria.

Fallando muitas cousas, e fazendo em tal tempo algumas perguntas, como de homem mui accordado, e de grande esforço, e sobretudo catholico e bom christão.

E mandou pedir perdão a el-rei com palavras de muita humildade e de accusação de si mesmo, e pedio que, antes de padecer, lhe trouxessem o recado, como lhe fôra em seu nome pedido, e assim se fez.

E tanto que o duque entrou nas ditas casas, forão logo juntos muitos carpinteiros e officiaes, e com muita brevidade fizeram um grande e alto cadafalso quasi no meio da praça, e um corredor, que de uma janella das casas ia a elle, e no meio do cadafalso outro pequeno, pouco maior que uma mesa, mais alto com degrãos, tudo de madeira, coberto de alto a baixo de pannos negros de dó, e feito como havia poucos dias que a el-rei perante o duque disserão que se fizera em Paris outro tal, com tal cerimonia, a um duque que el-rei Luiz de França mandou degollar.

E no fazer do cadafalso e corredor que era grande, e no que mais era necessario se detiverão tanto que erão já mais de dez horas do dia, no qual tempo o duque, cansado e desvelado da noite, pela grande agonia em que estava, pedio de

heber, e sobre figos lampos bebeo uma vez de vinho. E em uma cadeira de espaldar, em que estava assentado, se affirma que se encostou e dormio um pouco. E acordado, tornou a estar com seu confessor, e disse que fizessem o que quizessem, que elle nada tinha mais que fazer. Vestirão-lhe uma grande loba, capello, e carapuça de dó. E atarão-lhe diante ao cinto com uma fita preta, os dedos pollegares das mãos. E em lh'os atando lhe disserão que houvesse paciencia e não se escandalisasse, porque assim era mandado por el-rei. E elle respondeu.

—Soffrêl-o-hei e mais um barço no pescoço, se sua alteza o mandar.

Sahio assim ao corredor por onde havia de ir ao cadafalso, e diante d'elle confessores e religiosos, com uma cruz diante, encommendando com devotas orações sua alma a Deos.

E quando vio o cadafalso, e da maneira que tudo estava ordenado, lembrou-lhe o que ouvira contar a el-rei sobre o duque que em Paris degollárão, e disse:

—Ah! como em França!

E nesta morte do duque o fez o conde de Marialva muito honradamente, que sendo meirinho-mór, e mandando-lhe el-rei que fosse estar com o duque, lhe pedio muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque antes perderia quanto tinha, que o fazer, porque era grande amigo do duque; e el-rei lhe conheceu de sua razão e o escusou e mandou servir de meirinho-mór a Francisco da Silveira, que ora é cou-del-mór. O qual, com muita gente d'armas, e elle ricamente armado, foi lá com vara de justiça na mão; e o duque, quando o vio assim, pezando-lhe, disse:

—Bem galante está Francisco da Silveira.

Foi com muita segurança até o cadafalso, que era defronte

da capella de Nossa Senhora, e em chegando se poz em joelhos; e com os olhos na imagem se encommendou com muita devoção a ella; e os religiosos, dizendo-lhe palavras para tal hora de muito esforço e grande confiança em Deos.

Mas elle foi sempre tão esforçado, tão inteiro na fé, e tanto em seu inteiro accordo, que pareceu que para sua salvação as não havia mister. E porque a gente principal do reino acudio toda a el-rei, era a praça tão cheia de gente d'armas, que não cabia nem pelas ruas, e a cidade toda em grande revolta, o confortarão muito que de vista de rumor tão espantoso não tomasse turvação nem escandalo; e elle respondeu: «Eu não me turvo nem escandaliso do que me dizeis; porque, se o posso ou devo dizer, Jesus Christo Nosso Senhor não morreu morte tão honrada.» E fallando com o confessor, perguntando-lhe se se lançaria, se subio ao outro cadafalso mais alto, d'onde todos o vião; e assentado n'elle com os olhos em Nossa Senhora, encommendando-lhe sua alma, chegou a elle, por detrás, um homem grande, todo coberto de dó, que lhe não virão o rosto; o qual se affirma não ser algoz e ser homem honrado, que estava para o justicarem e por fazer esta justiça em tal pessôa, foi perdoado: e com uma toalha de Hollanda que trazia na mão lhe cobrio os olhos; e com muita honestidade o lançou de costas, pedindo-lhe primeiro perdão, e acabado um espantoso pregão que um rei d'armas dizia, e dois pregoeiros em alta voz davão, o homem com um grande e agudo cutelo que tirou debaixo da loba, perante todos lhe cortou a cabeça.

E acabado de o assim degollar, se tornou á casa d'onde o duque sahira por o mesmo corredor, sem ninguem saber quem era; e o pregão dizia assim:—Justiça que manda fazer nosso senhor el-rei! manda degollar D. Fernando, duque que

foi de Bragança, por commetter e tractar traição, e perdição de seus reinos e sua pessoa real.

El-rei tinha mandado que, tanto que o duque fosse morto, tocasse o sino de S. Antão; e estando el-rei com poucos, ouviu tocar o sino; e em o ouvindo levantou-se da cadeira e pôz-se em joelhos e disse: «Rezemos pela alma do duque que agora acabou de padecer, e isto com os olhos cheios de lagrimas: e assim em joelhos esteve um espaço, rezando por elle e chorando. E certo o duque recebeu a morte com tanta paciencia, tanto arrependimento e contrição de seus peccados, tanto esforço, e em tudo tão achegado a Deos, que muitos se maravilhãõ de tão santamente morrer, porque em sua vida não era havido como na morte mostrou; antes por homem muito mettido nas pompas e cousas deste mundo, mais que nas do outro; esteve assim o corpo do duque publicamente no cadafalso á vista de todos por espaço de uma hora, e d'alli, sem dobrarem sinos nem haver choró, o cabido da sé, com a clerezia da cidade, com suas cruces e muitas tochas acesas, o levãõ honradamente ao mosteiro de S. Domingos, onde foi suterfado na capella-maior. E na côrte não tomou pessoa alguma dó por elle, salvo el-rei; que esteve tres dias encerrado, vestido de pannos pretos com capuzes cerrados e barrete redondo.

Não ha hi procurar bellezas de estylo, porque as não encontrareis, nem tão pouco reflexões da parte do auctor que as não faz, mas a veridica, nua e singela exposição dos factos sem a menor omissão de circumstancia alguma attendivel, que é o que mais importa ao historiador. Notai sobretudo como n'um processo baldo de provas, para a condemnação do

duque pelo menos á pena capital, n'um processo em que D. João II não só negou ao duque o julgamento por seus pares, mas escolheu os juizes, e influio no animo delles, assistindo á todas as suas sessões, o auctor bem longe de carregar o quadro em desabono do duque, faz pelo contrario sobresahir a dignidade com que este sempre se houve, o grande esforço e coragem que mostrou no passo extremo, e o como nos conservou religiosamente as suas palavras em tudo de um christão, e de um principe; de modo que o duque fica superior ao rei que soluçava ao proferir do voto de cada juiz, mas que confirmou a sentença, e não perdoou como podia e devia fazer. Que mais se podia exigir de um escriptor que foi creatura e amigo particular de D. João II? Rezende pois parece-nos irreprehensivel como historiador, e até digno de louvor pela isenção com que relata factos desta ordem, sem omittir circumstancia alguma que possa dar relevo á nobreza de character da victima.

Por outro lado a mesma narração do tragico successo, tão circumstanciada e isenta, como singela e despida de ornato, é ainda sem commentario algum a maior censura que se podia inflingir ao procedimento do rei, cuja inteireza e piedade se pretende aliás pôr em relevo; porque dá largas ao leitor a fazer todas as reflexões que o auctor não faz, e avaliar ao justo as frequentes lagrimas desse principe que assassinava juridicamente o duque, organisando-lhe um processo informe com juizes creaturas suas, que todos votavão

sem discrepar a *morte*, e em cuja sentença elle sem hesitar punha o seu terrivel *passé*, não obstante os soluços, levando a tragicomedia á ponto de orar chorando pela alma do duque, de cuja morte esperava aviso do sino de S. Antão; e pôr luto por elle encerrando-se tres dias em sua camara ! O auctor em sua ingenua simplicidade de chronista descreve-nos, sem o pensar, em D. João II um Luis XI de França, a quem o rei portuguez, si se assemelhava em crueza e hypocrisia, era aliás mui superior em firmeza e grandes rasgos patrioticos. Sei que a nobreza achava-se então mui altanada, mas nada justifica esta justiça perentoria e apaixonada, que deo depois occasião á conjuração real do duque de Viseu que o rei matou á punhaladas. Que tempos !

É em summa Rezende um escriptor digno de apreço, ou se attenda ás curiosas noticias que nos dá da côrte d'el-rei D. João II, do character e vida intima do rei, e dos costumes do seu tempo, ou á ancianidade de seus escriptos, que são por antigos objecto de estudo para o philologo. A sua falta de elegancia e de elevação no estylo tem escusa seja na carencia de estudos regulares, seja no proprio genero de composição, a que o auctor deo com muita propriedade o titulo de vida de D. João II, e que seus editores baptisarão depois com o de chronica, transformando-o de biographo em chronista !

Assim escolhi este auctor para analysar, não por que seja um escriptor de primeira ordem, pois é ao

contrario bem mediocre, mas pela mesma razão por que escolhi á D. Diniz, e á Sá de Miranda, ou por sua antiguidade, e ainda porque tanto elle como o ultimo escrevêrão em uma época de modificação para a lingua, e por conseguinte para a prosa e para a poesia. Auctores taes não tem, para bem dizer, merito intriseco, mas unicamente o da época que representam, e de cujo valor litterario devemos ter perfeito conhecimento, para poder bem apreciar as subsequentes em seu progresso.

Tendo apreciado o chronista ou antes biographo de D. João II, farei hoje aqui ponto, para occuparme nos seguintes discursos com a «Menina e Moça» de Bernardim Ribeiro, e as comedias de Sá de Miranda, ultimos prosadores deste periodo litterario.

LICÇÃO XVI.

Tendo apreciado como poeta á Bernardim Ribeiro, de cuja vida vos dei noticia abreviada na licção decima, vou hoje, Senhores, analysal-o como prosador, ou auctor do romance «Menina e Moça,» o primeiro que se escrevêo em Portuguez, visto que Vasco de Lobeira compoz em Galego a sua «Historia de Amadis de Gaula» no principio do seculo XIV, quando o Galego era ainda reputado idioma mais perfeito que o Portuguez para taes assumptos ¹. É Bernardim Ribeiro um escriptor do primeiro quartel do seculo XVI, segundo já ficou dito. Como poeta foi contemporaneo de Gil Vicente, que devia têl-o conhecido, posto fosse mais moderno, e como prosador o foi de

¹ Não nos consta que exista exemplar algum desta obra em Portuguez em parte alguma.

Garcia de Rezende, a quem é superior na harmonia da phrase e belleza da dicção, ou em tudo o que respeita aos dotes do estylo.

Como obra antiga a «Menina e Moça» é ainda um documento precioso para o philologo avaliar as modificações, por que passou o Portuguez do penultimo quartel do seculo XV ao primeiro do seculo XVI, pois é talvez anterior á chronica de D. João II, sendo que Garcia de Rezende só tirou alvará de licença para a impressão della em 1536, provavelmente pouco depois de a ter concluido; como obra de arte não deixa de ter merito, principalmente si se attender que é a primeira do seu genero em lingua portugueza, e se acha escripta em estylo elegante.

A «Menina e Moça» é um romance de cavallaria de invenção complicada, dividido em duas partes, e todo cheio de incidentes nascidos uns dos outros, mais ou menos interessantes ou maravilhosos, segundo o gosto das composições desta natureza, então muito em moda na Europa. Como simples romance de cavallaria contém passagens admiraveis, e descripções bellissimas, mas é um pouco monotono pela pouca variedade dos incidentes, muitos dos quaes se assemelham, pois consistem no desaggravo de damas offendidas, e porque o amor é o eterno assumpto de todos elles. Encarada, porem debaixo de outro ponto de vista a obra parece toda uma longa allegoria, de que o auctor se reservára a chave, sendo que até os nomes proprios são anagrammas de nomes conhecidos no seu tempo, e temeridade:

fôra avaliar o seu merito intrinseco só pelas apparencias mais de tres seculos depois.

E' fama conservada nos escriptos de auctores posteriores que o poeta, segundo referi em sua biographia, concebêra uma paixão sem esperança, ou impossivel, como dizem os Francezes, pela infanta D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manoel, e depois duqueza de Saboia e que á essa paixão, correspondida ou não, se devem a môr parte das allegorias do seu romance, que são para nós verdadeiros enigmas. Assim não entrarei no segredo da invenção, ou nos misterios das allegorias, cujas explicações satisfatorias só o auctor nos poderia dar; analysarei a obra unicamente n'aquillo que está ao alcance de todos, porque é justamente o que pode ser hoje do dominio da litteratura.

Com ser um poeta de muito merito, é Bernardim Ribeiro talvez ainda melhor prosador que poeta, porque a sua prosa é muito numerosa, elegante, e pitoresca, a ponto de nada deixar a desejar nesta parte. Como prosador só tem um defeito, que lhe é commum com João de Barros, e ainda com Frei Luiz de Souza, os longos e frequentes sentidos intercalares, ou orações incidentes de entre-parenthesis, que lhe tornão por vezes o estylo empeçado e fatigante. Estes sentidos extranhos ao periodo, entre-sachados nelle quasi sempre a martello, devem evitar-se com cuidado, por que contribuem para lançar obscuridade no discurso, cuja primeira virtude é a clareza.

O seu romance, não obstante a monotonia aponta-

da, e algumas repetições escusadas, inspira vivo interesse ao leitor pela curiosidade que nelle sabe despertar o auctor, multiplicando os incidentes; e prima sobretudo pelos dotes do estylo que, postos de lado poucos descuidos, é de uma elegancia sustentada, e tal, que nenhum dos outros prosadores do seculo XVI, a não ser João de Barros que é aliás mais moderno, leva nesta parte a palma ao nosso romancista. A multiplicidade de incidentes, que parecem afogar a acção principal, creando outras muitas acções, é defeito commum a todos os romances de cavallaria, e até ao mesmo «Orlando Furioso» do celebre poeta Ariosto; que é em tudo o mais um poema admiravel. Um romance desta natureza é uma verdadeira galeria de quadros ou historicos, ou epicos, ou dramaticos, mais ou menos artisticamente ligados.

Mas si a obra não prima pela invenção; porque o poeta quiz involver os seus amores em impêntravel misterio, é bella e primorosa na execução; como vós mesmos podereis julgar pelo que della vos passo a ler:

Eis o capitulo II da primeira parte; e os XII e XXIII da segunda:

II

Neste monte mais alto de todos (que eu vim buscar pela sua vidade differente dos outros que n'elle achei) passava eu a minha vida como podia; ora em me ir polos fundos valles que os cingem derredor, ora em me pôr do mais alto delles olhar

a terra como ia acabar ao mar; e depois o mar como se estendia logo apos ella, para acabar onde o ninguem visse. Mas quando vinha a noite accepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pouzos; umas chamarem as outras; parecendo que queria assossegar a terra mesma; então eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa (onde Deos me é boa testemunha de como as noites dormia). Assim passava eu o tempo, quando uma das passadas pouco ha, levantando-me eu vi a manhã como se erguia fermosa, e se estendia graciosamente por antre os valles, e leixar inda os altos. Cá o sol, já levantado té os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorear da terra. As doces aves batendo as azas andavam buscando umas ás outras; os pastores tangendo as suas frautas, e rodeados dos seus gados, começavam assomar polas comiadas:

Para todós, parecia que vinha aquelle dia assim ledó: os meus cuidados sós vendo como vinha seu contrario (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos; pera quanto prazer e contentamento podera aquelle dia vir; se não fora tudo tão mudado; donde o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, pera o que tinha a ventura ordenado, me começassem de entrar pola lembrança de algum tempo, que foi e que nunca fora, senhorearam-se assim de mim que me não podia já sofrer a par de minha casa, e desejava ir-me por logares sós, onde desabafasse em suspirar. E inda bem não foi altó dia quando eu (parece que assinte) determinei ir-me pera o pé deste monte, que d'arvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras é cheio; per onde corre um pequeno ribeiro de agoa de todo o anno, que nas noutes calladas, o rogado delle

faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono; onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas; e onde muitas infinitas as torno a beber. Começava então de querer cahir a calma: e no caminho com a pressa por fugir della, ou pola desventura que me levava a mim, tres ou quatro vezes cahi alli: mas eu (que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquello¹ em que parece que Deos me queria avizar da mudança que depois havia de vir. Chegando á borda do rio, olhei pera onde havia melhores sombras: pareceram-me as que estavam alem do rio: disse então que naquello se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver: porque não se podia ir alem sem se passar a agua que corria allí mansa, e mais alta que na outra parte. Mas eu (que sempre folguei de buscar meu dano) passei alem, e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo, que pera baixo um pouco estava; algumas das ramas estendia per sima d'agua, que allí fazia tamalavez² de corrente, e impedida de um penedo que no meio della estava, se partia pera um, e outro cabo, murmurando. Eu que os olhos levava alli postos, comecei a cuidar que tambem nas cousas que não tinham entendimento havia fazerem-se nojo umas ás outras. Estava dalli aprendendo tomar algum conforto no meu mal: que assim aquelle penedo estava enojando aquella agua que queria ir seu caminho (como minhas desaventuras do outro tempo soham fazer a tudo o que eu mais queria, que já agora não quero nada) e crecia-me daquello um pezar; porque a cabo do penedo tornava a agua

¹ *Aquello*, aquillo: é terceira terminação do antiquado, *aquel*, *aquelle*.

² *Tamalavez*, um pouco; adverbio por nome.

a juntar-se, e ir seu caminho sem estrondo algum, mas antes parecia que corria alli mais depressa que pola outra parte: e dizia eu que seria aquello por se apartar mais azinha daquelle penedo, imigo de seu curso natural, que como por força alli estava: não tardou muito que estando eu assim cuidando, sobre um verde ramo que por sima da agua se estendia, se veio pousar um roussinol. Começou a cantar tão docemente que de todo me levou a pos si o meu sentido de ouvir. E elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia, que como cansado, queria acabar; senão quando tornava como que começava. Então (triste da avezinha) que estando-se assim queixando, não sei como se cahio morta sobre aquella agua. Cahindo por entre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella. Pareceu aquello sinal de pezar naquelle arvoredor de caso tão desestrado. Levava apos si a agua, e as folhas apos ella, e quizera a eu ir tomar: mas pola corrente que alli fazia, e polo mato que d'alli pera baxo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista. O coração me doeu tanto então em ver tão azinha morto quem dantes tão pouco havia que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas. Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa me não pareceu a mim que assim chorasse de vontade: mas em parte este meu cuidado não foi em vão; porque inda que a desaventura daquelle aveziinha fosse causa de minhas lagrimas, lá ao sahir della foram juntas outras muitas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assim embargada dos meus olhos, antre os cuidados que muito havia que me tinham já então, e ainda terão te que venha o tempo que alguma pessoa estranha de dó de mim com as suas mãos serre estes meus olhos, que nunca forão fartos de me mostrarem magoas de si. E estando assim olhan-

do pera onde corria a agua, ouvi bulir o arvoredo. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo: mas olhando pera alli vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os olhos vi que era de corpo alto, desposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo; e vestida toda de preto; no seu manso andar, e meneos seguros de corpo, e do rosto, e do olhar parecia d'acatamento: vinha só; na semelhança tão cuidadosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto; os seus pés trazia per entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por ellas. E entre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colhia um cançado folgo, como que lhe queria falecer a alma. Sendo acerca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (á maneira de medo de mulher) um pouco, como que vira cousa desacostumada, ficou, e eu tambem assim estava; não do medo, que a sua bôa sombra logo m'o não consentiu, mas da novidade daquello que ainda alli não vira havendo muito que por meu mal tinha continuado aquello lugar, e toda aquella ribeira. Mas não esteve ella muito, que parece conhecendo tambem como estava com uma boa sombra, começou a dizer (vindo contra mim). Maravilha é ver donzella em ermo; depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu (e dahi a grande pedaço mesturado já com lagrimas, disse) filho. Depois tirando um lenço começou alimpar o rosto, e chegar-se pera onde eu estava. Alevantei-me eu então, fazendo-lhe aquella cortezia, que me ella com a sua, e com sigo mesma, obrigava. E ella: O descostume grande (me disse) que ha grande tempo que vivo neste ermo de ver pessoa alguma, me faz senhora desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que vieste a fazer, fermosa, e só. Eu que um pouco tardava em lhe responder,

pola duvida em que estava do que lhe diria (parece-me que entendendo-me ella) a mim podereis dizer tudo me tornou, que eu sou mulher como vós, e segundo vossa presença vos devo ainda ser muito conforme; porque me parece (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste, que vossos olhos tem vossa fermosura desfeita, e ao longe não se enxergava. Pareceis vós logo ao longe (respondi eu) o que sois ao perto: e não vos saberia negar cousa em que de mim vos servisseis, que os vossos trajos, e tudo o que vos eu olho, vem cheio de tristeza, cousa a que eu sou á muito tempo conforme: e por que posso mal encubrir o senhorio que eu mesma ás longas magoas sobre mim tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradecer quererdes saber de mim o que quereis, pera ser ao menos meu mal escuitado algum hora. Pois dizei-mo (me tornou ella) que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é tambem de me obrigardes; mas assim me pareceis vós, que de vos ser obrigada folgo muito ainda. Satisfazendo-lhe eu então, disse: Fui uma donzella que neste monte da banda d'alem deste ribeiro pouco ha que vivo, e não posso viver muito; noutra terra nasci, noutra de muita gente me criei, donde vim fugindo pera esta despoitada de tudo, senão de só as magoas que eu trouxe comigo. Este valle per onde correm estas aguas claras que vedes, os altos arvoredos de espessas sombras sobre a verde erva, e flores, que por aqui apparecem, e a seu prazer se estendem, ribeiras desta agua fria, doces moradas, e pouzos das sós delectosas aves, são tão conformes a meus cuidados, que o mais do tempo (que o sol assegura a terra) passo aqui, que em que ¹ me vejais só, acompanhada estou. Muito ha que tenho

¹ *Em que*, bem que.

andado este caminho: nunca vi senão agora a vós. A grande saudade deste valle, e de toda esta terra por aqui derredor, me faz ouzar vir assim mulher (fermosa bem vedes já que não) e pois não tenho armas pera ofender, pera me defender já pera que me seriam necessarias? A toda parte posso já ir segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo que elle não vá após amim. Agora dantes estava eu aqui só (olhando pera aquelle penedo) mas tirando eu então dalli, como estava anojando aquella agua (que queria ir seu caminho) ante os meus olhos sobre aquelle ramo que a cobre, se veio pôr um roussinol, docemente cantando; de quando em quando parecia que lhe respondia outro lá de muito longe. Estando elle assim no melhor do canto cabia morto sobre aquella agua, que o levava tão azinha, que o não pude eu ir tomar. Camanha magoa me cresceu disto, que me acordei de outras minhas, de que tambem grandes desastres causa foram, e levaram-me onde me eu tambem não podia ir tomar. A estas palavras se me arrasaram os olhos dagua, e fui com as mãos a elles. Isto senhora fazia quando vós apparecestes, e o faço as mais das vezes; porque sempre eu choro, ou estou pera chorar. Eu que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco cuidando como lhe perguntaria outro tanto della: maiormente da causa que foi das suas lagrimas (quando não pode senão muito tarde dizer: filho). Ella cuidando que pola ventura eu não queria dizer mais, disse: Bem se vê nisso, senhora, que sois doutra parte, e ha pouco que estais nesta, pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma historia muito fallada nesta terra por aqui derredor, muito ha que aconteceo; lembra-me menina, e ouvi-a já então contar a meu pai por historia; agora inda folgo de cuidar nella polos grandes acontecimentos e desaventuras

que nella houve. E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber pera o sofrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade, pois parece ainda que a não ouvistes, vola contarei; que segundo entendo devem-vos dar prazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis. O soí (lhe respondi eu) vai alto, e eu folgaria muito de a ouvir, pola ouvir a vós, e depois por saber como não busquei em balde esta terra pera minhas tristezas, pois tanto ha que se costumam nella. Outra cousa senhora vos quizera eu agora perguntar; mas fique pera depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a historia dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia. Os dias são agora grandes (me tornou ella) e não poderão elles nunca ser tão pequenos, que vos eu a todo meu poder não fizesse a vontade nelles; assim sou senhora pagada de vós: mas olhai o que quereis antes. Porque é cousa em que vós folgais ainda agora de cuidar (lhe respondi eu) não pode ser pouco pera desejar d'ouvir: fique o que eu dantes quizera pera depois, ou pera sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui, que não folgarei de ouvir a historia, porque esto ¹ podera ser se não fora de tristezas pera que eu vou achando já agora o tempo curto, tanto folgo com ella; por isso confai-a, senhora, contai-a, pois é de tristezas; gastaremos o tempo naquello pera que me parecee que vol-ó deram, a vós, e a mim.

XII.

Depois, pera vós verdes como cousa nenhuma é incuberta

¹ *Esto*, isto: é terceira terminação antiquado de, *este*.

ao longo tempo, se soube a historia delle, e juntamente della: e foi desta maneira. Parece que a sua desaventura de Avalor (que assim lhe chamava eu) deu com elle pera aquella banda pera onde era levada a senhora Arima, que esta nossa seria então: e onde sobre o mar se impinava um erguido rochedo, veio, naquelle pequeno barco, aportar a manhã do outro dia, antes de romper a alva: e ao rugido grande das ondas que o mar com furioso impeto quebrava na penedia daquella alta rocha, se acordou Avalor se seria aquillo terra: e attentando pera bem se afirmar, ouviu uma voz dorida como de donzella, que dentre aquelles penedos parecia sahir, dizendo: Mesquinha, coitada, triste de mim ! Afirmon-se elle com isto, que era terra; e posto que logo aquella voz o movera á paixão, com tudo porque elle trazia consigo outra mór, que o havia mister por então, mas foi-se-lhe afigurar que era aquella terra donde saira; e dispondo-se o melhor que pôde, como menencório de si, e de sua ventura, tornou a tomar os remos com aquellas mãos, que já naquella viagem eram feitas em empolas muitas vezes, outras tantas as empolas desfeitas em vivo sangue; mas por muito que Avalor trabalhou nunca pôde vingar as ondas, que o chamavam a terra, e eram já quando se elle acordou apoderadas do barco; e não o vendo elle; pola occupação que consigo, e com os remos, trazia, não se precatou senão quando uma alta onda, que a elle, e ao barco todo de escumas encheu, e deu com elle ao tra vez de uns penedos que em diversas partes o espedaçaram. Santa Maria, vale-me, dizia elle: e acordadamente lançou mão de um penedo, que ao mar sobejava com um tamalavez. E a agoa fazendo um estrondo medonho se espalhou indo per antre aquella penedia; e parte della quebrando naquella alta rocha as aguas do mar lançou pera o Ceo; e da força, ou re-

verberação do ar, ou do que quer que era, se faziam candeas; e nisto em breve espaço se tornou a recolher aquella agua pera o mar que a esperava, vindo já de lá do pego encarapelando-se como quem se armava pera se vingar daquelles penedos que lhe faziam estorvo ás suas aguas. Mas posto que já rompia a alva, e luz e tempo tivesse Avalor pera ver tudo e guardar-se, elle não no fez assim; nem se alembrou tão só de o fazer, que era ainda mais: antes como a agua o desoccupou, virando os olhos descontra o longo mar, que com a claridade da luz os podia bem estender quanto podia com a vista annevoada, dizem que disse assim: E de tanto mar cansado, tanto sobeja ainda do mar? E aqui occupado ainda da paixão, desejando parece acabar já, vendo as ondas outra vez comsigo, soltou as mãos do penedo, dizendo: Pois o corpo é sem ventura não quero que tolha mais o caminho á alma? E assim se entregou todo ás aguas do mar, donde Avalor cuidára morrer; e agua deu prestamente com elle por um enseio que por uma parte daquelle rochedo se fazia, e espraiva logo com a maré: e recolhidas que foram as aguas, se ficou elle ahi deitado naquelle areal per um grande espaço havendo-se por morto: porque com a descende da maré, que já então era, não tornou mais chegar o mar a elle. Contando elle isto a um seu grande amigo, dizem que lhe dizia, que nunca tão contente se achára, parecendo-lhe que andava lá com a senhora Arima, ouvindo-lhe fallar aquellas fallas, que parecia dizerem-se pera sempre, e via-lhe aquelle mover de sua boca, que só aos olhos delle n'outro tempo fizeram presumpção de serem tão mortaes; e ahi olhava os seus della, como docemente se estavam á sombra daquellas sobranceiras, onde parecia só que descansando-se estava o amor. Mas estando elle nesta deleitosa maginação, tornou a ouvir aquellas palavras doridas que

dantes ouvira: e a ellas abrindo os olhos, viu como estava já o mar arredado d'elle, e achou-se vivo: polo que disse mal muitas vezes a quem lhe houvera inveja a descanso camanho. Não podia cuidar que seria aquello, porque sobre ser tão sem ventura, inda havia maneira per onde podesse viver; e olhando os penedos donde viera, ou onde o trouxeram, muito mais se maravilhava, que era longe. Cercado assim desta fantasia, ouviu como algem fallar-lhe de dentro dos ouvidos, dizendo: E não te acordas Avalor, que o mar não suporta nenhuma cousa morta? Olhou elle então se via a quem lhe aquello dizia tão pegado á orelha: e não vendo ninguem lhe tornou outra vez fallar assim: Que queres ? embalde com os olhos trabalharás por me ver. Se eu não quizesse queria-te perguntar que é isso que me disseste, que de não sêr assim como dizes me peza a mim. Quem sou, lhe respondeu, seria detença grande pera ti, que tens muito pera andar, que pera mais longe vás do que cuidas: o que te disse é verdade, porque não viver, ser morto é.

XXIII.

Des que Avalor se partio daquelle logar, onde aquella sombra lhe appareceu, nunca de seu pensamento lhe sahiu, que aquello poderia ser Arima: antes lhe ficou tão assentado nelle que o era, que por muitas vezes determinou tornar ahi fazer sua habitação. Mas quem sua vida passa em tantos receios não pode ter tão livre juizo que tome consigo determinação certa. Assim Avalor em suas tristezas não achou outro melhor remedio que seguir o que sua ventura lhe ordenasse, porque a que esperava não poderia sêr menos triste que a passada. Posto elle em seu caminho, tendo naquelles dias andado mui-

ta parte, veio ter já sobre tarde (quando as aves se começam a recolher, vindo a seus costumados pouzos) a um valle de mui grandes, e frescos arvoredos, e assaz deleitosos pera quem o cuidado trouxera menos magoado: vendo-se naquelle logar, parece que por fazer menos o trabalho, ou mais verdadeiramente a dôr, se assentou ao pé de uma alta e verde faya, por desejar ouvir socegradamente uns roussinoes, que já de muito antes á entrada do valle ouvira estar cantando. Estando elle assim enlevado naquella melodia, lhe parecia que em sua maneira de tanto lhe annunciavam vir-lhe naquelle dia algum contentamento, que o fizesse menos cansado, do que seus cuidados o traziam. E como a elle nenhum bem lhe durasse muito, parece que a este pequeno descanso lhe houve a fortuna ainda inveja, ou não quiz consentir que o elle tivesse, polas muitas desaventuras que inda tinha por passar. Não se tardou muito que no mais baixo do valle não ouvisse uns grandes e doridos gritos. Espantado elle por em logar tão apartado de conversação de gente ouvir gritos de pessoa racional, não sabia que se dizer: e por mais se certificar no que seria se levantou, e pôz o sentido prompto nisso (tendo-o elle bem longe d'alli) por vêr se tornaria a ouvir aquelles gritos; senão quando ouviu dizer mais brandamente: Dessemparada, triste, coitada de mim, que desaventurada foi hora a minha que a tal desterro me trouxe. Achando isto calou-se, chorando, e gemendo tão doridamente que movia a quem a ouvia a sentir sua tristeza. Foi rijo pera aquella partê, o mais apressadamente que ser podia, por lhe poder valer em sua necessidade: porque logò lhe pareceu que sua ajuda seria necessaria. Chegada que foi a ella, e vendo-a mulher, e assaz bem parecida, lhe disse (como espantado de tamanha novidade): Que ventura foi esta, senhora, que vos trouxe em

parte tão só: mal haja a desventura que tão mal soube repartir com vossa fermosura, que vós pera outra coisa devíeis nascer, mas eu não sei verdadeiramente onde estes desconcertos do mundo hão de ir ter. Vejo-vos moça, merecedora de viver acompanhada e servida. Ella com grande prazer que sentiu naquelle soccorro, não lhe pode responder; e tambem o modo de mulher lho tolheu; nem a fraqueza sua lho consentia, inda que muito o quizera fazer. E vendo Avalor o extremo em que era posta, se chegou a ella; tomando-a em seus braços a assentou naquella fresca e verde herva, pedindo-lhe muito quizesse esforçar, que Deos lhe daria remedio pois lho mandára a tal tempo: accrescentando mais: E se alguma cousa que vos de mim cumpra vos pode fazer leda (disse elle) não sinto nenhuma que não faça por vos servir. Rendeu-lhe ella as graças por camanha mercê, dizendo: Ainda que veja, senhor cavalleiro, que ordem de cavalleria vos obrigue a socorrer muitas tristezas, tambem conheço que pera alcançar eu de vós o dom que vos hei de pedir, o muito que fallece pera vol-o merecer. Mas eu terei nisso mais respeito a vossa muita virtude e nobreza, que a meu pouco merecimento; porque não poderá elle nunca ser tanto, que maior não seja a razão porque o fizer. Lá eu, senhora, (disse Avalor) não poderei leixar de conceder tudo; mas se é porões á risco cousa em que vos vá vosso contentamento, não sei quão acertado seria consentir eu que em mim o leixasseis; porque pessoa tão sem ventura mal pode nenhuma outra acabar com honra. Por isso vos quiz dar antes este aviso de mim; porque depois, se a fortuna me não leixar cumprir com vossa vontade, é com o que tenho de vos servir, vos queixois della mais que de mim. E não vos pareça que o tomo por escusa, porque eu das tristezas aprendi socorrer a ellas. Por isso peço-vos muito que das vossas me

digaes, e quem foi causa daqui virdes ter; porque essa fermosura não era pera possuirem serras. Ainda que minha fraqueza (disse ella) me defenda não vos dar de mim tão larga conta como quizera, vos direi alguma parte de minha triste vida, pera que saibaes quanta razão tive pera me não achardes viva; porque verdadeiramente, segundo as cousas della são desarrezoadas e graves, me faz ainda parecer que a fortuna quiz uzar comigo algum modo de piedade, em não querer que eu assim a perdesse. Porque, posto que de tão triste fim recebesse contentamento, conheço que se não hade ter respeito a proveito donde se fica perigo pera algumas; e pois a Deos lhe aprouve trazer-vos a tempo que me podesseis valer a camanha perda, sem razão seria não conhecer eu o muito que vos por isso deva. E por tanto me não quero deter; mas dizer-vos brevemente o que me pedis.

Notai, senhores, em primeiro logar o numero, ou antes a muzica dessa bella prosa poetica, tão harmoniosa e cheia, que em nada cede á bella prosa do arcebispo de Cambray no seu Telemaco, si é que lhe não leva vantagem. Admirai depois as graciosas, naturaes e bellissimas descripções, antes pinturas, da manhã saudada pelo cantar das aves, do erguer do sol, do selvatico e grandioso do monte, da fresquidão das aguas murmurando sombreadas de arvoredos e orladas de verdura, do canto do rouxinol e de seu triste fim, da angustia da donzella que não pode salvar a avesinha, e do encontro inesperado da dona que não desviava os ramos senão quando lhe ferião o rosto, e cujo vestido arrastava pelas ervas. Attentai na pun-

gente melancholia que transpira das palavras da donzella e da dona, e a que parece harmonisar-se tão bem a natureza do sitio, e a tragedia do passarinho. Notai por fim o arrojado das prosopopeas «o sol levantado até aos peitos,» «a calma que cae»; e confessareis que Bernardim Ribeiro é um grande pintor, ou um grande poeta em prosa, e o maior pela ventura da lingua portugueza, guardada a differença dos tempos, e dos assumptos.

Si porem gostais do terrivel e assombroso, vêde como impressiona pela viveza das imagens a angustiosa descripção do fragil baixel de Avalor despedaçando-se n'um rochedo a cuja ponta se agarra o misero naufrago, que é por fim arrebatado pela violencia das ondas, elançado semivivo sobre a praia de uma enseada visinha. O quadro não pode ser mais afflictivo e dilacerador. Notai agora como ao pensamento de Avalor em tal estado se apresenta a encantadôra imagem de Arima toda radiante de formosura, offerecendo um contraste do mais bello effeito com o terrivel do primeiro quadro. Que admiravel talento para descrever! Como o romancista, ou antes o poeta, se mostra conhecedor do coração humano! Os traços lançados na descripção deste naufragio são todos de mão de mestre. Razão pois tinha Camões, segundo referem os biographos mais instruidos de suas cousas, de fazer de Bernardim Ribeiro o seu auctor favorito, porque havia nelle muito que aprender, seja como pintor da natureza, seja como interprete do sentimento.

Quereis emfim uma bella amostra da simples narrativa, cheia de impressões agradaveis ou tristes, contrapostas umas ás outras, ahi a tendes nesse capitulo ultimo. Notai como nelle á descripção do aprazivel valle, em que Avalor se deleita a ouvir cantar os rouxinoes, succede o caso triste da donzella abandonada que brada por soccorro, e a pratica cortez entre o cavalleiro e a lastimada. Attentai sobretudo no artificio com que o auctor reserva a explicação do aggravamento feito a tão formosa dama para o capitulo seguinte, afim de excitar a curiosidade do leitor. Depois que fluidez, que naturalidade no estylo, accommodado em tudo ao assumpto ! Como é magistralmente imitada a passagem de Virgilio: *Non ignara mali, miseris succurrere disco*, pela seguinte:—E não vos pareça que o tomo por escusa, porque eu das tristezas aprendi a soccorrer a ellas—Impossivel é desconhecer que a penna do romancista é uma habilissima penna.

Admiravel na execução é em summa Bernardim Ribeiro um prosador de primeira ordem, e o melhor do seu tempo, porque não tem rival nos dotes de estylo, por que sobresahe, senão em época posterior, ou quasi meio seculo depois, em João de Barros, ou no *Clarimundo* deste auctor. Reune ainda a esse o merito de ser o introductor da prosa poetica na litteratura portugueza, que aliás enriquecêo com o primeiro romance de cavallaria em lingua vernacula. A sua obra que, apesar de antiga pode servir de modelo em belleza de dicção, contem ainda alguns termos

que depois cahirão em desuso, mas não tantos como a chronica de D. João II por Garcia de Rezende.

Entretanto, *esso, esto, aquello*, tão repetidos neste auctor, revelão na sua «Menina e Moça» antiguidade, senão superior, pelo menos igual á da chronica citada, em que se nota com mais frequencia o bafio dos termos obsoletos, ou os *fetores verborum* do judicioso Horacio. Mas o romancista que levava grande vantagem ao chronista em talento e gosto, sabia melhor que este repellir os termos baixos, e escolher os proprios para dar relevo ao estylo. Um e outro dão-nos certamente a linguagem do seu tempo; mas a differença entre os dous é esta; o romancista dá-nos a culta, o chronista a vulgar. Só o grande escriptor sabe depurar a lingua das fezes grosseiras, e polil-a; o escriptor mediocre a aceita tal e qual a encontra na boca de todos, sem curar de ennobrecel-a.

A mesma differença que se nota entre a prosa do romancista e a deste chronista, nota-se entre a delle e a dos outros chronistas que succedêrão á Azurára no officio, mas não no talento de escrever. Assim pode se nelles aprender a historia, ou antes a colligir e coordenar factos para ella, porque teem de ordinario o merito de veridicos; mas não, a escrever com gosto e elegancia, porque não primão pela belleza da dicção. Escrever rasteira ou *pedestrememente*, na phrase do critico latino, é para todos que se dedicão ao mister, mas escrever com elegancia e nobreza, para bem poucos: por isso neste periodo litterario que

conta aliás tanto chronista, só figurão tres escriptores verdadeiramente notaveis por seu talento, D. Duarte, Azurára, e Bernardim Ribeiro, nos quaes se pode aprender a formar o estylo guardada todavia a differença da linguagem, e dos tempos em que escrevêrão.

Tendo apreciado á Bernardim Ribeiro como prosador, ou como nosso primeiro romancista e poeta em prosa, passarei em outro discurso a analysar as comedias de Sá de Miranda, fazendo por hoje aqui ponto.

LICÇÃO XVII.

Tenho, senhores, de apreciar hoje como prosador, ou auctor de duas comedias em prosa, a um escriptor que já analysei como poeta, o Doutor Francisco Sá de Miranda, que florecêo na primeira parte do seculo XVI, ou no reinado d'el-rei D. João III, de quem foi particular amigo, segundo já ficou dito na noticia que vos dei de sua vida na licção decima segunda. Como poeta foi Sá de Miranda contemporaneo de Bernardim Ribeiro, de Gil Vicente, e mestre do Doutor Antonio Ferreira, que o respeitava como tal, e florecêo mais tarde; como prosador ou auctor de duas comedias em prosa, o foi de Bernardim Ribeiro, auctor do romance «Menina e Moça», e de Garcia de Rezende, chronista d'el-rei D. João II, pois não menciono senão os principaes escriptores de cada época.

No que respeita á linguagem e ao dialogo, são ainda as comedias de Sá de Miranda como as primeiras

escriptas em prosa, um documento precioso por sua antiguidade para o philologo apreciar as modificações, porque foi passando a lingua, que já então contava cerca de quatro seculos de existencia desde a época provavel de sua formação em principios do seculo XIII.—Si bem contenhão muitos adagios e rifões, não se notão nellas chocarrices grosseiras e obscenas como nos dramas de Gil Vicente, a cuja representação devêra o auctor ter assistido, pois tinha logar tão distincto na côrte d'el-rei D. João III, da qual erão elles o principal entretenimento. São escriptas em Portuguez mais culto, o que na infancia da arte já era um grande progresso; pois sendo ellas quasi da mesma data d'aquelles dramas, parecem por este só principio mais modernas um seculo, que elles.

Como obras de arte tem apenas hoje para os Portuguezes e os Brasileiros o merito de ser as primeiras do seu genero escriptas em lingua portugueza, pois os assumptos, o logar da scena, os personagens e os costumes, são todos italianos, e estão denunciando a fonte donde os derivou o auctor, ou a litteratura italiana d'aquella época, em que o papa Leão X fazia representar com grande apparato as comedias do cardinal Ribiena, e ainda as de Ariosto, posto que um tanto licenciosas.

Segundo referimos em sua biographia, viajou Sá de Miranda, com o fim de instruir-se, pela Hespanha, pela Italia e pela Scicilia. Elle proprio diz de si nos seguintes versos:

Vi Roma, vi Veneza, e vi Milão
 Em tempo de Hespanhóes, e de Francezes,
 Os jardins de Velença e de Aragão,
 Em que amor vive, e reina, e força ganha.

Na Italia pois bebeo o auctor o gosto do theatro italiano, como se infere de suas peças, que parecem imitações de peças d'aquelle theatro, si bem não apontem os eruditos os originaes, que lhes servirão de modelo, e sejam umas e outras imitação da comedia classica dos antigos. Inclino-nos n'esta parte á opinião de José Maria da Costa e Silva, porque si as comedias de Sá de Miranda fossem uma imitação directa das de Plauto e Terencio, teria elle, como portuguez, descripto costumes e caracteres nacionaes, e não italianos. O mencionado critico vai até dizer que o estylo das referidas comedias se parece muito com o da *Callandria* do cardeal Riviena, o que em verdade apenas prova que o dramaturgo portuguez tinha uma grande lição desse auctor.

Seja porem como fôr, não deixão as peças de Sá de Miranda que são duas, os *Estrangeiros*, e os *Vilhalpandos*, de ter caracteres bem sustentados, muito sal comico, elegancia no estylo, e de ser escriptas em linguagem depurada de obscenidades, o que denuncia bom senso, gosto, e criterio da parte do auctor que evitou estes vicios dos seus contemporaneos. Grande pois foi o serviço que com ellas prestou então ás lettras patrias, principalmente si se attender a que

foi o primeiro que escreveo para o theatro portuguez em estylo tão castigado. Os defeitos das suas peças, aliás communs a todas ás do seu seculo, são a falta de ligação nas scenas, os extensos e frequentes monologos, e a carencia de acção. A arte estava ainda em sua infancia, e os grandes effeitos theatraes nascidos de situações verdadeiramente dramaticas, erão para bem dizer quasi desconhecidos; por isso não devemos fazer carga ao auctor do que era defeito do seu tempo.

Si Sá de Miranda tivesse no em tanto descripto costumes e caracteres portuguezes em suas peças, que não deixão de ter merito intrinseco como comedias classicas, haverião ellas necessariamente influido no theatro portuguez, que começaria desde então a regularisar-se, ensaiando outras producções da mesma natureza, até chegar á perfeição do genero. Descrevêo porem infelizmente só costumes estrangeiros, que pouco ou nada devião interessar á expectadores nacionaes, e as suas peças cahirão no esquecimento, apezar da voga que lhes quiz dar o cardeal D. Henrique, fazendo-as representar em seu palacio, á imitação do que praticava o papa Leão X na sua côrte, para animar as letras, de que foi o maior protector no seu tempo.

É de notar que Sá de Miranda que levava muito a mal comporem alguns portuguezes seus contemporaneos obras na lingua latina, menospresando a portugueza, escrevesse tantas de suas poesias em Castelha-

no, e não d'esse de Portuguez ás suas comedias, mais que a linguagem em que as compoz. A contradicção não pode ser mais flagrante em quem se dizia amante e propugnador da lingua e lettras patrias. Os latinistas do seu tempo devião com razão lançar-lhe em rosto esta inconsequencia, a qual só tem, quanto a nós, a seguinte explicação. Sá de Miranda era homem de muita instrucção, mas de acanhado engenho, e mais philosopho que poeta; por isso nas suas composições imitadas de outras linguas não ousava fazer a alteração conveniente da forma e do fundo ao mesmo tempo, o que só é dado ao genio que crea, imitando.

Assim não obstante haver Sá de Miranda escripto em estylo mais decente que Gil Vicente, e serem as suas peças menos licenciosas que as deste, é Gil Vicente, não só auctor mais nacional, porem de maior engenho, que Sá de Miranda: mais nacional, porque os assumptos, caracteres e costumes de quasi todos os seus dramas são portuguezes: de maior engenho, porque ou cria quanto compõe, ou se apropria por forma tal o que imita, que parece original. Gil Vicente é grande poeta dramatico, guardada a unica differença dos tempos. Sá de Miranda, um poeta mediocre em todos os generos, de que tratou, menos o didatico e philosophico em que prima.

Quanto ao talento cómico de Sá de Miranda, ides vós mesmos aprecial-o, pelo primeiro acto e scena ultima do quinto de sua comedia, os *Estrangeiros*, que passarei a ler-vos.

ACTO 1.º**Amente mancebo, Cassiano ayo.****AMENTE.**

Já vens após mim Cassiano? que me queres? por vida se pode aver um tão pesado captiveiro?

CASSIANO.

Captiveiro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vos outros a tudo, mudaes os nomes como quereis, e ficaes contentes: eu, Amente, eu sou o captivo, que me trazes sempre após ti por onde queres.

AMENTE.

Ainda os escravos tem oras livres, tem suas sestas, eu sempre ey de jazer dehayxo deste jugo? que me queres? queres-me acabar de matar?

CASSIANO.

Mas tu que queres? queres te acabar de perder? Ó Amente, quão mal te ensinou a minha mansidão.

AMENTE.

Como? sempre ey de ser menino?

CASSIANO.

Agora te he a ti mais necesssario o teu ayo, que nunca.

AMENTE.

Não me dirás que me queres?

CASSIANO.

Guardar te que este hé o meu cargo, como me encomendou teu pay.

AMENTE.

De que me has de guardar?

CASSIANO.

Da tua doudice, pois queres que t'o diga.

AMENTE.

Cnydas que te ey de fugir?

CASSIANO.

Não andas tu nesses tratos. De Palermo não fugirás tu, mas de mim si. Ora já que tu fazes o que não deves, deyxame a mim fazer o que devo.

AMENTE.

Que desventura tamanha foi a minha!

CASSIANO.

A boa companhia, e os bons conselhos de seu ayo, chama este ora captiveiro, ora desventura, não suspires, cre me que te ey de seguir como a tua sombra.

AMENTE.

Essa não me segue polo escuro, e tu si. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarey a casa, hi que mal posso fazer? tu guarda a porta se quizeres.

CASSIANO (só.)

Hi lá tomar cuidado de filhos alheos. Onde ha isto de ir ter? Que se fez do acatamento que estes moços sobião de ter

a seus ayos? que não somente lhe ousavão de levantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, que ás vezes vos cumpre fazer que não vedes, e outras que não ouvis. A doudice não sabe ter meyor. A tanto são chegados, que gracejão, e dizem que já se não costumão ayos, como se fossem trajos curtos, ou longos, e dos velhos dizem que cantão por uma corda, e por fabordão. Ó pois que musica a sua delles, e que contraponto! muitos escarneos, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijão vos as mãos cem mil contos de vezes, cedo hão de beijar tambem os pés como ao papa, se elle não acode por seu estado. Entregão vos por escravos cos ferros nos pes, e cos ferretes nas testas, então quando os requereis, foy a mor mofina do mundo, porque aquillo só não podem. Ora da outra parte cotejay o canto chão dos nossos velhos, o seu si, pollo si, pollo não, não, o seu rego vay, rego vem, o seu dizer, e saber, qual aveis por melhor musica? Digo vos em boa verdade que o d'agora tudo parece escarneo quanto vedes, porem não se lancem os pays de culpa, que os crião tanto na vontade. Todos somos enfeitçados co estes filhos, depois que os danão, encomendão no los. Quanto ha que partimos de Valença, hiamos pera Rhodes, nosso amo quizera encostar este filho áquella Religião, estando aqui esperando passagem, vierão novas do cerco. Agora já dizem mais da tomada, temos gastado muito do tempo, e o dinheiro todo. Este moço namorou se me aqui, e perdeu o siso, eu ando em vesporas de perder tambem o rumo co elle, tenho escripto a seu pay que acuda, espero sua resposta, entre tanto ando assi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nace de ociosidade, e nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, e por isso o persigo co a minha presença, ao menos não falará tanto co aquelle seu grande privado Callidio.

Alda (moça de servir). Ambrosia (velha).

ALDA.

Assi hi como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço já grande detença.

AMBROSIA.

Bem dizes, Alda filha, se eu podesse, mas vou muito carregada.

ALDA.

De que tia ?

AMBROSIA.

D'oylenta annos que trago ás costas, e pesão muito.

CASSIANO.

Aa mingoa daquella carrega, anda meu criado Amente tão leve.

ALDA.

Mal he esse que todos desejamos.

AMENTE.

Com muitos outros de companhia que tu não dizes.

ALDA.

Que tais ?

AMBROSIA.

Estes homens filha principalmente.

ALDA.

Gracejas tia ?

AMBROSIA.

Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguém medo com outras almas peccadoras.

ALDA.

Não serão todos tão máos.

CASSIANO.

Ja aquella jaz. Medo ey que a velha acuda já tarde ao arroydo.

AMBROSIA.

Todos queremos fazer essa experiencia de novo, então filha quantos queixumes?

ALDA.

Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andão bebendo os ventos por ella.

AMBROSIA.

Assi queira Deos que não se solte tudo em ventos.

CASSIANO.

Como velha pratica, e sesuda.

ALDA.

He o Doctor Petronio tão rico.

AMBROSIA.

Bem o sey, mas tu dizes tão rico, e não dizes tão calvo.

ALDA.

Diz que a tomará em camisa.

CASSIANO.

E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomará nua.

ALDA.

E a isso cuido que es agora chamada, porque o Doctor aperta muito.

CASSIANO.

Que me matem se esta não he a paixão em que agora anda o doudo de meu criado Amente.

AMBROSIA.

Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia, Religioso como elles soião de ser, tanto lhe deixou do seu, que Betrando a pode casar sem lhe custar nada, e mais com tal ajuda de Deos como he parecer seu, e o siso,

ALDA.

La saberás tudo, não façamos mais detença.

CASSIANO (só.)

Se esta moça verdade conta, empresto eu a nosso amigo huns poucos de mãos dias com suas noites, que o negocio de Doctor he de siso, não pera elle, mas pera Betrando, e pera a moça tambem, se ella he sesuda como diz a velha, fallo como se costuma de fallar, que todos nos lançamos a este proveito do Doctor, crede se a colhe ás mãos, que elle terá cuidado de fechar suas portas, e janellas a tempo, então deixay vós ao doudo rodear a casa, e sospirar toda a noite, vós todavia não duvideis, que entre tanto o sono não preste mal ao coytado do velho, e desconfiado. Ah que queremos forçar tudo, e a natureza tambem. Velho namorado com moça fermosa, e empolada, não ha hi pera dois dias, depois não lhe hade falecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por sua alma tanto ás suas custas. Mas deixemos a cada hum fazer suas contas, e cuidar que as acer-

ta, prouvesse a Deos que visse já o casamento feito, o Doctor entraria em fadiga, eu polla ventura sayria della.

Dorio (casamenteiro). Cassiano (ayo).

DORIO.

Até quando traremos nós ao pescoço este jugo dos Hespanhoes? até quando jaremos neste sono, e neste esquecimento da nossa liberdade?

CASSIANO.

Tambem este vem bracejando, e fallando consigo.

DORIO.

Quando lhe contaremos nós outras vesporas Ceciliaanas como fizemos aos Francezes? venha (como dizem) o diabo escolha, todavia o Francez roubate, e convidate, o Hespanhol sempre quer senhorear, como se pode sofrer tanto senhor capitão?

CASSIANO.

Coytados que neste murmurar nos mantemos.

DORIO.

Se a terra destes he como elles dizem, que buscão na nossa? ó ilha tão abastada, e tão rica por teu mal? Mas vejo quem buscava.

CASSIANO.

A mim se vem, não o conheço, que me quererá?

DORIO.

Senhor meu, quando o assi por bem ouvesses, relevame muito ouviresme duas palavras.

CASSIANO.

Não digo eu duas, mas duas mil, se tantas mandares.

DORIO.

Polla tua humanidade, e cortezia: Ora a mim me chamão Dorio, não sey se me conheces, mas sou muito conhecido nesta cidade, por tratar meu officio muytos annos ha com grande limpeza, e fieldade:

CASSIANO.

E que officio he o teu?

DORIO.

Grande e de muita confiança.

CASSIANO.

Que tal?

DORIO.

Casamenteiro, a serviço de Deos, e dos bons.

CASSIANO.

Pera tratar tamanha e tão santa cousa como he o casamento, não se podia escolher salvo pessoa das calidades que deve d'aver em ti.

DORIO.

Não pollo eu merecer, mas faço todavia pollo não desmerecer. E vindo ao meu caso, digo que vivendo eu aqui em paz, e amor de todos, servindo meu officio como todo mundo sabe, agora já no derradeiro quartel da vida, hum mancebo de que me dizem que tens carregos anda de todo posto em me matar.

CASSIANO.

Matar, ou como?

DORIO.

E mais sobre meu officio.

CASSIANO.

Quem te disse tal ?

DORIO.

Muitos, e antre os outros elle mesmo.

CASSIANO.

Conta mo.

DORIO.

Passando por mim ameaçou me mordendo hum dedo da mão, e dizendo não sey que palavras.

CASSIANO.

São braburas de Palermo.

DORIO.

Hi vê homem cada dia matar muitos.

CASSIANO.

Inda esse que dizes tem por matar o primeiro.

DORIO.

Não queria que começasse em mim.

CASSIANO.

Justiça ha na terra.

DORIO.

Despois d'eu morto quer a aja, quer não.

CASSIANO.

Não que a sua pelle te guardará a tua.

DORIO.

A muitos a não guardou, que sey eu de quaes serey ?

CASSIANO.

Não cuides somente nesse cachoparrão.

DORIO.

Esses, senhor meu, são os que eu arreceo que não os velhos, sesudos, lançadores de contas. Ando assi como vês metido neste mantão, huma mão sobre a outra, que mais he matarme a mim que a huma ovelha ?

CASSIANO.

E porque ha de matar ninguem essa ovelha ?

DORIO.

Huns pella lãa, outros pella pelle.

CASSIANO.

Conhecelo tu bem ?

DORIO.

Assi o não vira nunca, nem elle a mi.

CASSIANO

Por te pôr esse medo te ameaçou ? agora se a ti fosse andaria eu mais seguro.

DORIO.

Amigo, e senhor meu, mais gente mata o descuido, que os cuidados. He me necessario dar mil voltas á cidade de dia, e de noite, digo te que ey medo aos acontecimentos, quanto mais aos propositos.

CASSIANO.

Tenslhe feito algum agravo.

DORIO.

Não qué eu sayba.

CASSIANO.

Que te diz o coração ?

DORIO.

Não me sey affirmar, mas pode ser que por ir á casa de Be-
trando, onde já não vou, no que recebi a perda que Deos sabe.

CASSIANO.

De cujo mandado hias lá ?

DORIO.

Isso não posso dizer, que são segredos do officio, que
tenho.

CASSIANO.

E a esse teu matador que lhe vay nisso? Que has, porque
cospes ?

DORIO.

A longe vá máo agouro.

CASSIANO.

Porque lhe chamey teu matador? calla te que não te ha
por isso de matar.

DORIO.

As vezes se dizem as palavras em tal conjunção.

CASSIANO.

Grandes arreceos trazes a esta tua vida.

DORIO.

Tenho necessidade della pera mim, e toda minha gente.

CASSIANO.

Que lhe vay a esse mancebo nisso ?

DORIO.

Não sey, elle o saberá.

CASSIANO.

Ora Dorio amigo meu, quanto ao medo não sey que te faça, que não he em mi tirarto, no mais farey quanto em mi for, não te posso prometer mais.

DORIO.

Nem eu pedirte mais, e porem isso te peço muytas vezes.

CASSIANO.

E eu muitas to prometo, descansa que não será nada.

DORIO.

Assi queira Deos.

CASSIANO.

Este doudo em que anda cuida que pelas suas ameaças ha elle de ficar por casar. Huma ora do dia que se me furta, logo deixa rasto por onde vay, que faria se lhe eu tanto não desse em que entender. Ouve dó do pecador que se dá por morto, e tremiãolhe os beiços que badalejava. Ora me deixay co doudo que por isso o ey de perseguir mais. Isto ganhará co as suas ameaças, quero ir ver o que faz.

Amente. Callidio. Devorante.

AMENTE.

Tais novas me trazes tu Callidio com tal rosto ? Não te pu-

de ser bom no teu mal, perdoame, e ajudame a soffrer tanto bem, que não tenho outrem com quem o parta.

CALLIDIO.

Do mal partistes comigo bem, do bem partirás mal.

AMENTE.

Não me doeo nada menos que a ti.

CALLIDIO.

Não sey, mas bem te punhas em salvo.

AMENTE.

Lá me coube o meu quinhão.

CALLIDIO.

Mostrame ora em ti algum sinal dos meus açoutes por este corpo.

AMENTE

Não terião menos os meus se os podesses ver.

CALLIDIO.

Pois eu não recebo pagas invisiveis.

DEVORANTE.

Quanto que sabe este malvado c'o elle me tenho.

AMENTE.

Assi me contas de Reynaldo, e que he Lucrecia sua filha e filha tambem espirital do Doctor ?

CALLIDIO.

Assi passa.

DEVORANTE.

Hum destes anda fóra de si com dôr, outro com ciumes, não lhes creio nada.

AMENTE.

Ó Callidio amigo da minha alma, que te direy? que te darey? que te farei? por taes novas, e a tal tempo?

CALLIDIO.

Outras taes alviçaras como as de teu pay, que em fim estes são os vossos galardões.

DEVORANTE.

O' falso como os conheces bem.

AMENTE.

Ey medo que me dê o miolo volta c'o prazer.

CALLIDIO.

E a mim c'o pesar.

AMENTE.

Prometto-te que eu te agalardoe como tal obrigação merece.

CALLIDIO.

A vosoutros mais vos lembra um serviço por fazer que cento feitos.

DEVORANTE.

Dayo ao diabo, que inda falla a proposito.

AMENTE.

Como se pode desempeçar tal meada em tão pouco tempo.

CALLIDIO.

A verdade logo vay por diante, e foy grande ajuda a velha que oje achei com Alda.

AMENTE.

O Doctor estaria finado.

CALLIDIO.

Todavia elle fallava.

AMENTE.

E que ?

CALLIDIO.

Huns poucos dos seus latins.

AMENTE.

Que taes ?

CALLIDIO.

Alevantou dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes, e espirituaes, concluyn-do todavia que naquelle caso cabia dispensação.

AMENTE.

Como dispensação.

CALLIDIO.

E ainda te digo que soltou huma má palavra.

AMENTE.

Que tal triste de mim.

CALLIDIO.

Disse que por dinheiro não ficasse, e bateo na bolsa.

AMENTE.

A essa não chamas tu mais que má palavra ? Chamolhe eu mortal.

CALLIDIO.

Mas sabes quem desatou todos aquelles empeços, e razões Doctoraes.

AMENTE.

Quem Callidio ?

CALLIDIO.

Lucrecia.

AMENTE.

Como ?

CALLIDIO.

Disse que não queria que toda sua vida fora orfãa, e estrangeira, agora que lhe deixassem ir servir aquelle pay, a que tanto devia, e logralo algum tempo.

AMENTE.

O feito de Lucrecia ?

DEVORANTE.

Estava recolhendo novas pera o meu soldado, agora ellas todas entornadas, que deixará logo o Doctor, e ha de querer pôr toda Valença á espada.

AMENTE.

Como podestes saber tanta cousa em tão pouco tempo ?

CALLIDIO.

Tive cuydado.

AMENTE.

E eu terey lembrança.

CALLIDIO.

Pera quando.

AMENTE.

Bem ves tu que eu agora não posso.

CALLIDIO.

E depois não quererás.

DEVORANTE.

Evangelho. Mas porque me não vingo eu deste roym de Callidio, e que lhe tardo mais? Deos vos salve, e a ti Callidio prol faça.

CALLIDIO.

Passo que fallamos segredo.

DEVORANTE.

Não hias tu oje de tão má graça, quando trovavas de improviso.

CALLIDIO.

Nem tu de tão boa. Serão milagres do vinho.

DEVORANTE.

Isso se poderá dizer mais por ti, pois te convidarão em chegando.

CALLIDIO.

E tu em convites.

DEVORANTE.

Durate ainda aquella vea de trovar, romperemos aqui hum par de lanças por festa diante de Amente.

AMENTE.

Deixão pera outra hora Devorante, que temos al em que entender.

DEVORANTE.

Ja ey de ver pera quanto he, que não me valeo c'o elle ereita, nem sopee.

DEVORANTE.

Callidio j'eu vi outro homem
 Mas são das costas que ti,
 Porque te torces assi?
 Pulgas sey que te não comem,
 Vergões pode ser que si.

CALLIDIO.

Devorante que se tanja,
 Que se cante em parayso,
 Não he aquella a tua granja,
 Pois se lá falla de siso,
 E não he terra de manja.

DEVORANTE.

Não valha que não foy polos consoantes.

AMENTE.

Não seja mais, ambos o fizestes bem.

DEVORANTE.

Tudo se faça oje á tua vontade, e tudo seja festa.

CALLIDIO.

Donde aventou este corvo carniçar a carniça?

DEVORANTE.

E errey oje a tua que foy arrezoadada.

AMENTE.

Não lhe respostas Callidio. E tu Devorante não falles mais
 sob pena de te ser aquella porta cerrada em quanto aqui es-
 tivermos.

DEVORANTE.

Não me verás mais boquejar.

AMENTE.

Ora nós vamos cear com meu pay.

DEVORANTE.

Elle mesmo me convidava pouco ha.

CALLIDIO.

Eu não vou por agora a essa casa, perdoarmehas.

AMENTE.

Como, e tu só me has de fallecer, em quem eu tinha toda minha esperança?

DEVORANTE.

Vem cá Callidio, dame essa mão, sejamos amigos, e direy como façamos, que eu tambem não me fio ora muito de ninguém. Acompanhemos Amente até a porta, dahi espreitaremos, e assi como veremos, assi averemos nosso accordo. Já sabes o que se diz, não te fies, e não te enganarão.

AMENTE.

Ditos de gente baixa, e desconfiada. Hi comigo seguramente.

O REPRESENTADOR.

Não forão necessarios rogadores, nem arengas, o filho lançou-se por terra aos pés do pay, elle c'os olhos cubertos dágoa alevantou, de huma parte, e da outra as lagrimas sopri-rão por palavras. A cea fezse prestes. Ao Doctor, e ao soldado não fallecerão outros amores, as outras festas hão se de fazer em Valença de Aragão.

Nas scenas do primeiro acto que acabei de ler-vos nota-se certamente naturalidade no dialogo, sal comi-

co, elegancia de estylo, e pureza de linguagem, mas a ausencia de acção começa a sentir-se logo desde o primeiro acto. Lucrecia, a moça pretendida em casamento e requestada por não menos de tres amantes, nunca apparece em scena nem ao menos para ser vista; tudo se passa entre os amantes desta beldade invisivel e os truhães ou terceiros. Entretanto que partido não podia o auctor tirar das entrevistas entre Lucrecia e seus amantes! Que lances dramaticos, ou pelo menos comicos não nascerião dellas para despertar interesse no espectador! Ha personagens que apparecem uma só vez sem que se saiba verdadeiramente ao que vem, como a velha Ambrosia e a moça Alda. A ausencia de acção continúa por toda a peça, e por conseguinte a falta do vivo interesse que só ella podia excitar, si fosse bem sustentada. A comedia nada obstante faz rir pelos incidentes comicos e facecias de bom gosto que contem, mas isto é apenas o accessorio. Tudo n'uma palavra denuncia a infancia da arte.

O desfecho, como vêdes na scena ultima do quinto acto, não pode ser mais frio. Nada se passa em acção; tudo é transmittido por terceiro, e por conseguinte friamente. Galbano, pae de Amente, nunca se encontra com o filho, apesar de apparecer em scena para saber novas delle. Lucrecia não casa com nenhum dos tres pretendentes, vai viver na companhia de seu pae Reinaldo. Mais natural seria o desfecho, si ella casasse com Amente, que se mostra tão jubiloso, só

porque a sua pretendida não casa com o Dr. Petronio. Assim só parece que o auctor não teve ousadia para dar á sua peça um desfecho dramatico e satisfactorio, como o faria um homem de genio, ou que imitou servilmente os dramaturgos italianos.

Aos defeitos apontados se deve juntar o de falta de ligação nas scenas, donde resulta ficar não poucas vezes o theatro vasio e ás moscas. Ha no em tanto muito que aprender nas peças de Sá de Miranda no que se refere á linguagem e dotes do estylo dramatico, porque ellas contem grande numero de adagios e proverbios em que reflecte o estylo sentencioso do poeta philosopho, portuguez puro e castiço, dialogo natural e bem sustentado, xiste e sal comico.

Eis sobre as comedias deste auctor o juizo de Jos Maria da Costa e Silva:—

«Francisco de Sá de Miranda (diz o mencionado critico) compoz duas comedias os *Vilhalpandos* e os *Extrangeiros*. Estas comedias são em proza, e nellas não ha nada portuguez, afóra a linguagem, em que estão escriptas: local da scena, acção, costumes, caracteres, nomes, tudo é italiano. Não falta, é certo, a estes Dramas nem força comica, nem bastante jocosidade, porem a cada passo se encontrão nelles cousas, que denuncião a infancia da arte, e a falta de conhecimento do effeito theatral; extensos dialogos e muitas vezes pesados, falta de ligação entre as scenas, de que resulta mil vezes ficar o theatro vasio, pouca acção, e menos interesse, e soliloquios, sem termo,

nem fim. O Poeta dá a entender, que o seu fim havia sido imitar Plauto e Terencio; póde ser, mas parece-me que essa imitação não foi directa, mas feita pelas imitações, que os italianos havião feito daquelles; pois o seu estylo se parece muito com o da *Calandria* do Cardeal Ribiena, e se devo dizer o que sinto, é muito natural que estes dous dramas não sejam mais do que imitações de alguns dramas hoje desconhecidos, a cuja representação o Author tivesse assistido na Italia.»

«As comedias de Sá de Miranda, apesar dos seus visíveis defeitos, e dos seus desgraçadissimos desfechos, forão representadas com todo o apparatus, e pompa no Palacio do Cardeal D. Henrique, que fazia dellas muito apreço e até as mandou imprimir á sua custa, depois da morte do author.»

.....
 «O Poeta ficou muito satisfeito com os applausos com que as acolheo o auditorio, composto de Fidalgos, Prelados, Frades, e outros Ecclesiasticos, reunidos no Paço do Infante Cardeal, mas se nesse tempo existisse em Lisbôa um theatro publico e nelle se representassem as duas comedias, é mais que provavel, que lá não fossem recebidas tão lisongeiramente.»

Não é pois como grande escriptor que apresento Sá de Miranda á vossa consideração, porque, com quanto seja melhor prosador que poeta, é como tal ainda mediocre; mas como um escriptor que sendo

dos primeiros que florecerão n'uma época em que a lingua passou por nova modificação, e o primeiro incontestavelmente que em Portuguez compoz comedias em prosa, merece ser estudado para se conhecer o progresso que fez a lingua e arte dramatica, das quaes a primeira se polia, e a segunda estava para bem dizer na infancia, não obstante o anterior apparecimento dos dramas de Gil Vicente. Os motivos em summa que me impellirão a analysar este auctor de segunda ordem na qualidade de prosador, forão os mesmos que tive para apreciar-o como poeta, qualidade em que é inferior, não só a Ferreira, mas até a Bernardes e a Caminha, poetas assas mediocres, como se vê do juizo de José Maria da Costa e Silva, que continúo a reproduzir.

«Sá de Miranda conhecia a fundo a lingua Grega, e Latina, mas a leitura dos grandes poetas de ambas as linguas, nada, ou pouco lhe aproveitou para aperfeiçoar o seu estylo, dando-lhe a correcção, e elegancia, que são a alma da poesia. Contemporaneo de Ferreira, Bernardes, e Caminha, que o respeitavão como mestre, se cotejamos a sua linguagem com a delles, parece ser-lhes anterior, pelo menos de um seculo. Não soube versificar, nem colorir como elles, como não os iguala em variedade, em imaginação, e pureza; e com tudo a sua reputação se tem conservado até hoje sempre respeitada; que maior prova de que, apesar dos seus defeitos, ha nelle um merito real.»

Quanto á linguagem das comedias deste auctor, é, não obstante certo resaiibo de antiguidade um pouco affectada para o tempo em que forão escriptas, talvez a melhor qualidade dellas, por ser, como fica dito, castiça e estreme das expressões grosseiras e obscenas que se notão nos autos de Gil Vicente. Assim si se compara a de um com a de outro auctor dramatico, vê-se que Gil Vicente conservou-nos a linguagem popular da época sem exclusão da da praça publica, e Sá de Miranda, unicamente a culta; o que já prova neste, apesar de inferior áquelle em talento poetico, não pequeno progresso na arte dramatica. O gosto para o estylo culto no drama foi sem duvida bebido pelo ultimo que era, como se sabe, contemporaneo do primeiro, nos theatros da Italia, o paiz da Europa, onde então mais florecião as lettras.

A prosa de Sá de Miranda, ainda dado o desconto que vai do discurso entrecortado ao seguido, não é harmoniosa como a de Bernardim Ribeiro, a quem o primeiro é inferior quer como poeta, quer como prosador, mas tem de ordinario mais numero, que a dos chronistas que succedêrão á Azurára. Cumpre notar nos escriptores desta época, e com especialidade nos tres citados e D. Duarte, o frequente uso dos verbos pronominaes, que erão então em muito maior numero na lingua, do que hoje, e contribuião para dar mais expressão e harmonia ao dizer. Outro uso que tambem muito concorria para a harmonia da phrase, era a frequente deslocação dos pronomes chamados con-

unctivos, o qual ainda passou para a época immediatamente posterior, como a cada passo se nota em João de Barros.

Tendo apreciado como prosador o nosso primeiro poeta philosopho, passarei em outro discurso a analysar as poesias do Dr. Antonio Ferreira, que já pertence ao segundo periodo litterario, que nos havemos traçado.

FIM DO 1.º VOLUME.

INDICE

DO

PRIMEIRO VOLUME.

INTRODUÇÃO Pag. V

SECÇÃO I.

Discurso preliminar, que comprehende a definição, divisão, objecto e fim da litteratura, bem como o melhor methodo de a ensinar e aprender em cursos, em que se comece a analyse pelos poetas que em quasi todas as litteraturas precederão aos prosadores—Introdução sobre a lingua em sete licções ou discursos, que comprehendem a origem, formação, polimento, fixação, florecimento, decadencia, restauração, ou todas as alternativas de progresso e decadencia da lingua portugueza desde a época de sua formação em fins do seculo XII ou principios do XIII até meados do seculo XIX ou até nossos dias, acompanhando sempre as da litteratura, e da existencia politica da nação, com a enumeração dos principaes poetas e prosadores, que a polirão, fixarão, abrilhantarão, corromperão, restaurarão, e um juizo succinto sobre os mesmos.

| | | |
|-----------------------|---|----|
| Licção I | « | 1 |
| Licção II | « | 13 |
| Licção III | « | 25 |
| Licção IV | « | 37 |
| Licção V | « | 49 |
| Licção VI | « | 59 |
| Licção VII | « | 67 |
| Licção VIII | « | 77 |

SECÇÃO II.

Comprehende os poetas do primeiro periodo litterario que decorre desde fins do seculo XIII até meados do seculo XVI. El-rei D. Diniz; sua biographia; seu Cançãoeiro; apreciação de algumas de suas trovas; origem provavel de certos ternos provençães ou catalães, que nellas se encontrão. Bernardim Ribeiro; sua biographia; suas poesias; apreciação de um do seus romances; digressão sobre os romances populares; apreciação de uma de suas eglogas; paraphrase de uma passagem de Virgilio em outra. Gil Vicente; sua biographia; seus autos, farças e tragicomedias; apreciação da sua farça Iguéz Pereira. Sá de Miranda; sua biographia; suas poesias; apreciação de uma de suas cartas, e de duas outras poesias de diverso genero.

| | |
|---------------------|---------|
| Licção IX | Pag. 87 |
| Licção X | « 103 |
| Licção XI | « 123 |
| Licção XII. | « 153 |

SECÇÃO III.

Comprehende os prosadores desde o segundo quartel do seculo XV até meados do seculo XVI. El-rei D. Duarte, primeiro prosador portuguez; sua biographia; seu Leal Conselheiro e sua Ensinança da Arto de cavalgar Toda Sella; analyse do melhor dos capitulos XIX e XLIV da primeira destas obras. Gomes Eannes de Azurára; sua biographia; sua Chronica de Guiné, e outros escriptos seus, analyse dos capitulos II e IX da primeira destas obras. Garcia de Resende; modificação por que passou a lingua portugueza no principio do seculo XVI; biographia do referido auctor; sua Chronica d'el-rei D. João II; analyse do capitulo XLVI desta obra. Bernardim Ribeiro, sua Menina e Moça; analyse do capitulo II da primeira parte, e dos XII e XXIII da segunda desta obra. Sá de Miranda; suas comedias.—Os Estrangeiros, — os Vilhalpandos; analyse de algumas scenas do primeiro acto da primeira.

| | |
|----------------------|-------|
| Licção XIII. | « 175 |
| Licção XIV. | « 193 |
| Licção XV. | « 211 |
| Licção XVI. | « 229 |
| Licção XVII. | « 251 |

ERRATA

AO

PRIMEIRO VOLUME.

| Pag. | Linhas. | Erros. | Emendas. |
|------|---------|--------------------------------|--------------------------------|
| 1 | 9 | decadencia | decadencia |
| » | 12 | seculo IX | seculo XIX |
| 3 | 21 | gramatica | grammatica |
| 4 | 7 | Limittado | Limitado |
| 6 | 6 | caracteriscas | caracteristicas |
| 7 | 25 | demais | de mais |
| 10 | 12 | Moisés | Moysés |
| 13 | 3—4 | aperçoamento | aperfeiçoamento |
| 19 | 3 | luta | lucta |
| 21 | 21 | nos, | noz; |
| 22 | 3 | letras | letrras, |
| 29 | 26 | escrecer | eserever |
| 30 | 22 | revella | revela |
| 32 | 26 | As terminações em, <i>on</i> , | As terminações em, <i>om</i> , |
| 35 | 25 | afflictivos | afflictivos |
| 38 | 16 | immoral | immortal |
| 43 | 1 | Asarara | Asurara |
| » | 22 | Bragança | Bragança |
| » | 29 | partria | patria |
| 56 | 14 | nivellava | nivelava |
| 63 | 2 | Methamorphoses | Metamorphoses |
| » | 27 | tyranico | tyrannico |
| 75 | 21 | Aborgienes | Aborigines |
| 80 | 26 | clasicos | classicos |
| 92 | 8 | ennobreceu | ennobreceo |
| 94 | 21 | ortographia | orthographia |
| 97 | 3 | vassalo | vassallo |
| 105 | 2 | 1859 | 1559 |
| 117 | 14 | á ami | á mi |
| 149 | 18 | que arte | que a arte |
| 150 | 5 | víria | riria |
| » | 16 | mais que que | mais que |
| 154 | 11 | injustica | injustiça |
| 156 | 3 | fallar a verdade | fallar verdade |
| 181 | 20 | todos tempos | todos os tempos |
| 191 | 29 | synonima | synonomia |
| 221 | 11 | o patrimoniaes | os patrimoniaes |
| 226 | 23 | inflingir | indigir |

| Pag. | Linhas. | Erros. | Emendas. |
|------|---------|------------|------------|
| 231 | 3 | pos. | pos— |
| » | 7 | Saboia— | Saboia. |
| » | 18 | pitoresca | pittoresca |
| 240 | 8 | aquella | aquella |
| » | 12 | Afirmou-se | Afirmou-se |
| 248 | 17 | boca | bocca |
| 252 | 28 | Seicilia | Sicilia |
| 253 | 17 | Riviena | Ribiena |
| 255 | 1 | d'esse | désse |
| » | 8 | Devovante— | Devorante, |
| 276 | 15 | Jos | Jose |

ANNEXA

